

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Camila Araújo Alves

**AQUI PODE CACHORRO: Histórias crip de uma mulher-cega-
COM-cães-guias**

Orientadora: Profa. Dra. Marcia Oliveira Moraes

Rio de Janeiro, Dezembro de 2022

Camila Araújo Alves

**AQUI PODE CACHORRO: Histórias crip de uma mulher-cega-COM-
cães-guias**

Tese apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Psicologia da Universidade
Federal Fluminense como requisito parcial à
obtenção do título de Doutora em Psicologia.
Área de concentração: Estudos da Subjetividade.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marcia Oliveira Moraes.

Rio de Janeiro

2022

Camila Araújo Alves

AQUI PODE CACHORRO: Histórias crip de uma mulher-cega-COM-cães-guias

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Psicologia. Área de concentração: Estudos da Subjetividade. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marcia Oliveira Moraes.

Aprovada em 09 de dezembro de 2022.

Banca Examinadora

Marcia Oliveira Moraes (orientadora)

Dolores Cristina Gomes Galindo (UFCG/UNESP)

Joana Belarmino de Sousa (UFPB)

Juliana Fausto (UFPR)

Marivete Gesser (UFSC)

Eu dedico este trabalho aos animais, aos meus e a todos os animais no mundo.

Dedico também este trabalho a todos os humanos que se abriram para se relacionar com os animais de forma a resguardar a dignidade deles.

Agradecimentos

Chego aos agradecimentos deste trabalho tomada de emoção. Este trabalho é sem dúvida uma grande conquista de uma mulher-cega-COM-seus-cães-guias, mas uma conquista que só foi possível com muita gente. Aqui eu agradeço de forma muito profunda minha amiga e orientadora Marcia Moraes, com quem trilhei todo o meu caminho acadêmico, da Graduação até aqui. Marcia vem há muitos anos me conduzindo lindamente por uma academia que também cuida, que cura. Marcia foi, em todos esses anos, parceira de todas as alegrias e dores que me trouxeram até aqui. Deixo registrado aqui minha gratidão por Marcia, que participou muito de perto da construção da mulher que hoje sou.

Eu agradeço imensamente à toda minha família, em especial minha mãe e minha irmã. Passamos por anos muito difíceis, que ainda cuidamos em nós. Obrigada por toda a força, por vibrarem juntas. Agradeço ao meu pai, para quem também dedico esta tese.

Às companheiras que aceitaram compor esta banca, que trabalham em diferentes campos para a construção de um mundo que caibam mais e diferentes corpos, obrigada pela parceria e obrigada também por terem sido a todo momento referências para este trabalho.

À Astor e Pucca eu agradeço por terem chegado em minha vida, por terem escrito comigo este trabalho e uma enorme parte da minha história. À Pucca eu também dedico estas histórias. Me sinto hoje uma mulher feita por cães, que ainda que tenham partido, seguem vivos dentro de mim.

Eu sou profundamente agradecida também ao trabalho e a amizade de George Thomaz Harrison, instrutor dos meus e de tantos outros cães-guias. Seu trabalho mudou a minha vida.

Termino esse processo profundamente agradecida ao PesquisarCOM, grupo de orientação com o qual estudei, troquei, aprendi, ri e chorei nesses anos de Doutorado.

Às minhas parceiras e parceiros com deficiência, com quem tanto pude trocar, aprender e ensinar, que foram descanso, refúgio e pertencimento, muito obrigada.

Por fim, agradeço a cada um de meus amigos que não me deixam sozinha em nenhum minuto. "Quem tem amigo, tem tudo". Agradeço aos que acreditam em mim mais do que eu mesma, aos que estiveram muito perto e aos que estão de longe. Agradeço à Maíra pela irmandade, que junto com o Tom, me dão uma família. Agradeço ao Wallace por estar presente, aventurar-se comigo, pela confiança e pelas risadas. Ao Luiz, por refazer a minha casa, e ao Rafa por me ajudar nesta jornada. À Marcia por ter dividido a guarda da Pucca comigo, me possibilitando ter ela bem perto até o fim. À Nira, uma beleza que o Mestrado me

trouxe, agradeço pela leve presença sempre. À Rapha, um brinde ao nosso encontro. À Maria Rita, por ser minha leitora durante todo o processo de escrita.

À Fernanda, com quem divido o Nexo, um sonho que virou nosso projeto, com quem divido muitos dias, alegrias, dores e amores, obrigada!

Resumo

Sejam bem-vindes todes que aceitaram a aventura de ler este trabalho. A tese que apresento foi tecida a partir das histórias de uma mulher-cega-COM-cães-guias, histórias crip, histórias de novas corporalidades, novas temporalidades. Esta tese pretende conduzir vocês, leitores, a pensar sobre a relação com a deficiência a partir de uma positividade, de uma experimentalidade. Através dos relatos apresentados, conceitos como espécies companheiras, capacitismo, amor, intimidade e muitos outros vão teoricamente costurando essa experiência, que é pessoal e também política. Aqui vocês terão a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o trabalho dos cães-guias e compreender a habilidade do trabalho que realizam e como constroem ativamente as relações aqui apresentadas. Esta é uma tese sobre política, sobre animais, sobre uma Psicologia que leve em conta os animais de modo responsivo, sobre uma vida e sobre uma Psicologia contaminada por outras espécies, por outras vidas. Esta é uma tese sobre a vida.

Deficiência; Espécie companheira; Capacitismo; Cão-guia.

Abstract

Welcome everyone who accepted the adventure of reading this work. This thesis was created from the stories of a blind-woman-WITH-guide-dogs, cripp stories, stories of new corporalities and new temporalities. This thesis intends to lead you, readers, to think about the relationship with disability from a positive and experimental perspective. Through the presented reports, concepts such as companion species, ableism, love, intimacy and many others will be theoretically sewing this experience, which is both personal and political. Here you will also have the opportunity to learn a little more about the work of guide dogs and understand the skill of the work they perform and how they actively build the relationships presented here. This is a thesis about politics, about animals and about a Psychology that takes animals into account in a responsive way, about a life and a Psychology permeated by other species, other lives. This is a thesis about life.

Disability; Companion species; Capacitism; Guide dog.

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 1 - Pucca no gramado	12
Figura 2 - Astor e Camila	35
Figura 3 - Pucca, Camila e George	36
Figura 4 - Astor em pé com uniforme de trabalho	37
Figura 5 - Camila e Astor na calçada do Rio de Janeiro	49
Figura 6 - Pucca e Camila posando na calçada	50
Figura 7 - Pucca e Camila caminhando em calçada estreita	65
Figura 8 - Astor deitado usando equipamento de trabalho	66
Figura 9 - Reclining Nude, de Basquiat	82
Figura 10 - Astor deitado de barriga para cima	82
Figura 11 - Pucca com fones de ouvido	101
Figura 12 - Astor e Pucca deitados no tapete da sala	103

SUMÁRIO

	Página
1 - Delicadamente, ela foi...	12
2 - Essa tese começa com em uma carta ou “Evoluímos quando levamos nossos cães a sério”	16
2.1 - A carta	18
2.2 - Localizando o leitor	25
2.3 - Composições	29
2.4 - Boas dicas	35
3 - Entre pés e patas, um mundo que se faz	38
3.1 - Expectativa x Realidade	42
3.2 - Encontros entre espécies	44
3.3 - O que dizem e o que é	46
3.4 - Boas novas dicas	49
4 - Sempre falamos de algum lugar e somos sempre ouvidos	50
4.1 - O pessoal e o político	53
4.2 - A mediação	57
4.3 - Afetar e ser afetado	61
4.4 - Mais dicas frescas	65
5 - O que faz um cão-guia é trabalho?	67
5.1 - Nuances	69
6 - Que versões de mundo o trabalho do cão-guia é capaz de criar?	74
6.1 - Leveza	76
6.2 - A hora de parar	89
7 - A deficiência como marcador da diferença e o encontro com os animais	90
	10

7.1 - O que é essa ligação, então? É amizade ou amor? É empatia?	96
7.2 - Mais dicas	101
8 - Fêmea trabalha melhor do que macho?	103
9 - A inacreditável despedida	106
10 - Referências bibliográficas	110

1 - Prólogo: Delicadamente, ela foi...

Figura 1. Pucca no gramado.



Descrição da imagem: Essa é uma foto da Pucca, uma Golden Retriever dourada, com os pelos do focinho esbranquiçados. Ela está com a língua de fora e deitada em um gramado, mas a foto é basicamente ocupada pelo seu rosto. Essa foto foi tirada em uma das últimas vezes que fomos passear no Aterro do Flamengo, no ano passado. Na foto tem escrito: Pupu, pra sempre.

O choque com o avançar de sua idade veio com o anúncio de sua aposentadoria, feito pelo seu instrutor. Pucca, uma Golden Retriever, tinha-me como sua humana há oito anos. Nos conhecemos no ano de 2010, quando a recebi como minha primeira cão-guia. Sua chegada veio como uma promessa de mais liberdade, mais autonomia... e eu mal sabia que ela também traria mais vida, mais alegria, mais companhia, mais amor.

Ela era enorme, emanava um ar soberano e sedutor. Cheia de energia, acompanhava-me o dia inteiro pela cidade: das aulas da faculdade aos bares, do Mestrado ao consultório onde eu trabalhava, das salas de cinema às galerias de arte. Ao lado de Pucca, tornei-me mulher, tornei-me psicóloga, tornei-me Mestre, tornei-me mais humana, tornei-me mais eu.

Pucca teve uma vida de partilha e sua vida deu sentido a minha, minha vida deu à Pucca uma história. Que generosa ela foi! A sintonia era tanta que o cansaço dela era também o meu, que a desaceleração do ritmo dela era também a desaceleração do meu. Simplesmente pela naturalidade de nos acompanharmos, pela proximidade com a qual vivíamos, que me tirou a possibilidade de perceber a situação de forma mais objetiva, foi preciso que o treinador dela, durante uma visita anual, anunciasse aquilo que eu não havia ainda visto: sua hora de parar.

O impacto de estar menos com ela, de ir para o mundo sem a presença dela e a perda do vínculo e da ligação cotidiana nas ruas ao lado dela me assustava. Foram alguns meses de despedidas, de muita emoção, de tristeza e a convicção de que Pucca tornava-se para mim, naquele momento, minha companheira de casa e de passeios descompromissados. Era o nosso primeiro fim juntas e um outro recomeço.

Já no seu primeiro mês de aposentadoria descobrimos uma catarata e, junto a isso, Pucca passou a fazer seus passeios sem coleira pela primeira vez e por determinação dela. Quando julgávamos necessária a guia no passeio e a colocávamos, Pucca teimava em nos mostrar a sua recém conquistada autonomia.

Aos poucos, ela foi se tornando outra versão dela mesma. Já andava mais devagar do que antes, desenvolveu um grande apreço pela contemplação, gostava de deitar e observar os outros cães, a rua, as pessoas... a coleira descartada por ela a deu outra relação com o tempo da vida.

Seus horários de passeio também passaram a ser escolhidos por ela. Se inventássemos de sair quando ela não queria, ela simplesmente não iria. Em casa, passou a dormir mais. Barriga pra cima, chão gelado. Não perdeu a doçura em nenhum momento.

Os funcionamentos do seu corpo marcavam essa nova temporalidade. O intestino não respondia mais como antes e foram necessárias mudanças na sua alimentação. Na aposentadoria, Pucca passou a comer comidas humanas, uma possibilidade apenas para os cães-guias já afastados de suas funções. E ela amou conhecer banana!

Na feira, já sabia a localização da barraca de melancia. Fez amizade com o rapaz da feira, comia a fruta e ia embora sem pagar. Ela foi amiga dos meus amigos, dormia com eles sem mim, passava o fim de semana na casa deles, fazia festa quando eles chegavam em nossa casa, viajava com eles mesmo quando eu não ia. Quando ela não estava, todos sentiam falta.

Junto à sua aposentadoria, Pucca recebeu um irmão, Astor, meu segundo cão-guia, que chegou cheio de energia quando ela já não tinha mais tanta... Astor sacudiu a Pucca, não deixava ela em paz, não aceitava seus descansos, mas na relação descobriram o equilíbrio que só poderia ser encontrado por eles. O tempo com os dois em casa foi divertido. Astor subia nela, mordida, e Pucca, já com seus 12 anos, voltou aos poucos a brincar como antes. Era tão velha e tão jovem, a sensação de que ela estava renascendo e ao mesmo tempo partindo era uma sensação ambígua pra mim.

Pucca brincava, mas a coluna não era mais a mesma. Levantar demorava um tempo, subir escadas foi se tornando cada vez mais difícil, muitas vezes foi necessário colocá-la no colo. Ela não gostava, tentava impedir, mas nos últimos meses foi preciso algumas vezes. Os dias foram se tornando imprevisíveis. Uma tarde incrível de passeio e uma noite difícil, com vômitos e diarreias.

Descobrimos mais tarde um tumor abdominal. Seria o anúncio da morte dela? A idade já estava avançada. Pucca fez a primeira cirurgia e o tumor foi retirado. Uma recuperação difícil, muitos medicamentos e sacrifícios, muitos pontos. Quase não passamos por isso, mas ufa! O alívio da cura chegou, pena que durou pouco.

Em poucos meses, o tumor voltou. A decisão dessa vez foi mais difícil do que a primeira. Sabíamos que talvez não teríamos o mesmo êxito do pós-operatório. A discussão que tínhamos a fazer não poderia mais girar em torno da cura, que havia sido realidade de outrora, mas da qualidade de vida de seus últimos meses ou anos de vida.

Uma quimioterapia também era pouco indicada, os efeitos colaterais poderiam ser complexos e dolorosos, sem trazer uma resolução efetiva. A angústia era grande e qualquer

decisão tomada parecia matá-la. Foi quando entendi que havia um esforço para evitar o inevitável: a sua partida.

Com o tumor, Pucca tinha incômodos mecânicos, como a necessidade de mudar a posição de deitar ou de sentar, um peso abdominal maior, mas não tinha dor nem sofrimento. A alegria dela não havia sido atingida e seguimos, juntas, aprendendo a gestar a morte assim como se gesta a vida. O tumor de Pucca cresceu no mesmo lugar em que, sob circunstâncias diferentes, uma outra vida cresceria. Monitorávamos o seu crescimento, os possíveis incômodos, as dores que estariam a surgir e o quanto elas furtavam sua energia vital.

Fomos adaptando os passeios, entendendo o ritmo possível a cada avanço do tumor e a cada indicação de mais limitações, até que na sexta, 23 de outubro de 2020, levamos Pucca e Astor para o banho e ela estava mais devagar do que de costume. Chamou nossa atenção. Ela não havia apresentado naquele dia, até aquele momento, nada que nos indicasse que não estaria bem.

Sabíamos que ela não era muito afim de pet shop, enrolava quando esse era o caminho, mas estava diferente. Desconfiadas, mas no fundo esperançosas de que não era nada tão fora do comum, deixamos os cães lá e voltamos para casa. Poucos minutos foram suficientes para confirmar aquilo que temíamos: recebemos uma ligação pedindo para buscá-la. Ela não estava bem e não conseguia ficar em pé.

O coração palpitava, a garganta já fechava e dali seguimos diretamente para a emergência. De imediato, precisou ser internada e soubemos que seus órgãos estavam se deslocando, movidos pelo tamanho do tumor. Foram administrados remédios para dor. No sábado, fui chamada para uma consulta com o médico veterinário paliativista do hospital veterinário. Numa sala, ficamos com ele e Pucca, que havia saído da enfermaria para essa visita.

A conversa com o médico, que até hoje não esqueci e talvez nunca esqueça, foi muito difícil para mim, e penso ter sido para ele também. Que missão! Ele precisava me avisar que Pucca estava ativamente partindo... um processo ativo de morte havia começado. Eu poderia pensar em eutanásia para evitar seu possível sofrimento, mas o veterinário não me sugeria ainda. Pucca estava partindo, mas estava bem. Como a dor foi aliviada, o cenário previsto era que em casa eu conseguiria administrar os remédios, mas precisaríamos suportar vê-la partir!

O veterinário, ainda durante a conversa, fez comigo o seu plano de morte, lembrou-me que seria importante deixá-la ficar no cantinho da casa onde ela mais gostava de ficar. Não sabíamos se ela voltaria a andar. Não sabíamos se ela comeria e beberia água. Ela usaria fraldas, mas nada disso precisava ser uma preocupação. Ela precisava de carinho e companhia

para partir. Essa foi uma conversa sobre morrer acompanhada, sobre ter uma vida digna e uma morte digna! Sobre uma morte que fechasse a vida brilhante que ela teve.

Voltei com Pucca para casa no domingo. Ela estava “menos bem” do que no dia da visita anterior. Por dentro, eu criava todos os argumentos que pude para negar. Era cansaço de estar fora de casa, era calor, era saudade, mas em casa Pucca não levantou mais. Não queria água nem comida. Deitada ao lado dela, fazendo carinho em sua cabeça, ela dormia. Foi ao mesmo tempo uma sensação de conforto e desconforto. Ela parecia em paz. Talvez o desconforto que eu achei que fosse dela, era na verdade o meu.

A segunda-feira foi um dia difícil. O argumento do cansaço e do calor não se sustentavam mais. Eu achei que era algo que eu pudesse fazer ou mudar. Algum remédio, algum soro, alguma coisa. Cancelei o trabalho, escrevia de hora em hora para a veterinária. Quando ela me disse que iria lá em casa ver a Pucca no fim do trabalho, eu acalmei.

Depois do almoço, deitei com ela, colocando sua cabecinha no meu colo. A respiração estava diferente e de repente ela teve três delicados espasmos e se foi. Foram cinco minutos de desespero, sem fim. Liga para a veterinária? É isso mesmo? Será que ela morreu? Ela vibrava. A veterinária pediu para colocarmos o ouvido no peito dela, nada! Um espelho em frente ao nariz, não embaçava. Os cinco minutos passaram, a expressão dela começou a mudar. Já não tinha mais jeito, Pucca tinha delicadamente partido.

Astor, nessa hora, já não quis se aproximar! Fizemos uma oração e tirei a última foto com ela e as flores que tínhamos em casa. Avisamos para os amigos e para as nossas famílias. Meia hora depois, a equipe de cremação chegou. Foi doloroso demais, mas também foi um alívio. O alívio da certeza do descanso e da gratidão!

As cinzas da Pucca estão hoje no jardim do meu consultório. Ela segue em nossa família, segue em meu corpo, segue em meus amigos, segue, para sempre, em mim.

Camila Alves,
a humana de Pucca

2 - Essa tese começa em uma carta ou "Evoluímos quando levamos nossos cães a sério"

Meu nome é Camila, sou estudante de Psicologia da Universidade Federal Fluminense e hoje moro em Niterói, em uma república com mais quatro meninas. Fiquei totalmente cega

no ano de 2005, com 15 anos, por causa de uma doença degenerativa da retina chamada retinose pigmentar. A perda da visão se deu progressivamente.

Nasci numa cidade do interior de Minas chamada Ponte Nova, onde vivi até os 18 anos de idade.

Na época que perdi a visão, eu cursava o primeiro ano do segundo grau, de uma escola regular e a cegueira surpreendeu a todos. Continuei estudando na mesma escola, mas as dificuldades quase me fizeram desistir. A falta de material adaptado e de uma responsabilização maior por parte da única escola que me aceitou em toda a cidade tornou a conclusão do meu ensino médio um desafio a ser superado. Graças aos meus amigos e aos professores que acreditavam em mim, e ao meu próprio esforço e determinação, eu consegui vencer essa etapa. Na minha família, a minha cegueira também foi acolhida com um certo estranhamento. Ninguém sabia como reagir a esta nova situação, nem eu mesma. Era um momento de desespero e (re)adaptação minha e de todos que conviviam comigo. A mocinha linda, totalmente independente e cheia de brilho, viu-se numa profunda escuridão.

Eu já não podia mais ir à padaria sozinha, o medo tomava conta de mim, meus pais não deixavam e eu também tinha vergonha. Vergonha de agora precisar dos outros para me ajudar a atravessar a rua, para me levar no lugar onde desde criança eu ia sozinha. Eu já não mais escolhia as minhas roupas, não mais servia a minha comida e nem ajudava nas tarefas de casa. Eu me via como uma fracassada e pensava que as pessoas me viam assim também. Quando eu saía de casa, sempre ouvia as pessoas falando "baixinho": "Tadinha, ela é tão bonita, tão novinha...". Isso me entristecia muito, mas é algo que eu ouço até hoje. A minha relação com as pessoas também foi transformada pela cegueira. Muitos amigos me deixaram, muitas pessoas conhecidas não mais falavam comigo e eu tive que ir me acostumando a essa nova realidade.

Dois anos se passaram. Eu já estava terminando o ensino médio. Já tinha conhecido outras pessoas e feito novos amigos. O tempo me fez ver que a cegueira não funcionava como limitação alguma e que eu podia vencer independentemente de qualquer coisa. Tomei a iniciativa de estudar para o vestibular, queria muito passar e sabia que o meu crescimento profissional dependeria em grande parte dos meus estudos e que a cegueira não era impedimento. Ao prestar o vestibular, escolhi, entre outras universidades, a Federal Fluminense, onde fui aprovada.

Me mudei para o Rio no ano de 2008. Logo que cheguei, procurei o Instituto Benjamin Constant, onde fiz reabilitação e aprendi o braille. Fiz aula de orientação e mobilidade, aprendendo a usar a bengala e fiz aulas de AVD, atividades de vida diária, onde

aprendi a cozinhar, lavar, passar e me cuidar sozinha, já que neste momento eu não tinha muito com quem contar, por ainda estar em um lugar desconhecido, sem muitos amigos e tendo que me virar sozinha. Morei no centro de Niterói por 6 meses, e levava aproximadamente 30 minutos para chegar até a faculdade. O caminho era complicado, muitas pessoas, muitas ruas para atravessar, e a distância só dificultava o percurso.

Ficar longe da minha família não foi e não é fácil, sinto falta da companhia e da ajuda deles. Nem sempre tenho alguém para me acompanhar aos lugares que preciso ir. Não deixo de fazer o que preciso, só acho que poderia ser mais tranquilo todo esse processo. Um cão-guia em minha vida iria me ajudar, na mobilidade e independência viabilizadas com e por ele, me traria mais segurança e tranquilidade. Meus pais aceitaram sem problemas a minha vinda para o Rio, porém eu percebo a grande preocupação deles no que diz respeito às minhas muitas atividades na rua. Um cão-guia em minha vida também diminuiria a preocupação deles.

Junto de tudo isso, a minha entrada na faculdade desencadeou um projeto de inclusão. Um grupo de alunos e professores se uniram para tornar o material e as aulas do curso de Psicologia da UFF mais acessível não só para mim, mas para outras pessoas com a mesma deficiência que possam vir a ingressar posteriormente. Hoje eu também participo de um grupo de pesquisa, vinculado à UFF, que realiza trabalho de campo no Instituto Benjamin Constant, situado na Urca, o que me faz deslocar de Niterói para a Urca duas vezes por semana. Um cão-guia facilitaria esse percurso.

Hoje curso o segundo período de Psicologia, moro mais perto da Universidade e tenho me virado bem com relação à minha deficiência. Nem todos os aspectos emocionais trazidos por ela foram superados, mas vejo que estou no caminho. Me considero vencedora, por ter superado todas essas barreiras, e me considero forte o suficiente para superar as que ainda estão por vir. Um cão-guia em minha vida me ajudaria até mesmo nesse aspecto.

Espero que o meu pedido possa ser atendido.

Camila Araújo Alves.

2.1 - A carta

A carta que divido aqui com vocês inaugura minha relação com meus cães-guias. Escrita antes deles chegarem, ou melhor, escrita para que eles pudessem enfim chegar, essa

carta foi endereçada a programas de televisão e Ongs de treinamento de cães-guias, e como vocês devem imaginar, foi uma carta bem-sucedida. O meu pedido foi atendido.

Antes de mais nada, também conto a vocês que esta tese está sendo construída artigo a artigo, isso mesmo, cada capítulo desta tese será feito de um artigo, com início, meio e fim, artigos independentes e totalmente entrelaçados. O leitor poderá acompanhar cada capítulo sem precisar ler o anterior para conhecer o sentido deste, mas ao mesmo tempo, eles estarão entrelaçados, respeitando e acompanhando a profundidade das questões que escolhemos aqui trabalhar.

Ao longo do texto o leitor também se encontrará com informações importantes sobre a lei federal que regulamenta o trabalho do cão-guia no Brasil, bem como com orientações importantes e cotidianas de como lidar com um cão-guia em seu trabalho. Trazer aqui essas informações é uma aposta numa escrita que é feita com reflexões e informações das mais cotidianas, que também nos fazem pensar, sentir e construir um mundo comum. Ainda sobre a escrita deste texto, uma parte dele foi escrita antes da partida de Pucca, que aconteceu no dia 26 de outubro de 2020. Por isso, vocês se encontrarão com relatos que tratam de sua, de nossa vida, no presente. Prefiro aqui trazer como aviso esse processo a mudar nos textos o tempo verbal com o qual me refiro a ela.

Escolhi abrir este texto com as mesmas palavras que me abriram um mundo, mundo esse que se tornou, além de uma trajetória de vida, uma imensa e potente trajetória profissional, de trabalho e de pesquisa. Essa carta anuncia que, antes mesmo que eu soubesse, já habitava em mim uma Camila ativista, atenta e inquieta com os processos de exclusão que passei a vivenciar enquanto menina e mulher cega. Retomar essa carta aqui é olhar para trás e me dar conta de que, o que faço hoje, começou a ser traçado muitos anos atrás.

Contaminada pelo texto *Fragmentos do Cuidar de Moraes e ...*, afirmo que escrevo sobre o que escrevo como um gesto político de levar adiante a experiência de ser uma mulher-cega-COM-cão-guia, de não deixar, como bem dizem as autoras, "que a experiência de ser essa mulher-cega-COM-caoguia seja apagada ou naturalizada como um acontecimento íntimo e privado em minha e outras muitas vidas. Escrever sobre isso faz com que essa composição não seja invisível nem tampouco que o trabalho desses animais permaneça ainda nos dias de hoje tão invisibilizado.”.

É importante aqui dizer, ainda muito sintonizada com *Fragmentos do Cuidar de Moraes e ...*, que há um sentido metodológico nesses hífens que separam e unem a composição que apresento a vocês neste trabalho. Esse pequeno traço, como dizem as autoras, carrega um mundo de tarefas, um mundo de cuidado. O hífen é um não humano que tem

como função manter esses mundos em conexão, ocupando um só corpo. E claro, como bem alertam as autoras, isso não acontece sem conflitos. Essa linha curvinha pode ser ponte, outras vezes fronteiras. Audre Lorde, como é citada pelas autoras, trata como adjetivo o hífen – mulher hifenizada –, dando ainda mais expressividade ao quanto isso se traduz como um lugar destinado às mulheres no mundo. Minha aposta teórico-metodológica junto com elas é, além de usar o tracinho, equivocar e embaralhar a ordenação desses mundos. Trazer no texto a confusão, as disputas e os conflitos.

Por falar em disputas e conflitos, **não** podemos deixar de considerar algumas questões importantes: O que é ser cega em um mundo que elegeu arbitrariamente a visão como um sentido fundamental para viver? Como é trabalhar sem ver? E escrever? Imagine só, pesquisar sem ver? Te digo mais, já pensou como é dar aula sem ver? E ser uma analista corporal? Sem ver, claro. Já pensou? A quem, por eventualidade, encontre-se com estas palavras, devolvo aqui perguntas que me são feitas cotidianamente, com boas e más intenções, perguntas que vêm de pessoas próximas e também de desconhecidos, perguntas que eu mesma me faço, e me faço em dois sentidos: no sentido de me perguntar e no sentido de me fazer, me forjar, me construir e construir cotidianamente meu trabalho a partir delas. Neste momento, essas perguntas são ações que me fazem construir este texto.

Belarmino (2009) publica um texto, oriundo de uma conferência num colóquio sobre Ver e Não Ver, e apresenta duas constatações que, segundo ela, tiveram impactos profundos no desenvolvimento da visão de mundo dominante na cultura ocidental: A primeira, segundo a autora, diz respeito ao fato de que a ciência tradicional excluiu ou relegou a um plano inferior os sentidos do olfato e do tato, habilitando o olho e o ouvido como os sentidos prioritários na inquirição do mundo e na produção de conhecimento sobre a realidade.

A segunda constatação diz respeito também ao movimento científico-cultural que não considerou a premissa da diferença, do singular, privilegiando uma racionalidade classificatória, homogeneizante, padronizadora. Ainda como é apresentado por Belarmino, a nossa cultura científica relegou o tátil e o olfativo a posições inferiores na hierarquia da produção de saber. Do mesmo modo, abdicou da diferença em favor da homogeneidade, da normalidade, da padronização. Ora, como podemos abdicar da diferença se ela se inscreve como nossa própria assinatura genética no mundo biológico?

É também na parceria com Belarmino, apostando nas diferenças contra as homogeneizações padronizadoras dos modos de viver, conhecer e pesquisar, e apostando em outros sentidos nas criações de mundo, que colocar-me como pessoa cega numa discussão metodológica é uma questão que merece ser abordada e que certamente não começa aqui. É

desde o percurso de escrita no Mestrado que venho pensando e escrevendo os efeitos de ser uma pessoa cega em minhas pesquisas e em meus trabalhos, tal como a importância de ser chamada, inclusive, pelas perguntas que iniciam essa escrita a me posicionar nesses campos de atuação. Nessa ação, a condição de pessoa cega localiza a cegueira também como um apontamento metodológico deste trabalho, no sentido de que a presença de uma pesquisadora cega, alvo e vetor das ações a serem criadas no meu campo de pesquisa do Mestrado, deixa para este campo questões que só puderam surgir diante da presença de uma pesquisadora com deficiência, que há dez anos é também acompanhada por um cão-guia.

Um dos campos mais marcantes de atuação na minha vida, até hoje, foi o percurso que vivi como mediadora de um setor educativo em um espaço cultural importante do Rio de Janeiro. Nesse trabalho, que foi também campo da minha pesquisa de Mestrado (ALVES, 2016), passei a pesquisar e desenvolver ações de acessibilidade relacionadas com as exposições de arte em cartaz naquele momento.

Esse longo percurso, que começou na exposição do Hélio Oiticica¹ e se estende até os dias de hoje, convidou-me a pensar em maneiras experimentais de desenvolver programas e dispositivos de acessibilidade que possibilitem incluir principalmente pessoas com deficiência em museus e centros culturais. Nesse ponto, começava a se desenhar um conjunto de inquietações que desenvolvi durante a escrita da dissertação. Quais são as maneiras possíveis de se ocupar o espaço do museu? O que significa propor maneiras experimentais de desenvolver programas e dispositivos de acessibilidade? Foi através dessas propostas – nas quais eu mesma proporia para o público deficiente e, ao mesmo tempo, criaria as condições que eu também necessitava para acessar aquelas obras – que me tornei alvo e vetor das ações que realizava. Como trabalhar sem ver em um espaço que por tantas vezes se dedica exclusivamente ao sentido da visão? O que é ser cego em um espaço em que as pessoas entram para ver? O que a minha existência seria capaz de desnaturalizar, produzir e desconstruir a respeito da deficiência, da hierarquia dos sentidos, dos espaços de arte e dos próprios artistas? Naquele contexto, minha existência se tornou uma das intervenções metodológicas do meu trabalho.

Os museus de arte são tradicionalmente voltados para a apreciação visual das obras, sendo o toque o sentido mais temido e proibido. A história da filosofia é plena de

¹ Hélio Oiticica (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1937 – idem, 1980). Artista performático, pintor e escultor. Sua obra caracteriza-se por um forte experimentalismo e pela inventividade na busca constante por fundir arte e vida. Seus experimentos, que pressupõem uma ativa participação do público, são, em grande parte, acompanhados de elaborações teóricas, com a presença de textos, comentários e poemas. Mais informações sobre o artista no link a seguir: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa48/helio-oiticica>

considerações sobre uma suposta superioridade da visão para a experiência estética, chegando a ser questionada a própria possibilidade de uma experiência estética tátil. Sendo assim, do ponto de vista dos museus de arte, a acessibilidade para pessoas cegas quase sempre suscita resistências e polêmicas, pois ela problematiza tanto uma certa lógica da conservação quanto crenças estéticas muito arraigadas (Carijó, Magalhães e Almeida, 2010, s/p²).

Eu diria que a ausência de um ou mais sentidos também precisa ser considerada como condição fundamental para as propostas que desenvolvo, uma vez que dessa condição não posso abrir mão. Ao mesmo tempo, ela mesma não me impede de pesquisar e nem tampouco diminui a potência dos meus trabalhos. Dito isso, o campo com pesquisadoras cegas precisa considerar a cegueira como condição fundamental nas estruturas metodológicas desses trabalhos.

No caso da clínica, como psicoterapeuta corporal, a cegueira me colocou diante de novas formas de lidar com o meu próprio corpo, com as possibilidades dele e com o que ele pode fazer. Todo esse aprendizado, eu divido hoje também com cada pessoa que posso acompanhar e cuidar, sempre de modo a ampliar os modos de vida ali presentes e ampliando as possibilidades de relação também com os seus próprios corpos, apostando assim na expansão corporal e subjetiva daquela existência.

No encontro com meus pacientes, a manifestação da minha cegueira os recebe na recepção. Meu cão-guia, que no consultório fica sem o equipamento, faz às vezes o papel de um recepcionista, trazendo todos da porta até a recepção. As pessoas que estão ali ainda não sabem que ele é um cão-guia, mas é o primeiro assunto de todos os primeiros encontros. Quem é ele? Me perguntam antes mesmo de perguntarem por mim. “Ele é o Astor, meu cão-guia, que agora não está em horário de trabalho e pode brincar”, eu respondo! A pergunta seguinte é: Você não vê? Esse é o momento em que eu convido as pessoas para entrarmos na sala de atendimento e me apresento, falo sobre a cegueira, lido com os silêncios, dúvidas, ausências e pensamentos jamais divididos no primeiro encontro. Aquelas pessoas, a maior parte delas sentadas diante de uma pessoa com deficiência pela primeira vez na vida, se

² Aviso a vocês, leitores, que grande parte da leitura das referências bibliográficas deste trabalho foram possíveis graças às ações afirmativas e de permanência de estudantes com deficiência na universidade. Conteí, ao longo de todo esse percurso, com mediadores que tornaram muitos textos aqui citados acessíveis em áudios ou em arquivos Word. A inacessibilidade bibliográfica me impediu de acessar os materiais originais e, portanto, em decorrência disso, muitas referências bibliográficas citadas nesta tese estarão sem as páginas, uma vez que meus materiais não correspondem aos materiais originais.

decidirem iniciar seus cuidados analíticos comigo, serão, então, cuidadas por uma pessoa com deficiência.

O tema do cuidado está historicamente relacionado com a condição da deficiência. O cuidado está relacionado com ajuda e a ajuda é uma realidade muito presente nas nossas vidas. Sunaura Taylor (2017), uma mulher com deficiência, que dentre outras tantas coisas é também ativista pelos direitos das pessoas com deficiência, diz que demandar ajuda é um ato político, uma vez que apesar de ser algo que todos nós precisamos, esse é um gesto menosprezado em nossa sociedade. Pedir ajuda a uma pessoa com deficiência é um gesto mais menosprezado ainda.

As noções biomédicas da deficiência, que nos incutem o status de incapazes, atravessam todos nós, e certamente as pessoas que chegam até minha clínica. Aqueles sentados em minha frente, aos quais olho sem ver, estão desde o primeiro momento diante de um potente encontro desestabilizador, um encontro capaz de fazê-los repensar seus corpos e suas sensorialidades. Nesse atravessamento veloz que a cegueira traz neste campo, rapidamente surgem as transferências negativas e as resistências comigo. Alguns me “poupam” de seus sofrimentos porque supõem ter uma analista frágil, outros fantasiam uma análise mais profunda, de alma, já que os que não veem são mais sensíveis. Há ainda aqueles que se valem do benefício da dúvida e se questionam sobre a validade daquele tratamento, uma vez que não serão vistos.

A verdade é que as sessões iniciais, uma ou duas, às vezes mais, são sempre atravessadas pelas noções de deficiência e pelas fantasias de cegueira que cada uma daquelas pessoas carrega consigo, e que são acionadas nesse encontro comigo e um cão, que as ajuda a falar. É perguntando sobre ele que a maior parte deles, no começo ainda pouco natural daqueles vínculos, que as pessoas que me procuram ficam sabendo de mim, como talvez não soubessem tão rapidamente de seus analistas em outros casos. Aquelas pessoas que me procuram, atravessadas pela deficiência que ali se apresenta, sabem mais de mim do que talvez gostariam de saber a respeito de quem as ouve.

Ser uma analista com deficiência é subverter a ordem estigmatizada que organiza nossos corpos como frágeis e menos capazes, é cuidar e ocupar o lugar que a história da deficiência nos ensinou que não poderíamos, por sermos deficientes. Ser uma analista com deficiência é subverter a própria história médica da deficiência e do cuidado colonizador. Estar neste campo do cuidado, sendo cega, aciona as tensões de um campo de cuidado que se pretende mais horizontal para todos e para todas. Não se trata de dizer que não preciso de cuidados ou de minimizar os cuidados dos quais preciso. Trata-se de fortalecer a importância

do cuidado, e fortalecer a ideia de que quanto mais cuidada sou, por mais pessoas e práticas, mais aprendo a cuidar. É sobre aceitar ser cuidada para cuidar e acompanhar as pessoas que me procuraram nessa construção de laços e cuidados que, ao invés de despotencializar nossa existência, e nos devolver para o isolamento, pelo contrário, nos ajudaram a encontrar a potência que podemos ser com e sem deficiência juntos.

O modelo social da deficiência, em sua primeira versão, reivindica uma ideia de independência pautada na autossuficiência, um ideal de autonomia que não valoriza o cuidado em sua direção horizontal, um cuidado mútuo. Em contrapartida, a versão do modelo social apontada pelas mulheres feministas defende algumas mudanças na direção desse modelo anterior, o que nos ajuda a reconsiderar o lugar das relações de cuidado.

Para o modelo feminista, dependência aproxima-se do que conceitua a segunda definição apresentada, que opõe dependência a isolamento, ou seja, se não dependemos de ninguém é porque estamos isolados e não porque somos autossuficientes, posto que para tal modelo, a interdependência é intrínseca à vida humana. Desse modo, apostam na experiência positiva de conexão que podemos experimentar por meio da dependência (KITTAI, 2011). É sintonizada com esse pensamento que a aposta na conexão entre uma analista deficiente e seus pacientes com e sem deficiência é capaz de produzir uma conexão importante e capaz de reescrever a deficiência em sua dimensão de positividade e reinvenção.

Dito tudo isso, vocês podem imaginar que o percurso como docente não é menos cheio de questões atravessadas tanto pela cegueira em si quanto pela cegueira de uma mulher que ocupa esse espaço ao lado de um cão. Entrar em uma sala de aula, nessa condição, exigiu de mim a criação de combinados éticos com aqueles que, naquele momento, seriam alunos.

2.2 - Localizando o leitor

A cabocla da terra dos que veem com o corpo.

Amilac, uma vez fechou os olhos e parou de falar

Aborrecida com as coisas da vida, resolveu não vê-la mais...

No entanto, tomou nota que havia um corpo nela que sentia.

Um corpo que, sem perceber, a visão podada o tinha.

Um corpo que quando toca é tocado.

Que quando dança é dançado.

Que quando ama é amado.

Que quando percebido é criado.

E recriado quando sentido ou repensado quando visto...

Passou a enxergar muito mais a vida do que quando os olhos abertos ficavam.

É impossível se tornar descontentamento, no meio de uma nova percepção sobre a vida que nela existia!

Amilac, agora uma cabocla da terra dos que veem com o corpo, resolveu falar.

Falou para os diversos mundos que a iam encontrar:

Que mais profundo que o mar é a pele

Mais sábio que o conhecimento é experienciar

E mais raso que a ignorância é opinar sem ter ido lá.

O que nos acontece, não acontece do lado de fora do corpo.

O corpo é a casa e os tijolos é o que passa, a marca que fica, o que acontece dentro e fora.

E para compreenderem o que eu digo, hão de ter que driblar a camada onde os encontros se limitam.

Eu, um desses mundos que iam de encontro a Amilac, logo fui tocada pelo poder da palavra da cabocla.

Os encontros passaram a ser uma experiência antropológica, no entanto, o trabalho etnográfico era situado em mim.

E ela tinha razão, as palavras faziam mais sentido quando eu me encontrava receptiva ao acontecimento do encontro.

Me expor passou a fazer mais sentido do que me opor, me impor, me por ou me propor.

Mais do que processar as palavras de Amilac como informações, as experiencei.

Fazendo com que a abertura para o desconhecido, que não se pode antecipar, me transborde na possibilidade de me tornar outra, sem medo.

Sou eternamente grata à cabocla da terra dos que veem com o corpo!

(Lara Jannuzzi)³

O texto escrito por Lara é fruto dos encontros que a experiência da minha docência nos trouxe (ALVES, 2021). Os cursos que dou, sempre entrelaçando discussões teóricas e experimentações corporais a partir das leituras dos textos trouxe o corpo que percebi para a cena da formação acadêmica, de modo que essa dimensão fosse experimentada pelos alunos do curso. Lara, no encerramento da disciplina, quando um texto deveria ser escrito por todos os alunos a partir do que vivemos juntos, presenteou-me com esse, que diz muito sobre essa experiência de ser uma docente cega.

É precisamente dessa experiência como professora, terapeuta corporal, pesquisadora cega e humana de cão-guia que as inquietações de campo vão sendo trazidas. Atuar nesses campos sem ver não é nenhum indicativo necessário para a realização desses trabalhos, mas essa condição sem dúvida traz para mim como pesquisadora, para o campo e para as pessoas com as quais me encontro nesses trabalhos questões que não aparecem no caso de pessoas que veem.

À essa altura, vocês podem se perguntar o que isso tem a ver com o fato de eu ser cega ou o porquê isso importa para este trabalho? Ou ainda, o que vocês têm a ver com isso? O motivo de eu afirmar a importância da minha cegueira neste trabalho é primeiro porque não posso abrir mão dela, deixá-la para ir a campo. Segundo, porque a minha presença enquanto

³ Lara Jannuzzi é aluna de Psicologia e foi aluna do curso de Sensação, Percepção e Memória, ministrado por mim, entregando esse poema na ocasião do encerramento da disciplina.

pesquisadora, professora e terapeuta cega nos permite questionar o quanto o sentido da visão foi sendo tomado ao longo da história da percepção como um sentido essencial para se conhecer o mundo que se habita.

Ao longo da história dos sentidos, como nos aponta Belarmino (2009), a visão é considerada o sentido mais apto para a investigação, e é por isso que dizem que é o sentido que nos gera mais prazer. Sentimos prazer em conhecer e estudar as coisas. Dizem ainda que é enxergando que percebemos o discernimento das coisas e também as diferenças. A visão é também o mais rápido dos sentidos, diriam alguns, projetando imagens no subconsciente que ficarão na memória para um fácil e rápido entendimento, com maior fidelidade.

Historicamente, é a partir do sentido da visão, do seu modo de funcionamento e de dispositivos de produção de imagens visuais que as teorias da percepção vão sendo nomeadas. Ainda nos estudos da percepção, é o sentido da visão o que ganha mais linhas no desenvolvimento de seu funcionamento e de sua importância nos modos de se conhecer, enquanto os demais sentidos ocupam um lugar de importância auxiliar no processo de conhecimento.

É a partir dessas considerações que venho defendendo uma outra política perceptiva para se estar em campo, uma política metodológica que inclua outros sentidos nos nossos modos de conhecer, desnaturalizando assim uma hierarquia sensorial que já existe há séculos. Chamo a atenção para o fato de que a cegueira pode ser também mais uma ferramenta de pesquisa, como tantas outras, e apesar dela não ser indicativo ou nenhuma garantia para a realização deste tipo de trabalho, digo que no meu caso ela é de extrema relevância para a minha inserção neste campo e no trabalho que realizo.

Aposto com meus alunos em uma percepção que se arrisque mais, que se proponha a viver as experiências e a ser transformada por elas. Uma percepção que como bem nos diz Lara, no texto sobre a cabocla que vê com o corpo, uma percepção feita com um corpo que, quando toca é tocado, que quando dança é dançado, que quando ama é amado, que quando percebido é criado. E recriado quando sentido ou repensado quando visto. Como pensar em uma percepção que inclua todo o corpo neste processo? Que outras formas de ver e de não ver? Que inclua a transformação de si mesmo?

Na docência tenho também podido mais uma vez subverter o lugar tradicionalmente reservado às pessoas deficientes, o de aprender. Sou confundida como aluna, outros me acham nova demais para “já estar onde estou”, e para deixar claro, grande parte do corpo docente da instituição onde trabalho tem a mesma idade que eu, e alguns até menos idade que eu, e sempre há os que me usam para se inspirarem. Há também uma instituição que se

aproveita da minha presença para se rotular inclusiva. O fato, porém, é que enquanto cega, usuária de cão-guia, eu tenho podido ensinar. Ensino principalmente sobre cães-guias e certamente, em três anos de trabalho ali, muitas pessoas tiveram contato com uma realidade que não é comum neste país. Ensino sobre como os sons são importantes para que eu me oriente espacialmente e, por isso, preciso que meus alunos conversem comigo, façam barulho, emitam sons e chego a ouvir deles que isso é muito difícil de incorporar, uma vez que desde muito pequeno eles ouvem que sala de aula é lugar de silêncio.

Pois é, ensinamos aos alunos que sala de aula é lugar de silêncio certamente porque não consideramos, em momento algum, que sala de aula também é lugar de professores e professoras cegas, que precisam dos sons para fazerem seus trabalhos. Eu também ensino aos meus alunos que preciso que eles me sinalizem sonoramente quando entram e saem da sala, não por controle deles, mas porque é importante para mim saber que o número de pessoas está aumentando ou diminuindo em meio a uma discussão. Isso evita que eu esteja falando com trinta pessoas achando que são cinquenta e o contrário também. Todo semestre comigo é iniciado assim, pelas trocas de necessidades. Eu digo o que preciso, eles se comprometem a aprender e eu me comprometo a receber deles o que lhes é necessário também.

Como docente, eu decido os temas com os quais vamos trabalhar e posso trazer discussões que eles não teriam tão cedo na formação deles, como o tema da deficiência. Eu posso propor filmes e vídeos que os façam pensar sobre as posições que eles ocupam diante da deficiência, sobre seus gestos capacitistas cotidianos. Eu proponho páginas virtuais de pessoas com deficiência que geram conteúdos importantes nesse tema, sobre os quais trocamos e mais uma vez, como docente, eu posso ser a primeira pessoa com deficiência que muitos ali viram ensinar.

Eis que aqui a presença de uma mulher cega em todos esses espaços vai se delineando como a presença de uma forasteira. Não aquela que apenas não pertence ao lugar onde se encontra, mas como mobilizado por Collins (2016), uma forasteira de dentro. Collins cunha esse conceito designando o lugar fronteiro de mulheres negras em espaços dominantes. Para Collins, a presença de mulheres negras nesses espaços delineia o olhar dessas mulheres sobre as dinâmicas de poder e de opressões interseccionais. Lanço mão de uma ferramenta que surge para dar conta do lugar *outsider* de mulheres pretas para pensar também o lugar de uma mulher-cega-COM-cão-guia, um lugar também *outsider*, uma vez que é próprio do conceito a denúncia dessas violências interseccionais.

Ao longo deste trabalho, vocês conhecerão as tramas interseccionais que aqui apresento, entre deficiência, gênero, raça e espécie. Por ora, como disse anteriormente, trago o

conceito de "forasteira de dentro" para marcar a passagem dessa mulher-cega-COM-cão-guia em um espaço dominante, dominante aqui como corpo normativo, cuja presença também denuncia uma certa hegemonia, como trouxe Belarmino (2009). Portanto, reivindicar espaço em lugares hegemônicos e dominantes marca um lugar de resistência, um lugar de resistência que aparece no meu percurso como mediadora, como pesquisadora, como docente e como analista. Esse texto é também um gesto de resistência.

2.3 - Composições

Agora somos três!

Em tempos de tanta dureza, ser conduzida por um ser que exala amor por onde passa é uma grande honra.

Doce como sugere a cor chocolate de seus pelos, Astor chegou em janeiro de 2018, forçando-me a dançar outra dança.

Preparado para começar a trabalhar após um ano e meio de treinamento, toda a energia, frescor e juventude do meu mais novo pequeno me tiram do meu próprio corpo.

Pois é...

Foi com a chegada do Astor que descobri meu corpo-Pucca...

Um corpo construído ao longo dos oito anos de trabalho dessa que foi a minha primeira parceira animal, com documentos de trabalho.

Pucca, com seus pelos dourados, postura refinada e ar imperial era capaz de me tornar mais rica aos olhos de muitos.

Minha companheira diária da fase de amadurecimento pessoal e profissional da minha vida, dei-me conta de que muito do meu modo de funcionar no mundo estava sendo conduzido por ela.

Com Pucca, ganhei muitas ruas da cidade do Rio e de Niterói, onde já residia há 2 anos, depois de ter vindo do interior de Minas, tentar aqui a vida por aqui.

Ganhei a minha vida e ganhei a vida da Pucca, da qual ainda tenho a oportunidade de cuidar e acompanhar, mesmo após sua aposentadoria. Isso me deixa extremamente feliz e grata.

Com a seriedade com a qual Pucca exerceu seu trabalho, a delicadeza com a qual sempre tratou todas as pessoas e os outros animais que a mereceram, o foco que lhe era bem particular e a alegria de concluir a realização de um comando junto do orgulho de ter a função de guiar, Pucca me levou pelas mãos, me ensinou a trabalhar, mudou minha forma de viver.

Pucca me ensinou a lutar por nós!

Pelos nossos direitos... eu aprendi a lutar também por ela, para honrar o que Pucca produziu e ainda produz nesse mundo.

Foi entre os comandos que eu dava, e a forma como ela trabalhava que sempre chegou até mim através de seus movimentos que movimentam o equipamento, que movimenta meu corpo... que eu me fiz mulher, um Corpo-Pucca nessa cidade grande.

Descobri no dia que Astor chegou que algo em mim também havia envelhecido com o envelhecimento da Pucca.

Percebi que tinha toda uma vida organizada para dar conta do ritmo da Pucca. O tempo dela havia se tornado também o meu. Uau!!!

Receber o Astor significava dançar a dança dele, significava rejuvenescer!

No início eu não quis, não consegui...

Ele não conseguia chegar até mim. Eu estava fechada.

Rapidamente, mas nem tanto, fui seduzida pela alegria que ele carrega e manifesta em seu rabo que insiste em não parar.

Me tornei jovem pela alegria dele... essa foi a porta de entrada.

Me emociono...

Descubro que eu andava triste há um tempo... Preciso mexer nisso, que estava quietinho até então.

Descubro um mundo absolutamente interessante, tudo o interessa com intensidade, e o rabo balança.

Descubro um mundo cheio de cheiros, que só ele pode nos contar.

E o rabo balança!

O excesso de trabalho e de seriedade começa a me adoecer...

Ele trabalha de um jeito leve e malandro...

O rabo balança, e eu entendo que preciso me balançar, dançar outra dança. Dançar a dança dele...

Aceitar o desafio de me recriar, agora em um Corpo-Astor.

Um Astor que também faz o rabo da Pucca voltar a balançar, de alegria e leveza!

Agora somos três!

(Camila Alves)

Aprendi, ao longo desses anos de trabalho, que as histórias que narramos sempre partem de algum lugar, com certos elementos e não outros. É pautada nessa aprendizagem

que dedicamos esta tese ao percurso de onde falo, ao percurso que nos faz falar, operando pelo vínculo, pelo laço, pela conexão.

Neste caso, é necessário deixar as histórias com os cães-guias aparecerem. Nossos laços, nossos vínculos, o corpo que juntos fomos construindo, faz parte do texto que hoje desenvolvo.

Se anteriormente trouxe a cegueira como uma ferramenta metodológica que compõe este trabalho, Pucca e Astor aparecem nele como não-humanos capazes de produzirem deslocamentos, colocar questões, evidenciar as negociações necessárias para a constituição dos laços, dos vínculos, das conexões de um encontro.

Reparem leitores, aqui entendemos esses animais como sendo capazes de produzir questões e não apenas reagirem a elas, tomamos esses animais aqui como sendo capazes de interferir em um contexto, produzir encontros e transformações. No artigo *Brincar, matar, comer: sobre moralidade e direitos animais* (FAUSTO, 2018), Juliana Fausto afirma que os animais nos respondem e não apenas reagem a algum movimento nosso, pois bem, como, então, o cotidiano com um cão-guia nos apresenta isso?

Se a presença de uma pessoa cega em muitos espaços é ainda um fator inusitado, a presença de um cão é ainda mais inusitada, um ator imprevisto. O nosso desafio cotidiano é o de nos articularmos, de articular nossas presenças com os espaços por onde circulamos. Vale ressaltar que a composição mulher-cega-COM-cão-guia é uma composição crip capaz de aleijar a corpo normatividade que não espera um corpo cego, capaz de aleijar a própria cegueira, estereotipadamente marcada pela bengala apenas, aleija ainda os cães, que são sempre esperados como pets e nunca como cães de trabalho. Essa composição, estranha, intrusa, é crip.

O caminho para um futuro é o de aleijar o mundo. Marco Antônio Gavério (2015) nos convoca a um mundo aleijado (crip), retomando o termo pejorativo crip diminutivo de *cripple*, traduzido como aleijado. Aleijar, como é proposto por Gavério (2020), tem o sentido de descolonizar, mutilar, contundir o pensamento hegemônico sobre deficiência, acesso, sobre trabalho, inclusão, sobre os animais, sobre a vida, produzindo fissuras. A aposta aqui é em um processo transformação deste mundo em um mundo mais justo para mais pessoas, mais animais, mais corporalidades diversas.

A presença desses cães fazem falar. Essa é a maior indicação de que talvez Pucca e Astor não sejam só cães-guias, mas também cães mediadores. Mediadores esses que exigem articulações, negociações para fazer o trabalho que fazem e circular pela cidade.

Tocamos e somos tocados. Vivendo com a Pucca e agora, mais recentemente, com o Astor, aprendi a entendê-los nos seus modos mais particulares de ser. Nestes anos com eles posso tranquilamente dizer que foi na subversão de um modo pronto e esperado de ser guia, forçando-me a acompanhar os seus desejos e escolhas, que a relação entre a deficiência e os animais foi se tornando um problema para o qual eu iria me dedicar a ouvir.

Os meus cães interferem no meu modo de estar no mundo, interferem no trabalho que eu faço. O tempo inteiro negocio com o Astor, desde a escolha da sua velocidade de andar até o lado da calçada no qual ele prefere passar, os trechos mais interessantes para estar, os cheiros mais atraentes para se cheirar. Lembro-me de que com a Pucca tinham dias em que eu preferia o sol e ela a sombra, precisamos negociar. Os cães-guias nem de longe são guias que se fazem neutros, prontos, estáticos, mas mediadores com os quais negócio o tempo inteiro.

É por conta de todas essas questões que se faz necessário, como diz Juliana Fausto, “abandonar a dualidade agência/paciente”, que não se faz promissora ao nos relacionarmos com os animais, e no caso deste artigo, com os cães-guias. A autora ainda afirma que, por onde há flexibilidade e plasticidade de comportamento, há agência (FAUSTO, 2017). Aprendo com os meus animais que quando uma experiência pessoal toca o outro, ela se torna política, cria um “nós”.

É esse laço que a Pucca e o Astor fazem fazer. Um mediador faz fazer laço. É político quando se abre a possibilidade de se conectar e compor um mundo comum, de fazer um corpo COM. Como é então pensar o cão-guia como uma política? Que política da deficiência esses animais são, então, capazes de construir? Tomamos como política a definição de Fausto, na tese *A cosmopolítica dos animais*:

A política é uma multiplicidade de modos de coabitarem, de constituir o mundo diferente e assimétricamente. É compreender que só existem políticas cósmicas, ainda que em negação, isto é, que toda política diz respeito a mais de um grupo, mais de um povo ou de espécie, ainda que se denegue nela participação ativa e/ou passiva desses outros. É político a saúde do instinto, é um jogo ou uma brincadeira não inocente, que diz respeito à diferença entre o fair play, e bullying, é habitar o perigo de que a brincadeira se torne combate, e evitar tomar por objetos-brinquedos seres que podem agir como sujeitos-jogadores, e um modo mutante de criação e uso de mundos no sentido de mapa e

território que depende sempre de mais de um para que entre em uma zona de indiscernibilidade que gesta consequências concretas para todos os envolvidos (FAUSTO, 2017, p. 147).

Trago aqui uma das perguntas que inauguram esta tese: De que modo as relações entre os humanos e os animais nos ajudam a repensar a história da deficiência? Pois bem, só é possível fazer essa pergunta e também trazer a hipótese de respostas se reconhecermos que é necessário mudar o nosso foco do que os animais não podem, para aquilo que eles podem, como por exemplo trabalhar. Como, então, a atividade de guia, desempenhada na maior parte do mundo pelos cachorros, de diferentes raças, pode ser um analisador do que pode um animal e do que a potência deles pode nos fazer poder?

A frase que também dá título à introdução deste trabalho foi retirada de uma entrevista realizada por Fausto com Donna Haraway, de quem é a frase, uma entrevista dada para a Folha de São Paulo. De muitas formas distintas, este trabalho também é sobre levar os cães, que fazem de mim quem eu sou, muito a sério.

2.4 - Boas dicas

Figura 2. Astor e Camila.



Descrição da imagem: Na foto aparecemos Astor e eu. Ele em primeiro plano e eu em segundo, segurando seu rosto chocolate e pelancudo que olha atento para a câmera. Atrás, uma mulher branca, de cabelos castanhos escuros e óculos escuros, apareço morrendo de fofura, com um enorme sorriso.

Olá!⁴ Sou um cão-guia e quero ensiná-los como devem se comportar comigo em companhia de minha dona cega.

Eu sou um cão de trabalho e não um mascote.

Figura 3. Pucca, Camila e George.



⁴ As informações de como lidar com um cão-guia foram retiradas do site <https://www.institutomagnus.org/blog/voce-sabe-a-maneira-correta-de-lidar-com-um-cao-guia> do Instituto Magnus e adaptadas à realidade desta escrita.

Descrição da imagem: Na foto, aparecemos Pucca, eu e George, treinador de Pucca, nessa ordem. Pucca está me guiando, enquanto George segue ao meu lado. Lembro-me bem que essa foto foi tirada no período de adaptação meu e de Pucca. No momento retratado pela foto atravessávamos uma rua e aparecemos em cima de uma faixa de pedestres.

O meu comportamento e a minha forma de estar são totalmente diferentes dos dos outros cães e a minha dupla função de guia e de companheiro da minha dona cega deve ser respeitado.

Por favor, não me toques nem me acaricies quando eu estiver trabalhando, ou seja, quando eu estiver com a guia. Se me colocar a mão, pode me distrair e eu não posso falhar na minha função.

Repito: O mais adequado é me ignorar. Não tenha medo de mim! Nós, cães-guias, somos muito bem adestrados e nunca seríamos capazes de te fazer mal sem motivo.

Descrição da imagem a seguir: Na foto que virá, vocês irão se deparar com um labrador chocolate, com olhos cor de mel e uma expressão séria. Ele aparece em pé, equipado com seu uniforme de trabalho em uma calçada. Estávamos na pausa de uma caminhada, paramos para ele beber água. Aparece um fio baba dele na foto.

Figura 4. Astor em pé com uniforme de trabalho.



3 - Entre pés e patas, um mundo que se faz

Os seres humanos têm essa arrogância, de se acharem superiores aos animais. Somos diferentes, percebemos o mundo de forma diferente. Eu tento ter uma relação de parceria com eles. Tem um mundo maravilhoso para experimentarmos através dos sentidos.

(Jonas⁵, em série *Amor de Bicho*⁶)

Este é um texto sobre a relação entre alguns humanos e alguns dos animais que os acompanham. Mais especificamente, sobre humanos com deficiência visual e os cães-guias desses humanos. .

Foi no ano de 2005 que, devido a uma doença degenerativa, perdi aos 15 anos a visão. Nesse período, eu morava em Ponte Nova, cidade pequena do interior de Minas, sem nenhum recurso para minha reabilitação. Foi com meus amigos e professores da época que se tornou possível concluir o ensino médio e me preparar para o vestibular. É bem comum nas cidades pequenas que, ao concluir o ensino médio, busquemos cidades maiores, com grandes universidades para garantirmos um curso superior. Depois desse processo, alguns retornam para suas cidades natal, outros não. Eu não retornei.

Quando no processo de inscrição do vestibular deveria escolher em quais cidades eu gostaria de morar, considerei que, sendo uma mulher deficiente, além de uma boa universidade, eu deveria estar em um lugar que pudesse me oferecer recursos para poder lidar com a minha própria cegueira. Foi em buscas pela internet que conheci o Instituto Benjamin Constant e tomei a decisão de vir para o Rio de Janeiro, onde, além de me graduar, eu poderia também me reabilitar, e assim foi.

Em 2008, aprovada no vestibular para o curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, parti para a cidade grande. Cheguei antes das aulas começarem e, inscrita no

⁵ Jonas Santiago é músico. Homem cego desde os vinte anos e usuário de cão-guia há pelo menos quinze anos.

⁶ *Amor de Bicho* é uma série documental que conta histórias de amor entre nós humanos e os animais que nos acompanham. É coproduzida pela MOV com Duplamente Filmes. Neste texto, a referência da série e o link para acesso são: *Amor de Bicho* (temporada 1, Episódio 5). Direção e Roteiro: Mônica Prinzac. Rio de Janeiro, 2020. <https://www.youtube.com/watch?v=mTRZZ4oxvPs>

setor de reabilitação do Instituto Benjamin Constant, fiz ali dois anos de um curso de Orientação e Mobilidade para aprender a, além de usar a bengala, construir novas referências, não visuais, para me deslocar por uma cidade. Muito do que aprendi nesse percurso trago comigo até hoje. Aprendi também o braille e várias formas preciosas de realizar atividades da vida diária como varrer, descascar alimentos, cozinhar, me maquiar e cuidar das unhas, com referências táteis com as quais eu pudesse contar. Dessa jornada, trago muitas referências para o meu cotidiano até hoje. Com essas ferramentas também pude criar muitas outras. Essa foi uma escolha importante em minha vida, reabilitar foi preciso.

Um ano depois de já ter chegado ao Rio de Janeiro, morando em Niterói e circulando relativamente bem, com minha bengala e muitos ombros, conhecidos e desconhecidos pelas duas cidades, encontro em frente à estação das Barcas de Niterói um garoto cego que andava com um cão-guia. A amiga que estava comigo me narrou essa cena e me ajudou a me aproximar deles. Ali conheci o Jonas e sua espécie companheira Zuca⁷, que, dois anos depois, tornaram-se meus amigos. Pouco conversamos, mas dali levei comigo o contato do treinador de cães-guias que, soube então, morava na cidade.

Esse foi um encontro que me acelerou o peito e me reconectou com um sonho do qual eu só descansei quando pude realizá-lo. Eu também queria ter um cão-guia e me lembrei que queria há anos, mas essa era uma realidade no interior de Minas que eu podia assistir apenas pela televisão. Vir morar no estado do Rio de Janeiro me colocou mais perto dessa oportunidade.

Desde que fiquei cega me imaginava andando com um cão, sendo levada para os lugares que desejasse, precisando de outras ajudas. Achava que eu teria um cão treinado e sempre pronto a me promover liberdade e autonomia, sempre ao meu dispor, compassivo, obediente e feliz por estar comigo. De alguma forma, essa imagem me afastava também dos estigmas da cegueira e do uso da bengala, e um cão me faria, em meus sonhos, me sentir mais empoderada. A dura imagem de uma ceguinha nunca vinha acompanhada de um cão-guia, sabia eu.

Foi então que, no ano de 2009, me arrumando pela manhã para assistir uma aula na faculdade, escovo os dentes com a televisão ligada, ouço do banheiro a chamada para uma matéria que falaria sobre os cães-guias. Numa grande emissora de televisão, de alcance nacional, estavam Jonas e Zuca, a dupla que eu havia conhecido em frente às barcas, e o

⁷ Zuca é uma labradora amarela. A primeira cão-guia de Jonas, com quem, além de guiar em terra firme, passou bastante tempo velejando, enquanto Jonas praticava o esporte. Hoje Zuca está aposentada e bem velhinha, morando com Jonas e Trevor, o seu segundo cão-guia.

George⁸, o treinador e diretor do Instituto Cão-Guia Brasil⁹, com o qual eu não havia conseguido falar desde então. Assistindo ao programa eu estava mais do que decidida que teria o meu cão-guia, buscaria-o onde fosse necessário e assim o foi. No fim daquele programa, a apresentadora anuncia que um cão seria doado ao vivo para quem enviasse uma carta contando sua história. A carta selecionada, daria à pessoa cega, o prazer de ser acompanhada pela vida com aquele cão-guia.

Na tarde daquele mesmo dia iniciei minhas inscrições em todas as escolas de treinamento de cães-guias no âmbito do território nacional. Isso pode lhes parecer um trabalho incansável, mas a verdade é que, naquele momento, eu só consegui descobrir duas dessas escolas treinando esses cães naquele ano. Além do Instituto Cão-Guia Brasil, situado em Niterói, existia também o Programa Cão-Guia, no Distrito Federal¹⁰. É irônico que, durante aquela tarde, em poucos minutos, eu estava inscrita nas opções nacionais para me tornar também uma espécie companheira de um cão. Além das escolas nacionais, com a ajuda de uma amiga, a Marcia, que é também a orientadora deste trabalho, fui ao encontro de Ethel Rosenfeld, minha ancestral, a primeira mulher-cega-COM-cão-guia a trazer um cão-guia dos Estados Unidos para o Rio de Janeiro, e que me ajudou abrindo caminhos e possibilidades de conseguir, em instituições nacionais e internacionais, um cão que me acompanharia.

Desse dia até o mês de outubro de 2010 pouco mais de um ano tinha se passado e lá seguia eu, ombros e bengalas, deslocando-me pela cidade. Foi nesse período que entrei em contato com a dura realidade a respeito do trabalho dos cães-guias no nosso país. Em 2018,

⁸George Harrison é psicólogo, especialista em comportamento animal, apaixonado por cães, formador de cães-guias e fundador do Instituto Cão-Guia Brasil. Foi o formador dos cães que me guiam e também dos cães que guiam Jonas, entre muitos outros. Hoje é também formador de cães no Instituto Magnus. Para conhecer o Instituto Magnus, acesse: <https://www.institutomagnus.org/instituto>.

⁹ O Instituto Cão-Guia Brasil tem como objetivos: treinar cães para guiar pessoas com deficiência visual ou com baixa visão; facilitar o acesso das pessoas com deficiência visual à parceria com um Cão-Guia; formar novos treinadores e instrutores de Cães-Guias; preparar a sociedade para receber esta nova realidade através de Palestra e Workshops em Congressos, Empresas e Instituições de ensino Fundamental, Médio e Superior, Públicas ou Privadas. O instituto está desativado neste momento, mas existe o Projeto Cão-Guia Brasil, que está em funcionamento. Para conhecer, acesse: <https://www.facebook.com/CaoGuiaBrasil/>.

¹⁰Para conhecer mais sobre o Programa Cão-Guia no Distrito Federal, acesse: <http://www.df.gov.br/programa-caoguia/>.

éramos aproximadamente 12 mil pessoas cegas na espera dessa tecnologia assistiva¹¹ e apenas 80 cães trabalhando, sendo a maior parte deles treinados fora do país. A fila era imensa, as possibilidades de buscas restritas e o que parecia estar mais perto de mim, na cidade grande, ficava mais distante a cada contato com esse novo mundo que eu descobria.

Foi diante de tudo isso, chamada por aquela apresentadora do programa matinal, que decidi escrever uma bela e comovente carta¹², reforçando os pontos mais emocionantes da minha história, para poder, talvez, virar pauta de um programa e conseguir o cão. Acredito que tenha sido essa carta o primeiro movimento a me ensinar que eu, para me tornar uma espécie companheira de um cão-guia neste país e com as condições que lhes contei, deveria abrir mão de parte de quem eu era e do que pensava a respeito de muitas coisas, inclusive, nesta situação, do que seria estar naquele programa, com aquelas pessoas, naquela emissora, tornando-me, talvez, um conteúdo sensacionalista. Apesar de tudo isso, fiz e enviei a carta.

Mais de um ano se passou até outubro de 2010, quando recebo um contato da emissora em questão com uma proposta de pauta. Eu, que só tive relações com a mesma pela carta que havia enviado, senti o peito disparar... seria a chegada do meu cão? Estaria eu diante do que esperava há tanto tempo e não acreditava mais que teria? Aceitei participar da pauta, que posteriormente virou uma entrevista ao vivo e que, por fim, deu-se na entrega do meu cão em rede nacional. Sim, foi assim que conheci a Pucca e o George, o mesmo que havia treinado Zuca e Jonas. Era o treinador de Pucca e seria também o meu. A emoção de todo esse encontro, vocês devem imaginar, não cabe aqui descrever, se é que eu conseguiria.

¹¹ Tecnologia Assistiva é um termo ainda novo, utilizado para identificar todo o arsenal de Recursos e Serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e consequentemente promover Vida Independente e Inclusão. Para saber mais, acesse o site: <https://www.assistiva.com.br/tassistiva.html#:~:text=Tecnologia%20Assistiva%20%C3%A9%20um%20termo,promover%20Vida%20Independente%20e%20Inclus%C3%A3o>.

¹² A carta a qual me refiro aqui é a mesma que abre a introdução desta tese.

No dia 3 de novembro de 2010 eu me tornei, então, uma espécie companheira¹³ da minha cão-guia. Entrei nos estúdios daquele programa em uma manhã sendo usuária de bengala e saí, achava eu, acompanhada de meu cão-guia.

3.1 - Expectativa x Realidade

Câmeras desligadas e o carro que me deixaria em casa estava já a me esperar. Eu, que não sabia de quase nada, achei que chegaria em casa com Pucca e que, muito em breve, estaríamos juntas a trabalhar. Afinal de contas, ela estava treinada e já pronta para fazer o sério trabalho ao qual foi designada, mas não sem sua própria autorização. Pois bem, nesse momento, ouvi do treinador que tínhamos ainda um longo caminho pela frente, que Pucca estava pronta, mas eu não. Ela conhecia um mundo de comandos e uma coreografia que eu precisaria aprender, que havia ali uma relação de referência a ser construída. E o pior alerta de todos: poderia, inclusive, não dar certo.

Para que vocês entendam melhor, um cão-guia é encaminhado a uma pessoa cega a partir de um cruzamento de informações que apontam para uma compatibilidade de perfis. Caso haja essa compatibilidade inicial, ou seja, caso a altura da pessoa, o peso da pessoa o ritmo de vida, a velocidade de andar, sejam compatíveis com o cão que está finalizando o seu treinamento, de modo que essa aposta não seja sacrificante para nenhum dos dois da dupla, dizemos que aconteceu uma compatibilidade de perfil que pode ser explorada. Só depois de um mês de adaptação é que saberemos se os perfis realmente constituíram um “match”, como dizem os aplicativos virtuais de relacionamento de hoje em dia, e o treinamento é finalizado.

Minha expectativa ao receber Pucca em rede nacional era de que no dia seguinte estaríamos desfilando pelas ruas juntas, sei lá como, mas assim eu pensava. A realidade é que no dia 4 de novembro demos início a um treinamento que duraria um mês. A partir daquele dia, Pucca passaria a morar na minha casa, mas eu só tinha autorização para sair com ela sem o treinador para atender às necessidades fisiológicas dela. Apenas eu deveria alimentá-la e prover água, bem como brincar com ela. Nesse momento, o que trabalhávamos era a

¹³ O termo espécie companheira refere-se ao elo antigo e co-constitutivo entre cães e pessoas, no qual cães têm sido agentes, não apenas recipientes de ação. Espécie companheira também aponta para os tipos de seres tornados possíveis nas interfaces entre comunidades humanas de práticas diversas para quem o “o amor à raça” ou o “amor aos cães” é um imperativo prático e ético num contexto sempre específico e histórico, que envolve ciência, tecnologia e medicina em cada esquina. Ademais, espécie companheira designa aparatos bio-socio-técnicos de humanos, animais, artefatos e instituições nos quais formas particulares de ser emergem e são sustentadas. Ou não (HARAWAY, 2008, p. 134).

passagem do vínculo que ela havia estabelecido com o treinador, para mim, uma pessoa que a esperou por dois anos que a aceitou imediatamente, mas que ela não conhecia.

Era nítida a indiferença dela por mim. Ela se emocionava todas as vezes que o treinador chegava em minha casa para nos levar para a rua e então fazermos os treinamentos diários. Eu a chamava e ela sequer me olhava, comigo não buscava nada, com ele buscava tudo. Na primeira semana de treinamento, eu já sendo conduzida pela Pucca, o George ficava sempre do nosso lado, dando comigo os comandos, uma vez que ela não me ouvia. Eu falando ou calada, não fazia diferença alguma para ela. Na segunda semana, ele passou a ficar dois passos atrás de nós e Pucca me guiava olhando para trás. Já era a segunda semana, só teríamos mais duas. Tudo aquilo me parecia inviável, uma mentira. Ela não estava pronta, cães-guias não funcionavam, nada daquilo parecia dar certo e ser verdadeiro. Eu tinha certeza que os perfis não estavam cruzados, era só isso que poderia explicar tamanha indiferença dela por mim.

Entre choros e crises de desespero, frustrações sem fim e dias inteiros de treinamento, fui me dando conta de que eu e Pucca estávamos em posições muito distintas. Ela estava com alguém que não conhecia, despedindo-se de uma pessoa com quem tinha convivido no último ano. Tinha dor, tinha separação. Pucca, ao me conhecer, estava passando por um processo de luto. Ela estava para mim, mas não como eu estava para ela. Eu precisava esperá-la, precisava acreditar nela e, mais ainda, precisava poder ajudá-la a passar por isso.

Passei, a cada fim dos treinos, quando nos despedíamos do George, a colocá-la no colo e dizer que eu estava com ela e que iria protegê-la, que ela podia confiar em mim e que eu seria também uma grande parceira para ela. Eu fazia promessas de uma boa vida, com cuidados, muitos passeios, trabalhos e brincadeiras. Essa já era a terceira semana do treinamento e quando eu já tinha quase aceitado que não dava, que não era eu a dupla da Pucca e que ela não seria minha companheira, a despeito do treinador comemorar cada evolução daquela parceria que só ele via. Pucca olhou para mim e, num gesto de suavidade que é próprio dela, ofereceu-me um brinquedo com o qual eu sempre a chamava para brincar sem sucesso. Eu me lembro exatamente a primeira vez que a Pucca olhou para mim. Ela me viu e arrisco dizer que, naquele dia, ela me aceitou. Dali até o fim do treinamento faltavam apenas alguns dias e um mundo infinito tinha acabado de se abrir, um mundo que não era mais só meu, nunca mais foi, um mundo onde eu me tornei também ela, e sei que ela se tornou também eu. Eu não sei precisamente dizer se nesse momento me tornei mais animal ou se Pucca se tornou mais humana, mas certamente construímos ali um tipo de relação transespecífica.

3.2 - Encontros entre espécies

Você vive diariamente com o animal. Você sabe quando ele está com sede, fome, quando ele quer fazer xixi, quando ele quer um carinho, quando ele quer brincar. E esse saber você adquire com a vivência, com o compartilhar das experiências. É uma mistura de pai e filho, que cuida e é cuidado por eles. Uma relação de muito carinho e cuidado.

(Jonas, em série *Amor de Bicho*)

O termo transespecífico eu conheci há pouco tempo lendo a tese de doutorado de Juliana Fausto (2017), que se dedicou a escrever sobre a cosmopolítica dos animais e muito me ajudou a olhar para a relação com meus bichos. Ainda com Juliana, estou certa em afirmar que essa relação transespecífica com Pucca só se fez possível diante de uma resposta dela, diante de uma habilidade de Pucca em me responder naquele momento em que fazíamos o treinamento.

Se aqui nos remetermos a Donna Haraway (2008), há uma consequência na resposta que Pucca me dá, quando me olha de volta, quando olha para mim. Uma primeira consequência dessa responsabilidade, entendida aqui como habilidade de responder, está relacionada com uma intra-ação através das quais as entidades, sujeitos e objetos vêm a ser. No meu caso, com Pucca, deixei de ser apenas humana e ela deixa de ser animal. O que chamo aqui de inter-ação, ainda tomando Donna Haraway (2008) como uma parceira para pensar nossa relação, é um “corte agencial”, uma humana e um animal que só existem dentro desse fenômeno. Nesse sentido, não existe Pucca sem Camila nem Camila sem Pucca, mas o que garantiu, inclusive, que vivêssemos juntas, foi o fato de que deixamos de ser agentes individuais, e nos tornamos agentes nesse fenômeno, através dos cortes agenciais.

Segundo Juliana Fausto (2017), “é através de intra-ações agenciais específicas que os limites e prioridades de ‘indivíduos’ dentro do fenômeno tornam-se determinados e articulações materiais particulares do mundo se tornam significativas” (BARAD, 2012, p.77, conforme citado por FAUSTO, 2017, p. 28). “Isto é, no lugar da interação do encontro de dois ou mais não divisíveis que emergem as competências, capacidades e limites em caso

particular e são assim reconfiguradas a partir de cada intra-ação” (FAUSTO, 2017, p. 28). A questão colocada por Juliana me lembra bem de uma parte do período de treinamento com Pucca. Ela desconfiava de mim e eu dela. Por mais que eu não pudesse acessar essa desconfiança, ela aparecia nos meus braços, na musculatura das minhas costas. Para quem nunca viu ou nunca reparou em um cão-guia em serviço, eles possuem um uniforme de trabalho que chamamos de arreio. O arreio é um colete que prendemos no peitoral do animal, geralmente feito de couro, com hastes de alumínio, também encapadas de couro, nas quais seguramos e por onde os cães se comunicam corporalmente conosco. Pelo movimento do arreio, podemos saber se estamos diante de um degrau para subir ou descer. É também pela tração que o cão faz para guiar, e que sentimos pelo arreio, que somos levadas a nos desviar de algum obstáculo, virar para um dos lados ou dar meia volta.

Se o cão nos traz uma série de informações pelo arreio, precisamos considerar que também enviamos pelo arreio uma série de informações, medos, ansiedades, desconfianças para o cão. Com Pucca, inicialmente eu não soltava o braço. Eu a puxava para trás sem que ela pudesse se mover com liberdade e, com isso, diminuía sua capacidade de agir. Eu tinha medo de me entregar a um animal que passaria a determinar os caminhos que eu deveria fazer e escolheria a forma como eles seriam. Quanto mais medo eu sentia, mas eu me contraía, menos eu me entregava e mais a Pucca sabia que eu não confiava nela. Foi quando o “nós” surgiu e deixamos de ser estranhas uma para a outra, absolutamente divisíveis, que o trabalho pôde acontecer. Aqui sim, eu estava me tornando uma espécie companheira¹⁴ de Pucca, não lá, depois do programa em rede nacional, no qual eu havia a recebido como posse, mas aqui, quando nós nos recebemos enquanto relações transespecíficas.

3.3 - O que dizem e o que é

¹⁴ O termo espécie companheira refere-se ao elo antigo e co-constitutivo entre cães e pessoas, no qual cães têm sido agentes, não apenas recipientes de ação. Espécie companheira também aponta para os tipos de seres tornados possíveis nas interfaces entre comunidades humanas de práticas diversas para quem o “o amor à raça” ou o “amor aos cães” é um imperativo prático e ético num contexto sempre específico e histórico, que envolve ciência, tecnologia e medicina em cada esquina. Ademais, espécie companheira designa aparatos bio-socio-técnicos de humanos, animais, artefatos e instituições nos quais formas particulares de ser emergem e são sustentadas. Ou não (HARAWAY, 2008, p. 134).

Muita gente fala que o cão guia são os olhos do cego. Eu acho engraçado isso das pessoas quererem dar olhos para cego o tempo todo. Na verdade, eles me levam, são treinados para me guiar. E tem uma coisa de quererem trazer a experiência visual para quem não a tem ao invés de empoderar as experiências que a pessoa pode ter. Então, sinceramente, eu detesto essa coisa, de são os olhos da pessoa que não enxerga. Não, e nem precisam ser.

(Jonas, em série Amor de Bicho)

Dessa relação, vivida na carne com um animal de trabalho, treinado para me guiar, surge uma inquietação. Há quem diga que os cães-guias são os nossos olhos, numa tentativa capacitista de nos devolver à uma normalidade visuocêntrica (Belarmino, 2009), uma vez que, sim, com eles ganhamos muitas possibilidades que extrapolam, inclusive, a funcionalidade desse sentido. O que me inquieta nesta afirmação, porém, é o quanto ela é capaz de diminuir o que o cão é, e o que ele é capaz de fazer em nossas vidas. Um cão nunca me fez enxergar, mas me fez me tornar outra, me fez estar aqui escrevendo sobre eles, me fez olhar para eles e me fez protegê-los.

Ainda sobre esse processo de adaptação com um cão-guia, é provável que vocês não saibam, então aproveito para contar que o treinamento é feito em ruas, transportes públicos e privados, bares e também festas, caso esses lugares fizerem parte da vida da pessoa cega que está em fase de adaptação. Além disso, também é feito nos caminhos cotidianos, como o caminho de casa e do trabalho, do ponto de ônibus mais usado e das barcas e do metrô, como foi o meu caso, e também em espaços fechados como shoppings, que possuem uma grande possibilidade de treinar os comandos de escada rolante, banheiro, entrada e saída, caixa eletrônico, balcão, farmácia, mesa, cadeira – que são comandos universais que os cães aprendem e nos ajudam a encontrar durante seus trabalhos e que estão todos reunidos em um shopping.

Há para mim uma lembrança memorável deste período. Íamos pela primeira vez em um shopping fazer o meu treinamento desses comandos. Quando perto da entrada, o treinador me diz: “Escuta, eles vão querer te impedir de entrar e você não vai parar do lado de fora, você força a entrada e resolve o que tiver que resolver lá dentro. Porque se você não entra isso

é um problema seu, se você entrar, vocês se tornam um problema deles”. Uau... eu fiquei nervosa e sabia que ali tinham coisas que eu ainda não conhecia e pelas quais eu ainda não sabia que ia passar. Entendi que fazia parte do treinamento construir uma relação com a Pucca, mas também conhecer a experiência do George, como o mundo nos via. Apesar do trabalho dos cães-guias no Brasil ser regulamentado pela lei 11.126 de 27 de junho de 2005, garantindo-nos o acesso e permanência a locais públicos e privados de uso coletivo, até hoje, mesmo que quando conhecida, essa é uma lei descumprida por grande parte da nossa sociedade. Em 2010, essa realidade era mais forte ainda. “Forçar” minha entrada e fazer com que eu e Pucca nos tornássemos um problema dos outros foi fundamental para os desafios que eu nem imaginava viver¹⁵.

Nesse momento eu entendi que o meu direito civil de ir e vir, que como pessoa cega afirmo, não é cumprido, tal como os direitos dos cães-guias. Isso me tornaria uma ativista pelos direitos desses cães, eu não teria escolha. Uma vez que eu não existia mais fora dessa relação, o descumprimento dos direitos dela era também o descumprimento dos meus direitos. Ela me protegeria e me guiaria em um mundo que se fez inacessível, desconsiderando corpos como o meu, e eu estaria ali a garantir os direitos dela, que eram negligenciados por ser ela um sujeito de outra espécie que não humana.

Entre pés e patas, um mundo imenso foi se abrindo, um mundo do qual tenho muito para contar e dividir. São muitas boas e difíceis histórias. Hoje tenho Pucca aposentada e o Astor no auge da sua carreira, vivi a transição de um cão para o outro, a aposentadoria da Pucca e a descoberta de mais mundo com essas novas patas que me chegaram. O que se pode aprender sobre os nossos animais a partir da relação que temos com eles? O que se diz, o que se aprende se os considerarmos espécies companheiras? O que podemos aprender com esses cães por dentro da relação com eles? O que essa relação nos ensina sobre os animais de assistência e sobre os humanos com deficiência? Que histórias contaremos se falarmos dos bichos a partir dessa relação?

Fantasiadamente, eu pensava que a função da Pucca em minha vida era a de me guiar, levando-me pelas mãos, conduzindo-me por aí afora e obedecendo os meus comandos nas ruas. Por outro lado, encontramos pessoas que criam a imagem dela com um corpo mecânico,

¹⁵Ethel Rosenfeld e Gem são grandes referências de lutas e conquistas. A dupla, uma das primeiras brasileiras e a primeira carioca enfrentaram juntos uma grande resistência e foram também responsáveis por grandes conquistas em nossos direitos. Eu agradeço imensamente à luta de Ethel e Gem, que garantem para nós, espécies companheiras de cães guias, direitos e qualidade de vida e de luta. Para conhecer mais sobre Ethel e Gem, suas lutas e conquistas, acesse: <http://www.ethelrosenfeld.com.br/gem3.htm>

robotizado, capaz de só obedecer, com um protocolo determinado do que é ser uma guia. Hoje sei que houve, nela e em Astor, a decisão de fazerem o que fazem, colocando suas condições, desejos e necessidades e, em mim, a aberturas para nos tornarmos espécies companheiras.

A presença do cão-guia faz falar, não faz calar. Essa é a maior indicação de que talvez eles não sejam um cão-guia como estamos acostumados a imaginar, mas um cão mediador. Um mediador que exige articulações, negociações para fazer o trabalho que faz e circular pela cidade.

Os desafios que essa relação traz ao nosso caminhar não são poucos, mas com eles, entendi a dimensão do coletivo que envolve nossa circulação. Tocamos e somos tocados. Vivendo com meus cães aprendi a entendê-los nos seus modos mais particulares de ser. Nesses anos posso tranquilamente dizer que foi na subversão de um modo pronto e esperado de ser guia, forçando-me a acompanhar os seus desejos e as suas escolhas, que esses cães foram se tornando um bom problema para o qual eu iria me dedicar a ouvir.

3.4 - Boas novas dicas

Figura 5. Camila e Astor na calçada do Rio de Janeiro.



Descrição da imagem: Na foto, aparecemos Astor e eu caminhando por uma calçada do Rio de Janeiro. Lembro-me que, neste momento, estávamos indo em direção ao metrô, que não aparece na foto. Eu apareço de cabelos soltos e óculos escuros, de calça jeans e uma blusa de frio preta e cinza com estampas geométricas da mesma cor. Eu seguro no equipamento e Astor está posicionado a um passo à frente do meu, olhando para a direção na qual estávamos indo.

Atenção: quando estiver com outro cão, por favor controle-o para evitar que possa acontecer algum acidente quando passar ao meu lado ou ao lado da minha dona cega.

Por favor, não me ofereça guloseimas ou alimentos: O meu dono encarrega-se disso com todo o esmero! Estou bem alimentado e tenho um horário estabelecido para ir comer.

Quando se dirigir a uma pessoa cega acompanhada de um cão-guia como eu, fale diretamente para ele e não para mim.

Se um cego com um cão guia te pedir ajuda, aproxime-se dele pelo lado direito para que eu possa manter-me à esquerda.

Ele ordena-me que lhe siga, ou então pedirá que lhe dê o teu cotovelo esquerdo. Nesse caso, ele me dará um comando para me dizer que eu estou, temporariamente, fora de serviço.

Figura 6. Pucca e Camila posando na calçada.



Descrição da imagem: Na foto, aparecemos Pucca e eu posando em uma calçada com lojas no fundo. Eu estou abaixada para ficar mais perto de sua altura. Estou de cabelos curtos, soltos e óculos escuros, uma blusa de frio cinza, uma jardineira jeans e meia calça preta. Pucca aparece equipada, com a cabeça delicadamente apoiada em um dos meus joelhos.

4 - Sempre falamos de algum lugar e somos sempre ouvidos de algum lugar

Este artigo é um artigo sobre mediação. É isso mesmo, a despeito das correções automáticas do Word, ou da sonoridade da pronúncia dessa palavra nos sugerir um erro de escrita, acreditem, este é um artigo sobre mediação e eu irei explicar.

Parte grande do meu percurso profissional foi marcado pelo exercício da função de mediadora, em um Centro Cultural¹⁶. Para quem não conhece, todos os espaços culturais e

¹⁶ O Centro Cultural ao qual me refiro neste trabalho é o Centro Cultural Banco do Brasil (adiante CCBB), situado na cidade do Rio de Janeiro, lugar em que eu trabalhei por dez anos, recebendo os visitantes. No terreno

museais trazem consigo um setor educativo¹⁷. O setor educativo é o setor responsável pelo acolhimento do público que chega no museu, tendo marcado uma visita ou não, a depender do funcionamento de cada espaço.

Os profissionais atuantes nesses espaços são historicamente conhecidos como guias, mas há também espaços que trabalham com educadores ou ainda, no meu caso, espaços em que os profissionais desses setores são conhecidos como mediadores. Cada um desses cargos traz consigo um jogo de forças, práticas e políticas distintas. Digo isso para que não pensem que se trata de uma mera troca de palavras para nomear uma mesma função. Foi como mediadora que trabalhei por dez anos, recebendo milhares de visitantes em exposições de arte e realizando atividades produzidas por mim junto com meus parceiros de trabalho. Em cada uma dessas visitas, em cada pequeno e grande encontro, eu estava acompanhada de um cão-guia.

Aprendi com Miriam Celeste (2014) nesses anos de trabalho que a mediação é a ação de transitar, articular. Em seu texto *Memórias para o devir: A mediação cultural como provocação e contaminação estética*, a autora nos revela a mediação como um fazer em rede, ultrapassando a ideia de mediação como uma ponte que une dois pontos. Celeste nos coloca para compreender a mediação como um “estar entre muitos” (ALVES, 2016).

Mediação é encontro; mediação é ampliação de conhecimento; mediação é ir ao encontro do repertório e dos interesses do outro; mediação é conectar conteúdos e interesses; mediação é ir além dos conteúdos; mediação é aproximar, refletir experiências e compartilhar; mediação é diálogo, conversação, provocação. E justamente por ser um termo polissêmico é que ele se constitui como problema de pesquisa. Autores como Honorato (2012), Martins (2014) e Kaufman, Harayama e Lage (2016) também tomam a mediação como campo problemático (ALVES, 2016).

específico desta pesquisa iniciada no Mestrado, o receber visitas ou visitantes constitui o que chamamos de mediação. Desde o início deste trabalho, foi-me dada a ação de mediar. No campo da cultura, ensino e aprendizagem o conceito de mediação cultural assume diversas possibilidades. Autores que tratam desse tema estão presentes ao longo de todo este capítulo.

¹⁷ Desde 2010, no Brasil, iniciou-se uma relação que busca reconhecimento legal da prática e função educativa nos museus através do processo de elaboração do Caderno da Política Nacional de Educação Museal – PNEM, com o desenvolvimento da política nacional aliada ao Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). O Caderno publicado em 2018 traz a definição sobre o que se compreende como Educação Museal. Segue o link de acesso ao caderno: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>

A professora e pesquisadora Miriam Celeste (2006) defende que as propostas éticas e estéticas de uma mediação cultural são de grande importância para que as experiências propostas pelo núcleo de educação de um museu aconteçam. “Em sua pesquisa, afirma que quanto mais interativa, no sentido de levar em conta o visitante, de nos relacionarmos, de promovermos sua participação ativa, seus pontos de vista e suas considerações, mais transformadoras as experiências podem ser” (ANDRADE, 2020, p. 16).

E o que toda essa discussão tem a ver com a mediação, discussão essa que quero tecer com vocês? Bem, trago o tema da mediação para que pensemos aqui como essa discussão se sintoniza e ressoa no trabalho também dos cães-guias. Atravessada por essa discussão desde o Mestrado, compreender o lugar do cão-guia em nossas vidas, na vida das pessoas cegas, o nosso lugar na vida desses cães e como esse agenciamento é capaz de acionar uma história da deficiência, é caminho de conexão com a mediação para abrir novas possibilidades de reflexão.

Como dito anteriormente, há formas distintas de se relacionar com o público em um museu, sendo guia ou mediador, as práticas acionadas por cada uma dessas funções são capazes de criar relações com diferentes potências. No caso do guia, função essa que também nomeia o trabalho que os cães-guias fazem, há uma distribuição assimétrica nas posições de quem ocupa esse campo relacional. Ao guia, tanto no museu quanto na função dos cães, há a expectativa de que esses cumpram um conjunto de comandos pré-estabelecidos antes de um encontro, que se façam o mais neutro possível e que se atentem, de forma menos interativa, ao caminho que deve ser percorrido.

Tais relações organizadas nesses termos produzem um distanciamento entre quem guia e quem é guiado, entre quem segue e quem é seguido, entre quem fala e quem é ouvido, entre quem detém as informações e quem é o que irá adquiri-las. No caso da educação museal, cria-se um ponto de tensão, no qual não entraremos agora, mas, no caso dos cães-guias, há uma abertura para seguirmos nessa discussão. Se, por um lado, historicamente nos relacionamos com os animais de modo a docilizá-los, desacreditar de suas habilidades de inteligência, aprendizagem e comunicação, uma pessoa cega, ao aceitar constituir uma parceria com um cão, precisa creditar a ele a sabedoria na condução de seus passos e decisões que serão por ele tomadas.

Longe de serem sujeitos neutros, produtores de nossas independências, para que enquanto deficientes sigamos sozinhos, a chegada de um cão-guia em minha vida foi e é a garantia de não estar mais sozinha. Quando me refiro a não estar mais sozinha, me refiro sim ao isolamento que nós, pessoas com deficiência, estamos sujeitas a viver o tempo todo, um

isolamento que diminui nossa capacidade de expandir e de nos articular com a vida, com os outros com e sem deficiência, e me refiro também aos atravessamentos que esses cães são capazes de produzir na cidade, nas instituições, nas vidas de outras pessoas e, principalmente, na nossa; atravessamentos esses que os colocam mais próximos de agente ativadores de uma ação mediadora do que uma função de guia.

4.1 - O pessoal e o político

A hora de voltar para casa já se aproximava. Com duas amigas, fui almoçar antes de voltar. Uma delas me levaria até o táxi... Que alívio! Aquela tensão que parecia dizer respeito só à minha vida, de repente foi dividida com ela. Uma tensão constante de não saber o que me espera quando circulo pela cidade com a Pucca. Pela nossa proximidade, por já saber dos desafios que Pucca e eu enfrentávamos em nossas andanças, dessa vez eu não precisei lançar mão de nenhuma instrução, afinal de contas ela já as conhecia. O local onde eu pegaria um táxi era a saída de um shopping. Em geral, por ali se formava uma fila, era um ponto onde taxistas deixavam pessoas que chegavam ao local e levavam as que queriam sair. Para minha surpresa, naquela hora em que chegamos, não havia fila. Chegarei rapidinho em casa, pensei! Pensei como alguém que vez ou outra insiste em acreditar que os caminhos não são feitos de atritos, de pedras rochosas... Como se o próprio ato de circular não trouxesse consigo um trabalho, uma tradução de mundo. O primeiro taxista dos muitos que, diferente do que acontecia de manhã, estavam livres, não quis

fazer a corrida, disse que não transportava cães. O segundo pouco quis ouvir a minha amiga a respeito da presença do cão. À medida que os táxis iam recusando as corridas, uma fila ia se formando atrás da gente. Um grupo de homens, que deviam estar no final do almoço, sei lá, conversavam atrás de nós. Os taxistas continuavam a recusar as corridas, a fila aumentava, a ansiedade também. Agora eu e a amiga que me acompanhava estaríamos sozinhas? Foi o que pensei! Os carros que não nos levavam pararam para pegar as pessoas que estavam atrás de nós, como se aquela fila não fosse uma única fila. Como se nós não fôssemos as primeiras. Mas ainda que os carros parassem para levar as outras pessoas, elas não iam.

Fui ouvindo um combinado do grupo de rapazes, um combinado feito entre eles, que dizia que eles não pegariam o táxi que tivesse recusado a nos levar. Fiquei tocada... Mais uma vez aquele problema deixou de ser só meu, só da amiga que estava comigo e foi redistribuído. Ao mesmo tempo em que ele ia sendo redistribuído, para mim, ele ia sendo também traduzido.

Traduzir é fazer invenções na sua própria língua...

Algumas mulheres que estavam no final da fila perguntaram por que a fila não andava, afinal de contas, táxis não faltavam. Os rapazes responderam que era porque eles não queriam me levar. Eu não sabia que eles estariam ali, não sabia que estavam se tivessem pegado o primeiro táxi que recusou fazer a nossa corrida, mas eles recusaram a corrida de vários taxistas.

Eles tiveram o seu caminhar interrompido por outras vidas. Foram tomados por isso? Tomaram isso para eles? Não sei... Mas tiveram o seu caminhar interrompido e só seguiram de novo quando nós seguimos!

(Memórias de um encontro, 2014).

Eu e Pucca nos encontramos nessa vida em 2010, no mesmo ano em que desenvolvi, pela primeira vez, o trabalho como mediadora. Inicialmente, a função da Pucca em minha vida era a de me guiar. Levando-me pelas mãos, conduzindo-me pelo mundo afora. Há ainda quem diga que a função de um cão-guia é a de obedecer a todos comandos. Com um protocolo determinado do que é ser uma guia, comigo ela deveria somente executar sua função.

A questão é que um cão-guia é um ator não-humano¹⁸ capaz de produzir deslocamentos, colocar questões, evidenciar as negociações necessárias para o sucesso de um encontro. Um cão-guia é capaz de mediar. Se a presença de uma pessoa cega no mundo ainda é um fator inusitado, a presença de pessoa-cega-cão-guia é ainda mais inusitada, um ator imprevisto em quase todos os espaços. Faz-se necessário o tempo inteiro articular nossas presenças nesses espaços.

Aprendi, como trouxe no relato, que quando uma experiência pessoal toca o outro, ela torna-se política. É político porque abre a possibilidade de se conectar e compor um mundo comum. E por que eu trago essa discussão neste meu trabalho? Trago isso porque aprendi a deixar rastros, escrever sobre o que nos faz fazer, sobre o que dá sentido à minha existência.

Segundo Camila Andrade (2020), sobre o trabalho no setor de educação, compreende-se que a aposta educativa parte de uma política de atuação, política essa que considera a mediação como ação, como prática, e não como função; política essa que está além da delimitação de conceitos e palavras que nos dizem sobre estar disponível ao outro (MARTINS, 2006). Ou seja, ainda segundo Camila Andrade (2020), afirma-se que a mediação cultural é estruturada a partir da perspectiva prática, a partir da atuação e das

¹⁸ Na teoria ator rede, o ator é definido a partir do papel que desempenha, do quão ativo, repercussivo é, e quanto efeito produz na sua rede, portanto, pode-se dizer que pessoas, animais, coisas, objetos e instituições podem ser um ator. Já a rede representa interligações de conexões – nós – onde os atores estão envolvidos. A rede pode seguir para qualquer lado ou direção e estabelecer conexões com atores que mostrem alguma similaridade ou relação.

relações que podem ser estabelecidas no contato com os sujeitos que compõem os contextos sociais em questão. É nessa sintonia em que tomo a mediação como uma ação, como uma prática, que trago a perspectiva da mediação, uma ação, uma prática de abertura e disponibilidade ao outro, feita também pelos não-humanos e, mais precisamente, pelos cães que me acompanham.

Todo esse percurso no campo da mediação nunca esteve separado de discussões artísticas, de artistas que trazem, em suas vidas e em seus trabalhos, apostas capazes de nos posicionar no campo tradicional das discussões na arte. Tradicionalmente, a arte exigia de seus espectadores um distanciamento, uma fruição sóbria com o mínimo de interação possível, o que retoma a discussão que já fizemos aqui sobre o lugar do guia nos museus no Brasil, reverberada pelos processos artísticos do período moderno com a fusão de arte-vida – muito alimentada por Hélio Oiticica¹⁹, Lygia Clark²⁰ e outros propositores. Essa categoria de artistas do período citado demonstraram um interesse por atividades mais colaborativas, surgindo uma rede interdisciplinar própria ou promovendo o trabalho com comunidades preexistentes e, nessa via, promovendo uma democratização das relações, da ética criada e valorizada na discussão da arte (ANDRADE, 2020).

Hélio Oiticica e Lygia Clark são dois dos artistas mais revolucionários de seus tempos. Seus trabalhos foram experimentais ao longo de toda sua vida, rompendo com o conceito de obra de arte para o de relação entre artista e público. Reconhecidos internacionalmente como dois dos mais importantes artistas da arte contemporânea, suas obras passaram a se preocupar com o corpo em ações diretas nas obras de arte, lutando contra a atitude contemplativa por parte do espectador (ALVES, 2016).

Ao longo de suas trajetórias, investiram em propor cada vez mais relações sensórias e corpóreas por parte do espectador, gerando uma nova percepção de obra de arte. É o auge da

¹⁹ Hélio Oiticica (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1937 – idem, 1980). Artista performático, pintor e escultor. Sua obra caracteriza-se por um forte experimentalismo e pela inventividade na busca constante por fundir arte e vida. Seus experimentos, que pressupõem uma ativa participação do público são, em grande parte, acompanhados de elaborações teóricas, com a presença de textos, comentários e poemas. Mais informações sobre o artista no link a seguir: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa48/helio-oiticica>

²⁰ Lygia Pimentel Lins (Belo Horizonte, Minas Gerais, 1920 – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988). Pintora e escultora. Trabalha com instalações e body art e destaca-se por trabalhar com a relação no campo da arte terapia. Propõe a desmistificação da arte e do artista e a desalienação do espectador, que compartilha a criação da obra. Mais informações sobre a artista no link a seguir: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1694/lygia-clark>

dessacralização da obra de arte e da aproximação entre arte e vida – a arte como extensão do homem. Os trabalhos deixam de ser “obras” para serem propostas abertas ao público e por ele completadas (ALVES, 2016).

Tomada aqui pelas discussões a respeito de uma democratização da arte e da ética trazida por esses artistas, nas quais os valores da colaboração, da desierarquização, da democracia e da ética passam a ser valores ligados à prática artística, esses artistas, mesmo com os objetivos e produções variantes, permanecem ligados “pela crença na criatividade da ação coletiva e nas ideias compartilhadas como forma de tomada de poder” (ANDRADE, 2020, p. 147). A arte aqui em questão, portanto, é pensada mais como um modo de existência do que um produto, do que a produção de objetos. É como uma atitude do que está à nossa volta, como um modo de devolver aquilo que está à nossa volta, sendo reconhecida como um processo de experimentação social, um percurso cartográfico, aprendendo no caminho como operar a complexidade desses cruzamentos de linguagem entre arte, ciência, educação e espaço museal, tornando-se um campo expandido para além da convenção.

Trago isso para que, além da conexão com a mediação, possamos compreender o quanto a ação produzida pelos cães-guias, ou pela mediação, são ações alinhadas com uma produção artística, no sentido de que esses cães exercem em suas ações um modo de existir que, longe de ser passivo, como já disse antes, nem tampouco contemplativos e distanciados do mundo à sua volta, pelo contrário, eles devolvem aquilo que está à nossa volta, como num processo de experimentação. A arte, nesse recorte, é reafirmada como atitude ou modo de receber e devolver, de negociar, que, de alguma maneira, deve ser modulado pelas diferenças que acontecem em cada espaço, em cada indivíduo.

Nessa perspectiva, Andrade (2020) retoma a afirmação de que a mediação é estar entre muitos: “nos colocando na condição e na posição de quem também há de viver uma experiência e a potencializa, despertando corpos, caminhando juntos, levando e sendo levado” (ANDRADE, 2020, s/p).

4.2 - A mediação

Era fevereiro de 2018. Eu que conheci o Astor no dia 3 de janeiro desse mesmo ano havia finalizado há uma semana o nosso processo de adaptação, que, confesso, não foi fácil. Pucca

havia trabalhado comigo por anos, até a chegada de sua aposentadoria. O grau de conexão que criamos ao longo desses anos me fez esquecer os percalços do início e mais, permitiu também sublinhar todas as diferenças entre eles. Ele não era ela, eu não o conhecia, ele não me conhecia. Não tínhamos nenhuma conexão nem tampouco eu havia, durante o nosso processo de adaptação, ficado sozinha com ele, feito saídas apenas com ele, visto que essa é uma determinação desse primeiro momento.

Outra raça, outro tamanho, outro peso, outra forma de andar, outra forma de se comunicar. Se com Pucca eu me sentia deslizando pelas ruas da cidade, com Astor as ruas se tornavam uma grande e radical trilha, uma aventura. Divertido que só ele, seguíamos nos a saltar rapidamente pelos rumos que tomávamos. Voltamos em fevereiro. Eu havia comprado dois disputadíssimos ingressos para a montagem de Bia Lessa da obra Grande²¹ Sertão Veredas. A peça estava em cartaz no CCBB do Rio de Janeiro, lugar²² bem conhecido por mim e recém conhecido por Astor. No centro da rotunda, localizado no térreo do prédio, o cenário estava posto. Sem recursos de acessibilidade, eu contaria apenas com as falas dos personagens e as descrições feitas de modo informal pela

²¹ Dirigida por Bia Lessa, a peça baseada em obra do mineiro João Guimarães Rosa tem Luiza Lemmert, Caio Blat, Leonardo Miggiolin e Luisa Arraes no elenco. Na trama, encenada dentro de uma espécie de gaiola de andaimes instalada na área de convivência do Sesc Pompeia, o jagunço Riobaldo faz um pacto com o demônio para sobreviver no sertão e tenta reprimir o amor que sente pelo colega Diadorim.

²² Aqui falo do CCBB/RJ como um lugar bem conhecido por mim. No momento dessa experiência eu estava no fim de uma jornada de dez anos de trabalho no espaço.

pessoa que estava comigo. Portas abertas, entrada liberada, fomos eu, Astor e minha companheira para nossos lugares. Sentamos e posicionei o Astor debaixo da cadeira onde estava sentada, próximo aos meus pés, de modo que eu conseguisse abraçá-lo com as pernas e senti-lo durante o espetáculo, ao meu lado direito, minha companheira. Primeiro sinal, segundo sinal, terceiro sinal. Começa o espetáculo. Os atores começam a ocupar o centro do cenário, em torno do qual o público estava posicionado, incluindo nos três.

Sons de corvos, acompanhados de uma forte expressão corporal, o “palco” sendo tomado a cada segundo por mais corvos, que levaram Astor ao desespero. Levantando-se rapidamente, chorando e tremendo, ele que acompanhava atento o espetáculo foi completamente tomado por ele.

Naquela cena saímos correndo, nos três. Sentados do lado de fora do teatro, liguei desesperada para o treinador que, ao ouvir sobre o acontecimento, me disse: “Ele está com medo e só precisa do seu suporte, tudo isso é muito estranho para ele”. Levamos tempo ali com ele, acariciando e acalmando a nós mesmas até que o susto tivesse passado. Naquele dia, não vimos a peça, mas entendi completamente a força que ela tinha.

(Memórias de um encontro, 2018)

Essa noite foi uma noite marcante, lembro-me que, em uma entrevista dada a um jornal da cidade pela diretora da peça, ela prometia trazer para o Rio o grande sertão e eu

pensava: “Ela conseguiu, todos eles ali conseguiram”. Eu, que estava diante de um espetáculo incrível, mas sem recursos de acessibilidade, não imaginaria que meu cão faria a mediação dessa obra. Foi uma mediação inesperada. Pois é, acreditem, foi isso o que aconteceu, o Astor havia ali feito uma mediação estética, tornando acessível a mim a estética daquela obra. Nenhuma descrição teria me feito tremer e correr junto dele, como ele pôde fazer ao ser tomado por aquele acontecimento.

A questão que há para ser explorada aqui a partir do amálgama cão-guia-mulher-cega é: o que esta conexão faz fazer o cão? O que esta conexão faz fazer com a deficiência, com a pessoa com deficiência? Diante do espetáculo, Astor não quis restituir minha visão, e não se tratava disso ou de dar informações. O Astor foi afetado pela obra, fazendo chegar em mim um sentido da obra, uma tensão que ali estava colocada. É uma mediação que não parte do que no outro falta, parte do que a obra faz fazer.

Eu desenvolvi em minha dissertação de Mestrado uma discussão em torno de uma proposta de acessibilidade estética (ALVES, 2016) em espaços culturais. Essa acessibilidade tem como intenção fazer uma ativação mais sensorial da interação entre público, obra, artista e movimentos artísticos, e menos informacional. Na ocasião, discuti e reafirmo aqui que a informação por si só não é capaz de suscitar em nós, pessoas cegas, o potencial artístico de uma obra, e mais, a informação não é capaz de nos fazer experimentar uma obra de arte. A informação é capaz de nos informar a respeito de algo ou alguma coisa, mas não de nos fazer sentir.

O episódio no teatro, acompanhada de Astor, traz à tona uma acessibilidade mais estética. Longe de tomar aquele seu comportamento como inaceitável ou um erro ou um desvio para um cão-guia muito bem treinado, o que seria compreensível caso eu esperasse dele uma posição mecânica e neutra diante de um espetáculo contemporâneo, vivi ali, naquele dia, o medo, a insegurança e o perigo do sertão, encenado ali, na minha pele e no corpo de Astor.

Se a mediação acontece no laço, pelo vínculo, é preciso considerar que o cão que me guia também faz laço, faz vínculos com os espaços, pessoas e, inclusive, com os espetáculos que frequentamos. Aqui, é preciso partir do princípio de que Astor é um ator ativo no seu processo de ocupação de um mundo; um mundo partilhado comigo, com muitos. Para além de seu trabalho exemplar, os comandos executados e a habilidade de guiar, a maneira como Astor toma o mundo é conteúdo, é mediação.

Ao longo desse percurso no campo da arte, e provocada por encontros com artistas como Hélio e Lygia, passei então a pensar em maneiras experimentais de desenvolver

programas e dispositivos de acessibilidade que possibilitem incluir, principalmente, pessoas com deficiência em museus e centros culturais. Nesse ponto, começava a se desenhar um conjunto de inquietações. Algumas delas foram temporariamente respondidas em minha dissertação de Mestrado. Quais são as maneiras possíveis de se ocupar o espaço do museu? O que significa propor maneiras experimentais de desenvolver programas e dispositivos de acessibilidade?

Em consonância com os pensamentos de Oiticica, refiro-me aqui ao termo “experimental” a partir de seus estudos e de suas parcerias, que, ao priorizarem a arte enquanto processo contínuo de estudo entre corpo, artista, espectador e obra, acreditavam que a ação artística derivava das experiências vividas. Nesses termos, ao longo das produções desses artistas, o experimental serviu para designar a busca de liberdade em utilizar variados materiais, de maneiras múltiplas, como artifício artístico, a partir de novas mídias e novas propostas, como o “caminho sensorial” em que o corpo é entendido como força motriz. O resultado do experimental é que ele é livre, pois não se repete (ALVES, 2016).

Nesta pesquisa, tomo o conceito de experimental como sendo a ação que traz novos valores e novas leituras para o campo da acessibilidade. Assumir o experimental em um trabalho de acessibilidade é assumir que uma obra de arte não tem sentido em si ou que uma curadoria de uma exposição não garante uma leitura por parte do visitante; é garantir que existe e persiste nesse processo experimental uma positividade, algo esperando para emergir (ALVES, 2016).

Me interessa ressaltar, neste momento, a capacidade dos cães de estabelecerem uma relação de experimentação com as obras de arte com as quais eu também me relaciono. Se, por um lado, com as diferenças de posições que ocupamos em nossa relação eu decido onde vamos, eles aceitam a minha decisão, mas não deixam nunca de responder a ela, claro, quando elas os tocam.

4.3 - Afetar e ser afetado

O ano era 2011. Fazia alguns meses que eu e Pucca havíamos nos conhecido e partimos para Salvador com amigas da faculdade para um evento da área, que aconteceria na cidade. Viajamos juntas pela primeira vez. A experiência

despertava sensações incríveis de frio na barriga, até um frescor na alma. Lá íamos nós para a Bahia, lugar que eu e ela conheceríamos juntas.

Foram sete dias intensos, muitas caminhadas e muitos passeios. Dedicamos ao evento a menor parte da nossa viagem. Em uma de nossas andanças, visitamos uma Casa de Cultura cujo nome me escapa, mas que na época recebia nos jardins uma exposição do escultor francês Rodin²³. Apesar de nessa época eu já estar trabalhando em exposição de arte, eu pouco conhecia sobre a história da arte. Essa visita foi marcante também nesse sentido.

Nas galerias da casa encontramos com obras do Frans Krajcberg²⁴, também escultor, que usa como matéria-prima para suas obras madeiras advindas do processo de queimadas em prol do desmatamento para obtenção de lucros. Suas obras tem cheiro, cheiro esse que chamou a atenção de Pucca em toda a visita. As linhas que

²³ Auguste Rodin (1840-1917) foi um escultor francês. "O Pensador", "O Beijo" e "A Porta do Inferno" são algumas de suas famosas esculturas. Foi um dos artistas mais influentes do século XX. René-François-Auguste Rodin (1840-1917) nasceu em Paris, França, no dia 12 de novembro de 1840. Filho de um modesto funcionário do departamento de Polícia recebeu apoio da família para suas inclinações artísticas. Para conhecer mais sobre o artista, segue o link: https://www.ebiografia.com/auguste_rodin/

²⁴ Frans Krajcberg (Kozienice, Polônia, 1921 – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017). Escultor, pintor, gravador e fotógrafo. Autor de obras que têm como característica a exploração de elementos da natureza, destaca-se pelo ativismo ecológico, que associa arte e defesa do meio ambiente. Para conhecer mais o artista, segue o link: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10730/frans-krajcberg#:~:text=Escultor%2C%20pintor%2C%20gravador%20e%20fot%C3%B3grafo,artes%20pela%20Universidade%20de%20Leningrado.>

imprimiam aos videntes a justa medida de distanciamento das obras eram ignoradas por Pucca, que insistia em cheirar e se aproximar. É muito bonito ver como diferentes formas de conhecer exigem de nós diferentes organizações corporais e espaciais. Pucca para visitar essa exposição precisava cheirar. Ora ela conseguia ora não. Mas fato é que a maior experiência desse dia aconteceu nos jardins. Lá estavam as imensas esculturas de Rodin. Todas de ferro. Nos posicionamos diante de uma escultura de um homem, cuja expressão corporal sugeria que ele estava vindo em nossa direção, apontando um dedo de uma das mãos também em nossa direção, como quem está pronto para travar uma tensa discussão.

Essa foi a descrição que eu ouvia diante da obra, o que muito me ajudou a entender a postura corporal do homem esculpido, mas o que trouxe ali naquele dia a dimensão estética da obra foi a discussão que Pucca aceitou travar com ele.

Foi isso. Depois de alguns minutos diante da obra, Pucca, que estava sentada, levantou-se e, olhando para cima, para o rosto do homem, começou a andar para trás, dando movimento à cena, ensaiando rosnar, como quem tivesse respondendo a um convite feito pelo artista. A tensa discussão ia começar.

(Memórias de um encontro, 2011)

Trago esse relato para pensarmos, com mais essa contribuição, no cão como um mediador. Assim como Astor no teatro, Pucca, diante de Rodin, tornou-se uma mediadora

estética daquela obra de arte. A descrição daquela obra não tinha trazido consigo a força da expressividade dela. Tal força jamais poderia ser expressa por palavras que a tentassem traduzi-la. A expressividade é algo com a qual temos, neste contexto, que lidar na carne, na pele.

Ao aceitar o convite da obra, ou melhor, ao ser tomada pelo convite da obra, Pucca me assustou. Meu coração foi tomado de batidas aceleradas, medo foi o que me veio. Medo da postura dela, dela enquanto guia estar errando, desviando-se de seu trabalho. O mais importante é compreender que o medo que me toma a partir da (re)ação de Pucca é o medo que habita em mim de reagir diante do que me toma. Há, nos animais, algo que talvez a maior parte de nós tenhamos perdido diante da vida e também da arte, que é a capacidade de reagir, de se deixar tomar, de responder expressivamente com todo o corpo ao mundo que habitamos.

A mediação, tal como discutimos aqui, assim como a arte como um processo entre público e obra, podendo ser o público inclusive um não-humano, eis o que este artigo pretendeu despertar. O que a relação com os animais nos permite acessar do mundo, das obras de arte e de nós mesmos? Falamos sempre de algum lugar, mas também ouvimos sempre de algum lugar. Somos capazes de ouvir os animais do lugar de onde eles falam? Que humanidade a relação com nossos animais constrói em nós? Que tipo de animalização a humanidade que nos tornamos produz?

Afetar e ser afetado pelas histórias que contamos sobre os animais, contar essas histórias levando em conta o ponto de vista dos animais, eis aqui o que queremos produzir com as histórias que contamos.

4.4 - Mais dicas frescas

Figura 7. Pucca e Camila caminhando em calçada estreita.



Descrição da imagem: Em primeiro plano, aparecemos Pucca e eu caminhando em uma calçada estreita, com carros e postes de iluminação de um lado e manequins de lojas de roupas do outro. Atrás de nós, um pouco escondido, aparece o George, que observava nossa parceria. Essa foto também foi tirada na fase final da minha adaptação com Pucca.

Não corras nem agarres o braço de um cego com um cão-guia sem antes lhe falares. E, por favor, nunca toques no meu arreio! Só o meu dono, para quem trabalho, o deve fazer.

Eu, como cão-guia, estou habituado e habilitado a viajar em qualquer meio de transporte, encostado aos pés do meu dono cego sem causar incómodo aos outros passageiros, seja dentro ou fora do país!

Dado o rigoroso treino que temos, nós, cães-guias, estamos habituados e habilitados a aceder e permanecer junto aos nossos donos em qualquer tipo de estabelecimento, tanto de saúde como em centros comerciais, restaurantes, supermercados, cafeterias, cinemas, teatros, centros de estudo ou de trabalho etc, sem causar alteração ao normal funcionamento dos mesmos nem incômodos aos outros utentes ou funcionários.

Nos locais de trabalho, os donos de cães-guias estão habilitados a exercer as suas funções ao seu lado. De acordo com o treino que recebemos, nós nunca vagueamos pelos recintos por

nossa conta e risco. Ficamos encostados aos pés do nosso dono cego. Os cães-guias têm o mesmo direito²⁵ que os donos para gozar de livre acesso a todos os locais públicos.

Figura 8. Astor deitado usando equipamento de trabalho.



Descrição da imagem: Na foto, aparece o Astor deitado, usando equipamento de trabalho e olhando fixamente para a câmera. Esta foto foi tirada no meu antigo local de trabalho.

²⁵ Aproveito este momento para deixar com vocês o decreto que regulamenta a lei que garante o trabalho dos cães-guias no Brasil. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5904.htm

5 - O que faz um cão-guia é trabalho?

Começo este artigo com a pergunta que não quer calar: o que faz um cão-guia é trabalho? Essa é uma questão controversa mesmo entre a rede de pessoas cegas que se deslocam com o auxílio desses cães. Ao mesmo tempo, a lei 11.126/2005 garante a nós, pessoas cegas e com baixa visão, o direito de circular com esses animais pelo país e ainda regulamenta seu processo de formação bem como a qualidade de seus treinadores, reconhecendo, portanto, seu trabalho. Para George²⁶, o instrutor das minhas espécies companheiras, não há dúvida: o que um cão-guia faz é sim uma atividade de trabalho.

Preciso dividir com vocês que, obviamente, essa questão me toma há anos, desde a chegada de Pucca, mas essa mesma questão vem ganhando novos contornos e maior destaque com a chegada de Astor e vocês logo entenderão o porquê. Já contei anteriormente a diferença entre Pucca e Astor. Enquanto ela performou pelas ruas do mundo um ar mais clássico, chic, séria, comprometida e elegante, Astor chama bastante atenção pelo seu modo alegre, multifocal e malandro de trabalhar. Eis aqui outro ponto: essa não é uma discussão apenas sobre o trabalho ser ou não uma atividade exercida por esses cães, mas é também uma discussão sobre o que é trabalho e sobre os distintos modos de trabalhar.

Outra coisa que poucas pessoas sabem é que as questões sobre horas de lazer, descanso, alimentação, manutenção de necessidades básicas, atestados e aposentadoria fazem parte da rotina de atividade dos cães-guias. Assumir e incorporar esses cães em nossas vidas é também incorporar uma rotina de direitos e lutas que deverão ser respeitados e garantidos por mim durante nossa relação. Quando falo em lutas, lembro-me especificamente de uma conversa com a minha veterinária que, durante a emissão de um certificado de saúde²⁷ para uma viagem, disse-me a seguinte coisa: “Cá [como ela me chama], o trabalho que esses cães

²⁶ George Harrison é psicólogo, especialista em comportamento animal, apaixonado por cães, formador de cães-guias e fundador do Instituto Cão-Guia Brasil. Foi o formador dos cães que me guiam e também dos cães que guiam Jonas, entre muitos outros. Hoje é também formador de cães no Instituto Magnus. Para conhecer o Instituto Magnus, acesse: <https://www.institutomagnus.org/instituto>.

²⁷ Até o ano de 2019, as empresas aéreas solicitavam um atestado de saúde padrão para cães e gatos, inclusive cães-guias, emitido por um médico veterinário, cuja validade era de apenas 10 dias. Tal exigência, além de causar um custo adicional às pessoas com deficiência, devido às consultas e exames veterinários, trazia outros transtornos. Viagens de urgência, por exemplo, eram uma preocupação e, em viagens com duração superior a 10 dias, as pessoas precisavam obter um atestado para ir e outro para voltar.

fazem é muito precioso e desconhecido, você é a pessoa responsável por defender e levar isso adiante”.

Aquela afirmação me convocou. Foi como se, sem considerar essa tarefa, eu não pudesse mais seguir ao lado deles. Isso hoje é algo que me toma como uma espécie de condição interna: eu só posso seguir se eu levar essa condição adiante. Este texto é também parte do compromisso que assumi com meus cães. Assumo esse compromisso porque, diante de um mundo antropocentrado, que considera os animais como existências menores e coadjuvantes, sabendo eu o tamanho deles em minha vida, uso meu lugar privilegiado de humana em relação a eles para proteger seus feitos. Faço isso também conectada com as lutas das quais eu participo e com o reconhecimento dos privilégios que me tomam. Se, por um lado, espero que as pessoas sem deficiência levem as pautas das deficiências por onde vão, espero de mim também que eu leve o trabalho dos meus cães por onde eu for, principalmente nos lugares onde a invisibilidade e o silêncio os tomam.

Este é um artigo que visa pensar e questionar formas de opressão que envolvem as questões de gênero, classe, raça, deficiência, espécie e trabalho. bell hooks (2019) argumenta que o feminismo como luta libertadora deve existir como parte de uma luta maior para buscar superar todas as outras formas de opressão. Para hooks (2019), a dominação patriarcal compartilha base ideológica com outras formas de opressão, como o racismo. A tese de hooks afirma e sinaliza que é impossível acabar com o sexismo ou o racismo sem enfrentar outros sistemas de opressão.

Seguindo nessa intersecção, Taylor (2017) nos apresenta uma desumanização e animalização de raça e deficiência que pode ser vista no trabalho do geólogo do século XIX J.P. Lesley, que argumentava que a evolução humana era demonstrada não somente pela descoberta de populações ditas primitivas ou semelhantes a primatas (em outras palavras, não europeias), mas ao examinar os “idiotas” e “cretinos” de todas as sociedades. Taylor afirma que essa é uma antropologia racista que relegou os Nativos Americanos ao status de atraso evolucionário, exemplos de um estágio menos avançado no desenvolvimento humano. Tais avaliações operam em conjunto com alegações de que pessoas com deficiência intelectual eram exemplos de um estágio anterior à evolução humana.

Essas ideologias da deficiência ajudaram a definir populações inteiras como deficientes por meio de alegações de inferioridade intelectual e física, como pode ser observado em estereótipos racistas que definem as pessoas negras como fisicamente robustas, mas intelectualmente inferiores às brancas, comunidades indígenas como carentes de gestão e propensas à doença, e mulheres brancas de classe alta como delicadas demais para um

trabalho rigorosamente intelectual ou físico. Os legados de tais histórias estão longe de estarem enterrados. Segundo Taylor (2017), nos Estados Unidos as crianças de cor são desproporcionalmente categorizadas como deficientes, oferecendo ao sistema escolar uma justificativa supostamente biológica para segregá-las em salas de aula de educação especial (ou seja, uma sala de aula separada).

Nesse sentido, lançando mão do paradigma da interseccionalidade, as linhas que aqui virão serão escritas em parceria com autores que vêm operando transformações práticas e conceituais nos sistemas de dominação vigente em nossa sociedade.

5.1 - Nuances

O paradigma da interseccionalidade, pode ser apreendido como uma lente que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas entre dois ou mais eixos de opressão. Se apresenta enquanto uma encruzilhada, atribuindo que marcadores sociais se imbricam e intersectam. Mulheres negras, por sua vez, são marcadas ao menos por raça e gênero, podendo ser marcadas por classe, sexualidade entre outros, principalmente nas sociedades latino-americanas.

(Patrícia Collins)

Me interessa aqui articular e não hierarquizar, aprender e relacionar, e não disputar as opressões sofridas pelas minorias aqui retratadas. Nessa direção, trarei para pensar comigo autores que trabalham decolonialmente questões de raça, gênero, deficiência, espécie e questões que envolvem o tema do trabalho, ainda que os mesmos não tratem diretamente dos temas que eu estou aqui discutindo. Faço isso com respeito e com um grande cuidado para não despotencializar a luta de nenhum deles em detrimento das lutas que me marcam. Espero que isso seja possível, até o fim dessas páginas.

Entendo como decolonialidade²⁸ neste trabalho a luta contínua contra as colonialidades impostas aos grupos subalternos, a decolonialidade como um caminho de luta. Para fortalecer a compreensão da interseccionalidade neste trabalho, conto com as contribuições de Taylor quando diz:

É importante salientar que, quando estudiosos argumentam que a deficiência é central na estruturação de categorias de diferença, eles não estão argumentando que a deficiência supere marcadores de diferença como raça, gênero ou classe, mas que a deficiência é uma parte mutuamente constitutiva de várias formas de diferença. Em outras palavras, as ideologias de raça, classe, sexualidade e gênero formam significados de deficiência, assim como a deficiência forma significados sobre elas. Essas categorias se desenvolveram paralelamente, moldando, impactando e, algumas vezes, se mesclando umas com as outras. A estudiosa da deficiência Ellen Samuels esclarece bem este ponto em seu livro “*Fantasies of Identification: Disability, Gender, Race* (Fantasias de Identificação: Deficiência, Gênero, Raça)”, mais precisamente em sua discussão sobre os antropólogos do século XIX. Ela escreve, “Médicos e antropólogos da época, na verdade, não faziam distinção entre características atribuídas à raça e aquelas atribuídas à habilidade física e mental como fazemos hoje”. A autora explica que os antropólogos daquele período não traçavam analogias entre as diferenças, mas as “fundiam... numa categoria flexível de imaturidade e incapacidade mental” (TAYLOR, 2017, p.54).

Seguindo no desafio de me articular com pessoas que não estão falando sobre deficiência e animais, chamo para me ajudar a seguir pensando o Noguera (2020), reconhecendo que faço um deslocamento no seu campo de trabalho, porém sem esquecer a genealogia da discussão que ele faz. Vou aqui recolher pistas e ideias que Noguera traz sobre o tema do trabalho, discussão central deste artigo.

No seu texto *Afro-anarquismo, malandragem e preguiça*, o autor retoma uma declaração da pensadora Mãe Stella de Oxóssi que, a respeito do mundo do candomblé, disse: “Na nossa cultura, não se faz nada sem se tomar conhecimento de que existem os ancestrais e os orixás mais velhos²⁹” (NOGUERA, 2020, s/p). Noguera continua e diz: “Toda pisada deve imitar um voo, ser leve e suave.” Ele continua dizendo: “Nossos passos, ancestrais e orixás

²⁸ A decolonialidade surge do rompimento com o pensamento pós-colonial que, até então, desenvolvia trabalhos com conceituações e categorias voltadas para o processo de colonização na África e Ásia entre os séculos XVIII e XX. A argumentação na defesa de um pensamento decolonial pelo grupo Latino-Americano, como é apontado por Bernadino-Costa e Grosfoguel XIV, era a de que só se poderia analisar devidamente o colonialismo na América Latina a partir de categorias e conceitos próprios, assim como o entendimento de que o colonialismo na América Latina foi diferente do que ocorreu com os Indianos. Com tais divergências teóricas, houve o rompimento e consequentemente a formação do Grupo (ou projeto de investigação) Modernidade/Colonialidade (OLIVEIRA e LUCCINI, 2020).

funcionam como o global positioning system (GPS - sistema de posicionamento global). Isto é, um guia que nos ajuda a chegar ao nosso destino. Vale dizer que o destino não nasce pronto, ele é aberto e compartilhado.” (NOGUERA, 2020, s/p).

Me arrisco aqui, com esses parceiros, a dizer que o cão-guia atua como um GPS não do modo como estamos, nos últimos anos, habituados a usar o WAZE³⁰ ou o Google Maps³¹, por exemplo, mas compreendendo o trabalho desses cães como um sistema de posicionamento global que me conduz a um destino aberto e partilhado, inclusive com eles. Por isso, sem ajuda nos perdemos. Noguera completa dizendo: “O caminhar precisa ser devagar para sentir o que pisamos. Afinal, em gente não se pisa. Tal como diz a canção imortalizada na voz de dona Ivone Lara: ‘eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho/ mas eu vim de lá pequenininho/ alguém me avisou/ pra pisar nesse chão devagarinho” (NOGUERA, 2020, p. 5)

Na minha vida, não faço mais nada sem considerar e tomar conhecimento de que existem meus animais. Esse encontro que experimento e que trago aqui, entre uma mulher cega e seus cães-guias, é, para mim, uma alternativa para as crises com uma cultura colonizadora, opressora, violenta e capacitista. Um encontro capaz de me fazer inventar e descobrir novas dimensões da minha experiência como uma mulher deficiente, novas dimensões sobre caminhar junto num mundo que cultiva o isolamento e a individualidade, novas dimensões sobre viver reconhecendo as conexões com outras espécies num mundo higienista.

Para Taylor (2017) apesar de muitas vezes ignorada, a categoria de animal também é fundamental para entender nossa história e as estruturas que nos definem.

²⁹ OXOSSÍ, mãe Stella de; VIANA, Juvany. *Expressões de sabedoria: educação, vida e saberes*. Nelson de Luca Pretto e Luiz Felipe Perret Serpa, organizadores. Apresentação Antônio Risério. Salvador: EDUFBA, 2002, p. 25-26.

³⁰ O poder do Waze está nas suas mãos. Ao dirigir com o Waze aberto no seu dispositivo, você compartilha informações em tempo real que se traduzem em condições de trânsito e estrutura de vias. Quando você usa o Waze, também pode alertar ativamente a comunidade sobre condições do trânsito, acidentes, blitz policiais, bloqueios de vias, condições climáticas e muito mais. O Waze coleta essas informações e as analisa imediatamente para fornecer aos outros Wazers o trajeto ideal para que eles cheguem ao destino, 24 horas por dia.

³¹ Por meio dos mapas do Google, usuários podem conferir e encontrar locais e estabelecimentos, visualizar rotas, estimar tempo de viagem e distância entre dois pontos, obter informações sobre o trânsito e até mesmo conferir horários de ônibus e se o transporte está cheio.

Segundo ela, o que é humano, comparado ao não humano, pode parecer claro e descomplicado hoje, mas como sabemos bem, em momentos diferentes da história inúmeras populações humanas foram identificadas como bestiais, mais animais do que humanas, ou como elos perdidos da evolução – classificações que eram intimamente associadas a definições de inferioridade, selvageria, sexualidade, dependência, capacidade/incapacidade, diferença física e mental e assim por diante.

Taylor ainda segue afirmando que os sistemas de classificação das espécies valeram-se fortemente de hierarquias que colocaram os humanos acima dos animais, e essas hierarquias sempre estiveram entremeadas com construções de diferença humana. O que Taylor pretende com sua tese não é somente expor a importância da figura do animal para as histórias de categorização e desumanização, mas também deixar claro que o animal e, conseqüentemente, o humano, são categorias complicadas, socialmente determinadas e não, simplesmente, biologicamente definidas. Acompanhando ainda as contribuições de Taylor:

Apesar dessa análise histórica ser complexa demais para ser abrangida aqui, é importante enfatizar que as histórias de desumanização invariavelmente expunham os entendimentos, os pressupostos e a intolerância ocidentais. Entendimentos esses que eram ligados ao racismo, capacitismo e preconceito para com os animais. Nesses construtos, os animais – uma categoria grande e desajeitada que engloba criaturas tão diversas quanto mosquitos, águas-vivas, cães e orcas – são entendidos como sendo criaturas inquestionavelmente inferiores. Nessa visão antropocêntrica, o mundo existe para o “homem” (ou melhor, para alguns homens), com os animais existindo de maneira completamente separada e inferior a este ápice da criação (TAYLOR, 2017, p. 102).

Com essas histórias de patologização e animalização em mente, não surpreende que muitas pessoas querem se distanciar tanto da deficiência quanto da animalidade. Taylor diz que ainda que reconheça a motivação e até mesmo a necessidade desse distanciamento no seu trabalho, o que ela quer é desafiar esses impulsos.

Eis aqui um ponto chave para a existência que venho performando ao lado dos meus cães. Nossa existência mulher-cega-cão-guia tem desafiado a corponormatividade ao mesmo tempo que tem desafiado também as forças colonizadoras que submetem os animais a uma condição inferior. É claro para mim, nos dias de hoje, que minha potencialidade está na intersecção entre mulher-cega-cão-guia, assim como as violências e opressões que sofro. Um exemplo disso é: Quando chamo um carro por aplicativo para me deslocar pela cidade e o

motorista recusa a corrida argumentando não transportar cães ele impede também uma mulher cega de se deslocar naquele carro pela cidade. No meu caso, quando alguém deseja se distanciar de um animal, distancia-se de mim também. Aqui, nós dois, talvez sejamos contaminados um pela humanidade e animalidade do outro. Existe um custo em fazer um corpoCOM um animal no mundo que tem o impulso de os rejeitar, e tem um custo diferente viver a deficiência ao lado de um cão. É um custo com o qual decidi conviver, um custo que decidi assumir, inclusive escrevendo este trabalho. Esse custo é também o custo de transformar minha humanidade e animalidade na relação com meus cães. O custo de reivindicar minha humanização na relação com eles.

Como escreve Taylor (2017), a necessidade real de questionar atributos biológicos ligados à raça, gênero, sexualidade e pobreza – tais como anomalia física, instabilidade psicológica ou inferioridade intelectual – com frequência deixou de questionar o estigma em torno da deficiência. De muitas formas, algo semelhante poderia ser dito com relação à animalidade: tem havido uma necessidade urgente entre populações desumanizadas (incluindo pessoas com deficiência) de questionar a animalização e reivindicar a humanização.

Segundo Taylor, ainda que esses questionamentos sejam urgentes e compreensíveis, é importante que nos perguntemos como podemos reconciliar a brutal realidade da animalização humana com a necessidade simultânea de questionar a desvalorização dos animais e, até mesmo, reconhecer nossa própria animalidade.

Taylor, sobre seu livro, diz que o mesmo sugere que a falta de atenção à deficiência e à animalidade (e como elas se sobrepõem) é um erro, porque ambos os conceitos estão tão profundamente envolvidos em outras categorias de diferença e nos inúmeros problemas de justiça social que as populações oprimidas enfrentam – de pobreza, encarceramento e guerra à injustiça ambiental – que não podem simplesmente ser relegados à periferia. A não ser que a deficiência e a justiça animal sejam incorporados em nossos outros movimentos de liberação, o capacitismo e o antropocentrismo não serão questionados, permanecendo disponíveis para serem usados por sistemas de dominação e opressão.

A autora aponta que, com frequência demais, questões de raça, gênero e classe são negligenciadas, enquanto o privilégio branco e o patriarcalismo são mantidos, com defensores dos direitos dos animais negligenciando questões de interseccionalidade e trazendo para o centro das discussões um modelo de defesa dos animais branco e de classe média.

O movimento pela justiça para a deficiência, que traz para o centro pessoas de cor com

deficiência, pessoas pobres e pessoas queer ou de gênero variante surgiu em resposta à necessidade de um movimento de deficiência que centralizasse as opressões como intimamente conectadas. Em movimentos de liberação animal, movimentos feministas e de pessoas de cor estruturas de ética animal surgiram para questionar os arcabouços tradicionais de direitos dos animais, concentrando-se no entrelaçamento da opressão de humanos e animais e destacando as preocupações de comunidades que foram amplamente deixadas de fora do discurso sobre direitos dos animais.

Muitos anos depois do protesto do ADAPT, e depois que comecei a me identificar como crip, percebi, em meu estúdio de artes na Universidade da Califórnia, em Berkeley, o quanto é importante pensar interseccionalmente sobre animais. Enquanto eu pintava as incontáveis galinhas no caminhão a caminho do abate, aprendi muitas coisas sobre a indústria animal e, especificamente, sobre as galinhas na minha pintura – galinhas que acabei entendendo serem praticamente todas deficientes. Percebi que o capacitismo é uma força que se estende para além dos deficientes. Todos os corpos estão sujeitos à opressão do capacitismo. Ele ajuda a formar nossas opiniões e valores culturais, assim como nossas noções do que significa ser independente, como medir produtividade e eficiência, o que é normal e, até mesmo, o que é natural. Ao pesquisar para essa pintura, aprendi que tais valores não somente afetam as pessoas com deficiência e a população capaz, mas também os animais não humanos com os quais compartilhamos este planeta (TAYLOR, 2017, s/p).

6 - Que versões de mundo o trabalho do cão-guia é capaz de criar?

O projeto neoliberal de vida vem transformando tudo em mercadoria. Essa percepção, que por vezes nos contamina, faz parte de como muitas pessoas vêem o trabalho do cão-guia. Seria exploração propor a um cão um trabalho? Estaríamos submetendo esses animais aos nossos caprichos e necessidades desse modo? Essas delicadas questões acompanham nosso cotidiano. Pessoas nos param na rua buscando entender esse trabalho, outras sentem pena dos cães quando descobrem que, por estarem em modo de trabalho não podem receber carinhos ou brincar naquele momento.

Já passei por episódios de pessoas me acusarem de estar explorando um animal e ameaçarem me denunciar. Por um lado, essas situações sempre me fizeram pensar que por onde formos haverá sempre uma boa alma cuidando dos animais, mas por outro lado sempre me perguntei: será que aos cães de trabalho só resta a noção de trabalho, que sequestra a vida

pelo trabalho intermitente? Será que não seria essa a forma pela qual estamos habituados a trabalhar e supomos ser a única forma que existe? Não seria uma oportunidade de repensar o trabalho e a forma como trabalho, a partir dos meus cães? Eu só posso dizer que sim.

Essa é uma resposta que só pode vir de um processo de implicação de uns nos outros, num emaranhado. Num processo de nos tornar COM, de fazer corpoCOM, capazes dessa forma de saberes localizados, de capacidades situadas. Trago o fazer corpoCOM aqui como um conjunto de transformações mútuas que meu encontro com meus cães-guias puderam ativar em mim e neles, assim como em outros que conosco se encontram. O fazer corpoCOM é o que constroi mundos outros e faz possível surgir a existência crip de uma mulher-cega-com-cães-guias. Esse é um processo sobre fazer e refazer existências, uma quebra de fronteiras, uma desordem nas categorias. É por dentro dessa composição com meus cães que me posiciono.

Como pensar na relação entre uma mulher cega com seu cão-guia como um processo para além de usá-los (os cães) como uma ferramenta ou objeto? Renato Noguera (2020) afirma no seu texto que defende a vida em primeiro lugar, não somente a vida branca de alguns, mas todas as vidas humanas, lançando mão do afro-anarquismo, que junto com as políticas de aldeia dos povos originários da América constrói uma gestão biofílica, colocando a vida e os sistemas vivos acima do mercado. Em sintonia com o que propõe Noguera, é possível considerar o cão-guia a partir das relações que ele é capaz de estabelecer e de me fazer estabelecer sem reduzir sua capacidade de ação a uma mera atividade neoliberal de trabalho, com valor de mercado?

Em parceria com os pensamentos de Vinciane Despret (2021), que versões do mundo o trabalho dos cães-guias são capazes de produzir? Como eles garantem um mundo mais interessante e articulado, com mais entidades fazendo sempre mais coisas? Se uma versão é o que transforma e traduz, quais versões de trabalho e de animais esses cães colocam em cena, e que mundo traduzem?

6.1 - Leveza

Ele acorda todos os dias quase no mesmo horário. Ao acordar, me acorda imediatamente.

Faz uso da comunicação que juntos estamos construindo... Resmunga, como quem em algum momento poderia balbuciar algumas palavras. Começa a colocar brinquedos em cima da cama. Chora. Anda com suas patas pesadas em um chão de taco cujo contato com as unhas não me permite ignorar. Contorna a cama incansavelmente, e repete tudo isso algumas vezes enquanto eu sigo no esforço de alongar o tempo e me demorar na cama. Senta e me encara, respira na minha cara. Repete tudo de novo. Esse ritual a gente repete há três anos. Durante a semana, diante dos compromissos matutinos, ele é mais bem-sucedido. Nos finais de semana, ele se esforça mais, mas não muito. Se tem uma coisa que eu não consigo mais ignorar são suas formas de me acordar. É como se não tivesse mais graça dormir com ele todo disposto. Eu me levanto. Ele faz uma festa de reencontro a cada manhã. A alegria e a animação dele me impressionam desde sempre.

Eu sirvo o café da manhã dele, ele come e corre pra me agradecer. São lambidas sem fim. Adora uma água gelada e sabe de onde eu tiro o gelo que ele gosta de comer nas manhãs de calor carioca. Senta na porta da geladeira com o focinho apontado para a direção certinha. Se joga no tapete, coça as costas, me chama para coçar a barriga, espalha brinquedos que se tornam para mim perigosos obstáculos, mas ele não se importa. Tudo isso vai acontecendo enquanto eu também como e me arrumo, e ele do meu lado, e às vezes embaixo de mim.

Ele sabe quando a hora de sair vai se aproximando, vai ficando mais perto da porta. Eu pego a bolsa, pego o equipamento, e ele se alonga com toda a sabedoria da vida, me ajuda a vesti-lo, saímos.

O rabo não para e assim ele vai cumprimentando o porteiro, os vizinhos, as pessoas que o elogiam na rua. Primeiro banheiro do dia concluído com sucesso. Uma pequena caminhada para gastar energia e ele vai me mostrando tudo o que o interessa. Vai cheirando, vai saltitando, vai trabalhando ou brincando? Posso confiar nesse ser que trabalha desse jeito? Ele me puxa para o parcão, eu negocio. Não é a hora, não dá tempo! Quer entrar no petshop, esperto! Ele sempre ganha petiscos quando vai para o banho. Bebe água em todos os potes que ficam do lado de fora das lojas do bairro, mas não de sede, bebe de simpatia, bebe de curiosidade, bebe de malandragem. Outro dia uma moça falou: “hoje coloquei gelo na água pensando nele”. Ele encara ela, abre um sorriso, segue abanando o rabo. Ele me desperta delicados sorrisos. Às vezes eu estou atrasada, às vezes ele adoece, mas a alegria não muda. É como se só importasse, naquele momento, o que estivéssemos fazendo juntos ali, que às vezes não é nada além de uma volta no quarteirão, mas isso é tanto. Eu peço para ele procurar a farmácia, ele vai direto, precisamente, e fica muito feliz quando encontra. Olha pra cima, eu o agradeço. Entra cheirando as prateleiras na altura do seu focinho, às vezes derruba uma coisa ou outra, preciso dizer que delicadeza e descrição não são suas

características mais fortes. Peço para ele procurar a padaria, ele segue como quem busca uma imensa alegria. A gente entra. Antes de me atenderem colocam o gelo na água dele. É que nessa padaria específica já sabem que, por conta do treinamento, ele não pode comer pão, mas oferecem a ele o que é possível. Já faz anos que eu não consigo ir rápido na rua. Eu não ando só. Preciso do pão, ele precisa do gelo e as pessoas precisam fazer o que fazem na relação com a gente. Nunca mais foi só o meu tempo. Voltamos para casa. Desde que a pandemia começou, usamos a área externa do condomínio para brincar de bola, uma atividade que ele faz com um certo grau de obsessividade. Sento no banco, e ele infinitas vezes traz a bola para que eu jogue e de novo e de novo, até eu decidir parar.

Às vezes eu quero chegar e subir. Ele recusa. Para, senta, tenta me arrastar para o banco. A coleira vira um cabo de guerra. Eu fico brava, digo não. Às vezes em vão. Nem sempre ele nem sempre eu, a gente vai negociar. Ele entra em casa, espalha os brinquedos, coça as costas no tapete, me dá a barriga, só dorme quando eu durmo. A gente janta e depois do último banheiro do dia deitamos. Ele ama dormir na cama dele, ama ter um travesseiro e usa para apoiar a cabeça ou as patas da frente. Quando está frio, pede para vestir o moletom que ele carrega na minha direção usando a boca. Fica pouco tempo vestido, mas ele mesmo sabe tirar. Adormecemos e no dia seguinte tudo começa de novo, às vezes

igual, às vezes um pouco diferente, mas sempre começa de novo.

(Camila Alves)

O que essa relação com Astor torna possível é o que entre outras coisas desejo discutir. O que o modo como o Astor trabalha me faz fazer? Me faz pensar? Faz existir? Segundo Renato Noguera, a colonização criminalizou as artes da malandragem e da preguiça. Ainda segundo ele:

Nós precisamos reabilitar essas tecnologias divinas, elas receberam nomes estrangeiros que tentaram inverter seus sentidos. Em geral, as pessoas criadas com comida industrializada não sabem quase nada a respeito delas. A malandragem é a arte negra de crescer sem perder a infância, uma pessoa malandra é alguém que brinca depois de crescida. Quem não sabe brincar precisa colonizar a vida. A preguiça é uma tecnologia dos povos originários, uma pessoa preguiçosa é alguém que sabe a extensão de sua força e o tamanho da sua passada, trabalhando justamente o necessário para que o encanto da vida não se perca. Quem não vivenciou o encanto da vida precisa colonizá-la. O que fazer diante da mutação ecológica que instalou uma pandemia, de todas as formas de opressão, da necropolítica sistêmica, da depredação ambiental e todo o leque de injustiças? Uma das maneiras mais dignas de enfrentamento desse cenário está numa combinação entre malandragem e preguiça! (NOGUERA, 2020, s/p).

Eu sou guiada por um malandro. Um sujeito que, aos seus cinco anos de vida e três de trabalho, tornou-se capaz de trabalhar com alegria, que cresceu até aqui sem endurecer. Que faz das ruas cotidianas uma grande novidade, que sabe a extensão de sua força sem se deixar colonizar. Mais do que pensar sobre "se o que faz um cão-guia é trabalho", interessa-me pensar que modos de pensar o trabalho o cão-guia faz aparecer. Eu sou guiada por um malandro que enfrenta o cenário opressor que dividimos juntos. Em uma combinação entre malandragem e preguiça, eu sou guiada por um sujeito malandro que resiste e insiste de uma forma digna em não se desencantar com a vida.

O que uma história que permita pensar nas relações que uniram uma mulher cega e seus animais pode mudar? A pergunta que ora faço está posta por Despret (2021) no seu livro *O que diriam os animais*, mais precisamente na letra *T de trabalho - Porque dizem que as vacas não fazem nada?* Para a pergunta com a qual iniciei este parágrafo, Despret traz respostas importantes:

Em primeiro lugar, ela muda a relação com os animais e a relação com os criadores. Porcher afirma que “pensar a questão do trabalho obriga a considerar os animais de outro modo que não vítimas, idiotas naturais e culturais que precisam ser libertados involuntariamente”. A alusão é clara. Ela dirige-se aos liberacionistas, àqueles que, segundo ela, gostariam de “libertar o mundo dos animais”, entendido aqui como “livrar o mundo dos animais”. Tal crítica aponta a posição particular que Porcher adota em seu trabalho: a de sempre pensar os homens e os animais, os criadores e seus bichos, juntos. Não considerar mais os animais como vítimas é pensar uma relação que pode ser diferente de uma relação de exploração; é, ao mesmo tempo, pensar uma relação na qual os animais – por não serem idiotas naturais ou culturais – estão ativamente implicados, dão, trocam, recebem, e – porque não se está no âmbito da exploração – os criadores dão, recebem, trocam, crescem e deixam seus animais crescerem (DESPRET, 2021, s/p).

Eis aqui, como já afirmado anteriormente, o interesse deste trabalho: considerar os animais, os meus animais, ou mais precisamente os meus cães-guias, de outro modo que não vítimas, idiotas naturais e culturais, docilmente obedientes, programados para me atender e que, explorados pela ação de guiar, precisam ser libertados.

Neste trabalho e na vida com eles tenho apostado mais na contaminação de um mundo ou na minha versão de mundo pelos meus animais do que no mundo como aponta Despret quando fala dos liberacionistas, que são os que gostariam de "liberar o mundo dos animais", entendido como "livrar o mundo dos animais".

Enquanto falo sobre isso, sobre contaminar o mundo com os animais, recordo-me de um episódio com o Astor que irei contar:

Era janeiro de 2019, fazia bastante calor no Rio de Janeiro e estava em cartaz no Centro Cultural Banco do Brasil a exposição do artista Basquiat³². Com um grupo de amigos decidimos ir visitá-la. Era mais uma exposição sem recursos de acessibilidade na qual eu

³² Basquiat ganhou popularidade primeiro como um grafiteiro na cidade onde nasceu e então como artista neoexpressionista. Basquiat tinha ascendência porto-riquenha por parte de mãe e haitiana por parte de pai. Desde cedo mostrou uma aptidão incomum para a arte e foi influenciado pela mãe, Matilde, a desenhar, pintar e a participar de atividades relacionadas ao mundo artístico. Em 1977, aos 17 anos, Basquiat e um amigo, Al Diaz, começaram a fazer grafite em prédios abandonados em Manhattan. A assinatura era sempre a mesma: "SAMO" ou "SAMO shit" ("same old shit", ou, traduzindo, "sempre a mesma merda"). Segue o link para acessar informações sobre a mostra em questão: <https://www.bb.com.br/docs/portal/ccbb/JeanMichelBasquiat.pdf>

dependeria necessariamente dos meus amigos e da minha companheira para experimentar algo ali. Na ocasião, ter um cachorro peludo, que sofre com a alta temperatura, passar uma tarde no museu, contemplava também dividir com o Astor um fresco passeio. Como é bem comum na forma do Astor funcionar no mundo, ele chega e olha todas as obras, principalmente as que estão na altura dele. Ele cheira, ele estranha, ele levanta as orelhas, ele franze a testa, ultrapassa a linha de segurança das obras, é chamado a atenção por alguns seguranças de galeria como qualquer outro visitante. Ele vai ao Museu. E não é só por conta do ar condicionado nem tampouco apenas para me levar. Ele vai como quem aceita o convite para um passeio. Já estávamos nos encaminhando para o final da exposição quando nos deparamos com uma série de desenhos do Basquiat. Nesses momentos, costumo pedir aos meus amigos que brinquem com a descrição, que resumam imagens a uma palavra ou a uma letra de música, que me façam imaginar, rir, estranhar... Peço aos meus amigos que sejam provocadores e propositores de um acesso estético e que principalmente não me deixem exaurida com excessos de informações que não me provoquem. Diante da obra "Reclining Nude", traduzida para o português como "Reclinando-se nú", começavam a chegar algumas descrições. Traços descompromissados com o padrão de beleza de um tradicional retrato faziam surgir o corpo de uma mulher. Tem algo de deboche nessa cena, alguém dizia, a expressão facial de desconforto. Quando começaram as descrições que me ajudariam a compreender a posição corporal da mulher na cena, Astor se vira com a barriga para cima, reclinando-se nu, fazendo uma espécie de espelhamento da obra. Era ele naquele momento criando meu acesso estético a obra, eu o toquei, compreendi mais da obra. Meus amigos e minha companheira o incluíram na cena, ele se incluiu na cena. No desenho, a mulher tinha traços que sugeriam a presença de pelos pelo corpo dela, que pareciam os pelos dele. Com a licença poética que é sempre concedida a sua apreensão e expressão do mundo, Astor guia, media, e se faz obra. Contamina o meu mundo, o mundo de quem se relaciona com a gente. Astor contamina um museu, Astor contamina Basquiat.

Figuras 9 e 10, respectivamente. Reclining Nude, de Basquiat; Astor deitado de barriga para cima.



Descrição da imagem: Na primeira imagem, vemos a pintura de Basquiat Reclining Nude. Na segunda imagem, Astor está deitado no chão de barriga para cima. Curiosamente a posição que Astor performa é idêntica ao Nude da pintura em do artista em questão. Vale lembrar que Astor não viu a pintura, que é expograficamente posicionada muito acima do seu campo de visão.

Retomando a citação de Despret (2021), a relação com Astor vem me ensinando que, quando não considero Astor e Pucca como existências menores, menos capazes, vazios, quando posso pensar neles e em mim, juntos, é possível, e só assim é possível, pensar em uma relação diferente de uma relação de exploração, e pensar numa relação na qual juntos podemos crescer.

O que acontece aqui, na nossa relação, é um processo de reconstrução. Em seu texto, Despret traz as contribuições do antropólogo Tapper, que sinaliza que o que está em jogo é o que herdamos. Nas palavras de Despret:

Herdar não é um verbo passivo, é uma tarefa, um ato pragmático. Uma herança constrói-se, transforma-se sempre retroativamente. Ela nos torna, ou não, capazes de outra coisa além de simplesmente prolongar; ela exige que sejamos capazes de responder àquilo, e por aquilo, que herdamos. Nós realizamos uma herança, o que também quer dizer que nos realizamos no gesto de herdar. Em inglês, o termo *remember* – lembrar-se – pode dar conta desse trabalho que não é apenas um trabalho de memória: "lembrar-se" e "recompor" (*re-member*). Fazer história é reconstruir, fabular, de modo a oferecer ao passado outras possibilidades de presente e de futuro (DESPRET, 2021, s/p).

Nesse sentido, este trabalho vai se tornando, ao longo de sua escrita, um trabalho de herança. Toda a construção e transformação existente na minha relação com os meus cães-guias é também retroativa. Como disse anteriormente, tenho realizado o trabalho de me tornar capaz de responder a essa herança que chega com eles e na relação com eles. Estamos fazendo história e, portanto, criando outras possibilidades de relações entre humanos e animais não humanos, outras possibilidades de relações entre nós mesmos, nunca deixando de mirar e apostar num mundo mais interessante e, portanto, mais cheio de camadas, mais contaminado, mais heterogêneo, mais aleijado.

Aleijando aqui ganha o sentido de decolonizar, de resistencia política. Mutilar, deformar e contundir o pensamento hegemônico sobre deficiência, sobre acesso, sobre interdependência, sobre compor um mundo na parceria com outras espécies, com a diferença. Sobre recriar a nossa humanidade.

Mas se a questão do trabalho está aqui, é porque precisamos lidar com algumas delicadezas dessa discussão. Despret, quando começa a discutir o trabalho dos animais, diz assim:

Os animais trabalham? A socióloga especialista em animais de produção Jocelyne Porcher fez dessa pergunta o objeto de suas pesquisas. Ela começou perguntando aos criadores: teria sentido, para eles, pensar que seus animais colaboram e trabalham com eles? A proposta não é fácil. Nem para nós nem para boa parte dos criadores. A mesma resposta surge em todo lugar: não, são as pessoas que trabalham, e não os bichos. Certamente, pode-se consentir no que diz respeito aos cães-guia, aos cavalos e aos bois que transportam cargas, bem como a alguns eleitos associados a profissões: cães policiais e de resgate, ratos desminadores, pombos-correios e alguns outros colaboradores. Entretanto, a ideia mostra-se pouco aceitável com relação aos animais de produção (DESPRET, 2021, s/p).

Ao contrário do que Despret aponta, pelo menos aqui no Brasil não há um consenso prático sobre o reconhecimento do trabalho dos cães-guias. Minha afirmação vem no sentido de perceber cotidianamente risadas e deboches ou dúvidas e desconfianças em relação aos cães-guias quando os apresento como cães de trabalho.

Há episódios em que as pessoas se deparam com alguma ideia limitante sobre os animais que parecem não conseguir ou não quererem compreender a atividade do cão-guia, ainda que isso seja explicado algumas vezes em dias em que me encontro em melhor humor. Quando você explica para outro humano qual é o seu trabalho, não sempre, mas majoritariamente, mesmo quando a pessoa desconhece sua atividade, a ideia de um humano trabalhar, se esse for uma pessoa sem deficiência, não é tão estranha, como a ideia de encontrar um animal nessa ação.

Não quero com essa discussão dizer que os cães-guias estão numa mesma posição nessa discussão que os animais de criação, de forma nenhuma. Nem tampouco diminuir ou tentar fazer uma equivalência entre as discussões sobre trabalho que envolvem os cães-guias e os animais de criação, mas trago isso para desfazer uma ideia de consenso que não é experimentada por mim e meus cães em nosso território.

Retomando uma pergunta que trouxe anteriormente, se uma versão é o que transforma e traduz, quais versões de trabalho e de animais esses cães colocam em cena, e que mundo traduzem? E se pudermos pensar que os cães-guias trabalham, o que quer dizer, então, trabalhar?

Ao longo da discussão apresentada por Despret (2021), a mesma diz que a etologia nos ensinou que algumas perguntas só obtêm respostas se são construídas por condições concretas, que não apenas permitam que tais perguntas sejam feitas, mas que tornem aqueles que as fazem sensíveis à resposta, que os tornem capazes de detectar quando a resposta tem a chance de emergir.

Despret conta que Jocelyne, uma de suas alunas, observou e filmou longamente as vacas de um rebanho num estábulo, anotou todos os momentos em que as vacas deviam tomar iniciativas, respeitar regras, colaborar com o criador, antecipar as ações dele para lhe permitir fazer seu trabalho. Ela também prestou atenção às estratégias que as vacas inventam para manter um clima tranquilo, às manobras de polidez, à interação social e ao ato de deixar uma congênere passar a sua frente.

As observações que Despret partilha conosco sobre o trabalho de observação de Jocelyne contribuem muito para pensar o trabalho realizado pelos cães-guias, sua capacidade de respeitar regras, tomar as decisões que lhes permitem fazer seu trabalho, suas interações

sociais. Assim como no caso das vacas estudadas por Jocelyne, é no desvio, na recusa, na resistência, que fica claro que quando tudo vai bem existe um investimento ativo por parte dos cães-guias. Talvez aqui haja algo do que Despret coloca sobre o trabalho dos cães-guias serem mais facilmente reconhecidos, pelo menos para mim, em nossa relação cotidiana.

Os cães-guias estão tomando decisões o tempo inteiro. Toda a avaliação espacial que eles fazem, as decisões de quais obstáculos desviar, do que vão considerar um obstáculo. A decisão de controlar os esfíncteres, a decisão de sinalizar o momento em que desejam fazer suas necessidades. Isso, inclusive, me faz lembrar de uma história:

Poucos meses atrás, Astor passou mal durante a madrugada, com uma forte diarreia. Eu, sem saber ainda o que estava acontecendo, ouvi durante a madrugada ele andando muito, indo do quarto para a sala com bastante frequência, o que não é nada de costume. Ele dorme quase sempre no chão, do meu lado da cama, praticamente a noite toda. Ronca relativamente alto para um labrador, o que às vezes me faz acordar. Muda de posição algumas vezes por noite, mas sem muito se afastar. Nessa noite, algo estranho estava acontecendo e no meio da noite eu demorei alguns minutos para entender. Depois de algumas idas e vindas, e minha tentativa sonolenta de fazê-lo se aquietar ao meu lado sem nenhum sucesso, ou por outro lado, a sua recusa de se aquietar, me dizia algo. Eu levantei e fui procurá-lo, encontrei-o deitado atrás da porta da sala, entrada e saída de casa. Quando ele me viu, levantou abanando o rabo com uma excitação estranha para uma madrugada. Ele comemorava como se eu tivesse acertado algo. Durou alguns segundos até eu entender que ele queria sair. Mas de madrugada? Ir para a rua? Quando peguei o equipamento ele não me deixou ter dúvidas de que era isso que eu deveria mesmo fazer. A essa altura, eu já tinha entendido que ele precisava fazer xixi ou cocô, o que ele só faz na rua. Descemos com ele me puxando muito, fomos correndo, era urgente. Astor estava passando muito mal, algum desarranjo intestinal nada incomum para um labrador que lambe e experimenta pedaços do mundo o tempo inteiro. O mais impressionante foi o quanto ele foi capaz de se conter, de segurar, de respeitar com ele mesmo o limite de banheiro. Nesse dia, ficamos ainda alguns minutos na praça. Tentei voltar uma vez. Ele aceitou entrar no prédio, mas rapidamente me puxou de novo para a rua. Voltamos. Isso aconteceu duas vezes. Voltei com ele para dentro do prédio, ficamos alguns minutos ali e quando ele aceitou subir entendi que o mal estar havia senão passado, pelo menos melhorado por ali.

Seguindo as pistas trazidas por Despret, nessa noite difícil em que Astor responde a uma necessidade interna, posso afirmar que, em todas as vezes que isso não aconteceu, todas as vezes que ele espera de mim que o leve nos horários previstos ao banheiro, ele está sempre fazendo de tudo para que tudo funcione. O grau de contenção realizado por Astor naquela madrugada não é óbvio nem puramente mecânico. Esse grau de contenção evidencia o compromisso dele, inclusive, com o nosso espaço. Ainda sobre isso, Despret diz:

Uma constatação semelhante, ainda que as diferenças sejam significativas, emerge das pesquisas que o sociólogo Jérôme Michalon realizou com os animais, principalmente cães e cavalos, recrutados como assistentes terapêuticos de humanos que apresentam algum tipo de dificuldade. Esses animais têm um ar passivo, de “*laissez-faire*”, mas, quando as coisas se tornam difíceis para eles, quando “reagem”, percebemos que a colaboração se baseia numa extraordinária capacidade de abstenção, duma retenção ativa, numa determinação em se “conter” que não são percebidas justamente porque adquiriram um aspecto “óbvio (DESPRET, 2021, s/p).

Nas observações de Jocelyne, tudo o que parece óbvio comprova a presença de todo um trabalho de colaboração com o criador, um trabalho *invisível*. Foi somente prestando atenção às múltiplas maneiras como as vacas resistem ao criador, desviam-se ou transgridem as regras, enrolam ou fazem o contrário do que é esperado delas que as duas pesquisadoras puderam ver nitidamente que as vacas compreendem com muita clareza o que devem fazer e que elas investem ativamente no trabalho (DESPRET, 2021).

No meu caso, percebo que é na ausência dos meus cães que seus trabalhos se tornam visíveis. São quase treze anos me deslocando ao lado deles, quase nunca usando bengala e contando com a ajuda das pessoas de forma diferente da ajuda que preciso quando estou ao lado deles. Saídas noturnas para festas e shows são geralmente momentos em que deixo o Astor em casa, principalmente por conta do som alto e da grande quantidade de pessoas em pé bebendo, que poderiam colocá-lo em risco e muito desconforto. Tem também os momentos em que ele vai para o banho, nesses momentos se eu preciso fazer algo na rua, só é possível se alguém estiver comigo. Alguns anos atrás, cheguei a fazer duas viagens internacionais sem a Pucca. Até hoje, foram nessas duas ocasiões que passei mais de algumas horas longe dela. Confesso que, apesar da experiência interessante de conhecer outros cantos do mundo, houve um grande impacto no meu modo de me relacionar comigo, com as pessoas que estavam comigo e com o espaço que eu desconhecia.

Nessas ocasiões, no momento em que eles não estão, eles deixam absolutamente visíveis as conexões que fazem comigo e me permitem fazer cotidianamente. Segundo

Despret (2021), o trabalho é invisibilizado quando tudo funciona bem ou, para colocar diferentemente, quando tudo funciona bem, a implicação que requer que tudo funcione bem é invisibilizada.

Mas o que muda quando meus cães não estão? Sem eles é como se me tivessem tirado uma parte importante do meu corpo. Na ausência deles muda minha velocidade de andar, minha forma de me orientar lateralmente e muda a visibilidade das conexões que eu preciso fazer cotidianamente para viver. Quando eles não estão, as pessoas que me acompanham precisam também reorganizar seus corpos e atenções para me guiar, precisam pensar espacialmente por dois, coisas que os cães já estão habituados a fazer e é invisível. Um exemplo disso é que, ainda que haja espaço para que um cão passe por algum lugar mais estreito sozinho, eles se recusam a ir quando não passamos nos dois. Não é incomum que isso não aconteça sem algumas trombadas quando estou com algum de meus amigos.

Outra coisa bastante interessante é que, quando saio com outras pessoas e o Astor está, posso ir andando na frente, posso ir no meu ritmo, posso decidir passar na farmácia ou na padaria caso as pessoas estejam demorando ou fazendo outras coisas. Posso escolher onde quero esperá-las. Na ausência dele, o corpo a corpo que me guia me faz ficar exatamente onde a pessoa que vai me guiar está. Se estou num restaurante e quero sair para falar ao celular ou ir ao banheiro, só posso fazer isso contando com as pessoas que estão comigo para me indicar a direção a ele, quando estamos num lugar que ele não conhece.

Sem Astor perco movimento, fico mais parada, sinto mais medo de me mover livremente. Fico no aguardo do outro, o que evidencia minha interdependência com ele. Não é que eu não precise de nada disso quando estou com ele, mas é que o trabalho dele é tão bem feito que torna não notáveis essas conexões, o que torna visível que eles participam intencionalmente do trabalho.

A esse respeito, Despret lembra de uma observação de Vicki Hearne, adestradora de cães e cavalos que se tornou filósofa, que se perguntava por que os cães sempre trazem o bastão de volta e o deixam a alguns metros de onde era esperado. Ela diz que é uma maneira de dar ao humano uma medida do limite da autoridade que o cão está disposto a conceder. Uma medida quase matemática que lembra que “nem tudo é óbvio” (DESPRET, 2021). Seguindo então as indicações de Despret, o que torna visível considerar que os cães-guias investem ativamente num trabalho conjunto? Donna Haraway nos aponta que isso obriga a conceber os bichos e as pessoas como conectados na experiência que estão vivendo e na qual constituem, juntos, suas identidades. Isso obriga a considerar a maneira como eles se respondem mutuamente e suas responsabilidades na relação – aqui, “responsabilidade” não quer dizer que eles devam assumir as causas, e sim que devem responder às consequências, e

que suas respostas devem participar dessas consequências (DESPRET, 2021). Ainda na companhia de Despret:

Se os animais não cooperam, o trabalho é impossível. Não há, portanto, animais que “reagem”; eles só reagem se não vemos nada além de um funcionamento mecânico. Operando tal deslocamento, o animal não é mais uma vítima propriamente dita, pois, novamente, ser vítima implica passividade, com todas as consequências disso, sobretudo o fato de que uma vítima suscita pouca curiosidade (DESPRET, 2021, s/p).

Retomando aqui o título deste artigo, depois de tecer toda essa discussão sobre a atividade dos cães-guias, podemos dizer que o que faz um cão-guia é trabalho? Podemos afirmar que os cães-guias têm um interesse subjetivo no trabalho? O trabalho aumenta sua sensibilidade, sua inteligência, sua capacidade de experienciar a vida?

Essas perguntas exigem de nós um deslocamento a respeito da própria noção de trabalho com as quais nos relacionamos. É necessário aqui diferenciar as situações de trabalho baseadas na coerção, que tornam só assim o trabalho visível, daquelas em que os animais imprimem marcas e tornam o trabalho invisível.

Para dar conta dessas questões em seu trabalho, Despret retoma as questões das teorias de Christophe Dejours, que propõe que se o trabalho humano pode ser um vetor de prazer e da construção da nossa identidade, isso só é possível porque ele é fonte de reconhecimento. Para Dejours, há um reconhecimento distinto que provém de dois tipos possíveis do julgamento a respeito do trabalho e são eles:

O julgamento da “utilidade” do trabalho, emitido por seus beneficiários, clientes e usuários, e o julgamento da “beleza”, que qualifica o trabalho bem-feito e incorre no reconhecimento pelos pares. A esses julgamentos, Porcher sugere acrescentar um terceiro: o julgamento do vínculo. Esse é o julgamento percebido pelos trabalhadores como provindo dos animais, o julgamento que os próprios animais imputam ao trabalho. Ele não se refere ao trabalho realizado ou aos resultados da produção, e sim aos meios do trabalho (DESPRET, 2021, s/p).

É dentro do julgamento do vínculo que opera a reciprocidade na qual mulher-cega-guia pode se reconhecer. É aqui, no vínculo, dentro dele, que podemos construir o trabalho mortífero e destruidor de identidades como no caso dos criadouros e o lugar onde humanos e animais criam juntos, realizam-se juntos, fazem um corpoCOM uns com os outros. O julgamento do vínculo, ou o julgamento das condições da vida conjunta, diferencia

o trabalho que aliena do trabalho que constrói, mesmo em situações radicalmente assimétricas entre criadores e seus animais (DESPRET, 2021).

6.2 - A hora de parar

Quando Pucca se aposentou, já era certo para George, e talvez para ela também, que tinha chegado a hora de parar. Essa realidade só era negada por mim mesma. Pucca, assim que se aposenta, não permite mais o uso da coleira, nem tampouco do equipamento de trabalho que cheguei a colocar nela uma vez para conhecer sua reação, que não foi nada receptiva, visto que o acontecimento do encerramento do seu trabalho, assim como o acontecimento do início dele, foi notoriamente decisão tomada também por ela. Pucca passa, nesse momento, a pôr em suas relações seu novo modo de vida e como o gostaria de conduzir. Sempre que colocávamos coleira nela, para sua própria segurança, Pucca se recusava a andar, assim como se recusou lá no início de nosso encontro. Se recusar a andar era uma forma bem Pucciana de se colocar e de se fazer ser entendida. Eis aqui mais um relato de como são os cães por quem sou feita, nesse caso Pucca. Mesmo depois de sua aposentadoria, Pucca seguiu me guiando, ainda que de uma forma bem diferente da que antes fazia, mas me mostrando um mundo completamente novo, cheio dela e de suas vontades. Mais uma vez, foi pelo vínculo, pela malandragem, pela preguiça que criamos mais esse laço, mais essa conexão.

(Camila Alves)

No meu caso, assim como no caso de Jocelyne, trazido por Despret (2021) quando ela mesma era criadora de cabras, é pelo trabalho dos meus cães-guias que nos conhecemos. É no trabalho, na preguiça, na malandragem, no vínculo, que nos comunicamos, que aprendemos mutuamente. É no e pelo trabalho que eles realizam que partilhamos prazer e construímos nossos valores e identidades. É, inclusive, pelo trabalho deles que repenso a minha própria forma de trabalhar. É pelo trabalho deles que fui me dando conta da minha forma colonizada de trabalhar e viver essas questões. É com Astor e Pucca que estou aprendendo a força do enfrentamento a um mundo capacitista e opressor nessa maravilhosa combinação de brincadeira, malandragem e preguiça.

7 - A deficiência como marcador da diferença e o encontro com os animais

Claramente, nós projetamos capacitismo em animais não humanos; também projetamos a própria noção de deficiência? Se a categoria deficiência é uma construção social, então o que significa dizer que um animal tem deficiência? Nós não temos ideia de como outros animais compreendem as diferenças físicas ou cognitivas. Uma cachorra percebe que há algo diferente com outra cachorra caso ela tenha três pernas? Uma macaca pode dizer-se diferente se ela mancar? Os animais conseguem saber ajudar outros animais com deficiência? Os animais conseguem reconhecer a deficiência em outras espécies? O mundo animal está repleto de uma variedade de diferenças tão incríveis e aparentemente infinitas que tentar estimar a diferença que a deficiência pode representar quase parece fútil. E ainda assim um monte de evidências fascinantes sugerem que alguns animais podem e, sim, reconhecem algo semelhante à deficiência.

(Sunaura Taylor, parte traduzido por Lucila)

A chegada de Astor em minha vida trouxe questionamentos que fazem ressonância com o pensamento de Taylor (2017) a respeito de como projetamos em animais não humanos nossos capacitismos e as próprias definições de deficiência que forjamos cotidianamente. As diferenças no modo de ser entre Pucca e Astor e as próprias singularidades de Astor despertaram um conjunto de estranhezas em mim e em quem convive conosco.

A animação aparente de Astor com o mundo, com a vida, fazia-nos questionar: Será que ele está prestando atenção no que está fazendo enquanto guia? Será que ele está trabalhando ou apenas "indo em frente"? Muitos de meus amigos me diziam que ele olhava para todos os lados ao mesmo tempo. Estaria Astor focado em seu trabalho? Me desviaria dos obstáculos, para os quais nem sabíamos se ele olhava? Me guiaria para os lugares pedidos e responderia aos meus comandos? Seria Astor um cão com TDAH? Chegou a perguntar uma amiga.

Todos esses pensamentos-perguntas a respeito de Astor revelavam um estranhamento com tamanha capacidade de se alegrar com o mundo e ainda assim realizar um trabalho sério, o que deixa claro a dificuldade da espécie humana em trabalhar com leveza, prazer, alegria e muito interesse pela vida. Ainda assim, essas perguntas traziam à tona o capacitismo projetado em Astor, bem como a noção de deficiência como algo incapacitante, com qualidade duvidosa.

Ainda segundo Taylor (2017), as suposições e preconceitos que temos sobre corpos com deficiência são profundas – tão profundas que projetamos esse capacitismo humano em animais não humanos. Sujeitamos os animais às nossas narrativas capacitistas mais familiares, como por exemplo "melhor se estiver morto", ou ainda, eu completo, "esse é menos capaz de trabalhar".

Alguns anos atrás, relata a autora ter encontrado uma história sobre uma raposa com artrogripose, que é a deficiência com a qual ela própria nasceu. De acordo com o Canadian Cooperative Wildlife Health Center [*Centro Cooperativo Canadense de Saúde da Vida Selvagem*], uma organização de conservação e gestão da vida selvagem, um morador da área atirou na raposa porque “ela tinha uma marcha anormal e parecia doente”. O animal, cujas deficiências eram bem significativas, tinha massa muscular normal e o estômago dele continha uma grande quantidade de comida digerida, o que sugere aos pesquisadores que a deformidade dos membros não impedia o sucesso na caça e alimentação (DESPRET, 2021).

A análise que a mesma faz desse assassinato indica que o morador parece ter atirado no animal por piedade (como uma morte misericordiosa) e medo (talvez presumindo que a raposa estivesse com uma doença contagiosa). As pessoas atiram em raposas normais

também, é lógico, mas por razões menos supostamente altruísticas. No entanto, essa raposa parecia de fato estar passando muito bem. O morador presumiu que a qualidade de vida da raposa era inaceitável? Essa pessoa viu a deficiência do animal como perigosa ou como um destino pior que a morte? O conceito de morte misericordiosa carrega consigo duas das mais proeminentes respostas à deficiência: destruição e piedade. A raposa foi claramente afetada pelo capacitismo humano, morta a tiros por alguém que equiparou deficiência apenas com sofrimento e medo de contágio.

Sunaura Taylor também discute a outra versão capacitista acerca da deficiência que projetamos nos animais. Há também o animal inspirador com deficiência, que supera as probabilidades, que talvez seja uma narrativa mais surpreendente, mas que parece estar ganhando popularidade. Histórias de animais com deficiências “fofas” e “inspiradoras” parecem ser o furor das redes sociais ultimamente, e vários memes e sites contam histórias de animais com deficiência que “triunfaram” ou “superaram” obstáculos. Os programas de televisão também estão começando a sacar esse mercado em expansão: um episódio de *Nature* intitulado “My Bionic Pet” [*Meu animal de estimação biônico*] foi ao ar na PBS na primavera de 2014, explorando próteses de animais. A propaganda do episódio declara que às vezes milagres acontecem sim³³ (TAYLOR, 2017).

Há algo de curioso aqui, na forma como isso se passa com os cães-guias. Apesar de não serem eles os deficientes da relação, muitos os consideram verdadeiros milagres, ou anjos por acompanharem pessoas com deficiência. Os cães-guias são considerados verdadeiros milagres também por serem vistos como uma espécie de “prótese” para as pessoas cegas, ou ainda, “os olhos de quem não pode ver”. Aqui vale lembrar que é comum que essa mesma expressão capacitista apareça sempre que uma pessoa sem deficiência namora ou se torna amiga ou chefe de uma pessoa com deficiência. Há algo de muito enobrecedor em estar ao lado de um corpo deficiente, sem valor e com capacidades cotidianamente questionadas do ponto de vista capacitista. Os cães-guias não escapam disso.

Os significados da palavra “deficiência” são unicamente humanos, criados e contextualizados por culturas humanas ao longo de séculos. Apesar disso, eu escolhi usá-la aqui ao discutir diferenças entre animais não humanos. Eu estou atraída pela amplitude de sentidos que a palavra tem dentro de movimentos da deficiência, e estou interessada no que acontece quando consideramos a deficiência enquanto experiência vivida e em como essa ideologia impacta animais não humanos.

³³ “My Bionic Pet: Nature (VIDEO),” *Nature*, April 9, 2014, <http://www.pbs.org/wnet/nature/my-bionic-pet-my-bionic-pet/8696>

Como animais não humanos se relacionam com diferenças físicas e cognitivas? Como as compreensões humanas de deficiência afetam os modos de interpretar o que os animais experienciam? Taylor (2017) nos traz essas perguntas e eu aproveito para seguir: O que podemos aprender com o modo como os animais experimentam a deficiência entre eles?

Que a deficiência animal tanto inspira quanto horroriza está claramente evidente em discussões em torno da sensação da internet Chris P. Bacon. Chris é um porco que nasceu em janeiro de 2013 com patas traseiras muito pequenas, com as quais ele não consegue andar. Ele “botou fogo na internet” quando viralizou um vídeo dele usando uma cadeira de rodas feita em casa. O leitãozinho, que foi resgatado por um veterinário após uma mulher o trazer para ser eutanasiado, já passou agora por múltiplas cadeiras de rodas e pesa mais que 32 quilos³⁴.

Sunaura diz que muitos comentários em artigos sobre Chris são pessoas querendo que ele seja eutanasiado, dizendo que é cruel fazê-lo viver desta forma. Outros acham ele tão heróico que ele é convidado a participar de eventos para crianças sobre distrofia muscular. Chris está gerando conscientização – não sobre a difícil condição dos porcos, mas sobre a deficiência. Afinal, não importa o quanto americanos na internet amem esse porco, o nome dele constantemente nos lembra do que as pessoas pensam a que ele de fato equivale: bacon. Nesse sentido, Pucca e Astor também geram conscientização. Não só a respeito de como é possível viver em um corpo cego com dignidade e valor, mas também geram conscientização sobre as possibilidades de ser um cão que trabalha, capaz de ser responsável, ativo, e não apenas uma vida subjugada à passividade, do ponto de vista de como muitos humanos se relacionam com os animais.

A autora ainda nos chama a atenção para o fato de que muitas de nossas ideias sobre os animais são formadas pela nossa suposição de que apenas os animais “mais aptos” sobrevivem, o que nega o valor e mesmo a naturalidade de experiências como vulnerabilidade, fraquezas e interdependência. Quando ocorrem deficiências, nós supomos que “a natureza vai seguir seu curso”, que o processo natural para um animal com deficiência é morrer, tornando os animais com deficiência vivos não apenas aberrações como também anti-naturais. E claro que, sendo isso mais uma de nossas projeções capacitistas, são essas também as expectativas que temos em torno dos humanos com deficiência.

Pesquisas recentes mostram inúmeros exemplos de animais com deficiência sobrevivendo e algumas vezes prosperando, assim como evidências de que animais

³⁴ “Chris P. Bacon, Disabled Pig, Charms with Tiny Wheelchair After Escaping Death (VIDEO),” *Huffington Post*, February 5, 2013, http://www.huffingtonpost.com/2013/02/05/chris-pbacon-disabled-pig-wheelchair_n_2626078.html

conseguem reconhecer quando outro animal é diferente e necessita de apoio. Há incontáveis histórias sobre primatas, elefantes, cachorros, porcos, baleias, patos, gansos e frangos ajudando seus companheiros com deficiência. É sabido, por exemplo, que os gorilas machos adultos fazem o bando diminuir a velocidade da marcha para que os membros idosos, doentes e com deficiência possam acompanhar.

Outras espécies, como elefantes e lobos, mostraram fazer o mesmo. O que nós fazemos de animais como Babyl, uma elefanta que morava na Reserva Samburu, no norte do Quênia? O etologista Marc Bekoff escreve que Babyl era “aleijada” e “não conseguia viajar tão rápido quanto o resto da manada”, e descreve como outros elefantes no grupo de Babyl esperavam por ela em vez de deixá-la para trás. O expert em elefantes Iain Douglas-Hamilton contou a Bekoff que os elefantes vinham fazendo isso há anos; que eles sempre esperaram por Babyl (...) Eles andavam por um tempo e então paravam e olhavam em volta para ver onde Babyl estava. Dependendo de como ela estivesse, eles ora esperavam ora seguiam³⁵. A matriarca até alimentava Babyl eventualmente. Bekoff pergunta por que os outros elefantes da manada de Babyl agiam desta forma, já que não havia motivo prático para tal: “Babyl pouco podia fazer por eles”. A única conclusão a que Bekoff e seus companheiros puderam chegar foi que os outros elefantes se importavam com Babyl. Por mais importante (e radical) que seja sugerir que animais que não são diretamente relacionados possam se importar uns com os outros de tal maneira, a partir de uma perspectiva crítica da deficiência é também importante deixar aberta a possibilidade de que Babyl oferecia, sim, algo útil para o bando – algo que pode ser difícil para nós reconhecermos se nós entendermos deficiência apenas como desvantagem ou limitação (DESPRET, 2021, s/p).

Se, por um lado, pensamos até aqui em como os atravessamentos capacitistas chegam até os animais, deficientizando seus corpos e seus modos de existir, como apareceu até aqui em todos os relatos trazidos por Sunaura e também no meu próprio relato sobre Astor e seu modo de trabalhar, faz-se importante numa via de mão dupla aprender como os animais lidam com o que chamamos de deficiência entre eles, e no que podemos pensar a partir disso.

De Waal, como apresentado por Taylor, sugere que animais passam por um processo que é chamado de “adaptação aprendida”: “Membros saudáveis não necessariamente sabem o que está errado, mas gradualmente tornam-se familiares com as limitações de seus colegas menos afortunados” (TAYLOR, 2017, s/p).

³⁵ Marc Bekoff, *The Emotional Lives of Animals: A Leading Scientist Explores Animal Joy, Sorrow, and Empathy and Why They Matter* (Novato, CA: New World Library, 2008), 3.

Em outras palavras, um animal pode aprender a reconhecer com o tempo que o jeito como outro animal está se movimentando ou agindo torna-o mais vulnerável aos perigos, apoiando-o ou protegendo-o, ou tratando-o com menos agressividade porque ele não é visto como uma ameaça.

Ainda segundo Despret (2021), há um contraste com outra resposta, considerada ser mais complexa: empatia cognitiva, a habilidade “de imaginar-se na posição de outro indivíduo”. Empatia cognitiva permite a nós, humanos, compreender que tipo de limitações outro ser tem simplesmente ao vê-los, pois somos imediatamente capazes de nos imaginar na situação deles. Pesquisas sobre empatia animal ainda são jovens, mas parece provável que humanos não sejam a única espécie capaz de empatia cognitiva, já que numerosos animais, incluindo lobos, primatas e elefantes, mostraram ter a capacidade de respostas empáticas.

Uma reação à adaptação apreendida poderia ir em múltiplas direções – se animais aprendem que outro animal é vulnerável, eles podem tirar vantagens dele, abandoná-lo, ajudá-lo ou aceitá-lo e aprender a adaptar-se a ele. O conceito de adaptação apreendida, no entanto, e a distinção entre ele e a empatia cognitiva deixa importantes questões não respondidas. Despret (2021) escreve que tratamentos especiais aos aleijados [*handicapped*] são provavelmente melhor considerados como uma combinação de adaptação apreendida com forte ligação [*attachment*]; é a ligação que leva a adaptação a uma direção positiva, cuidadosa. O que é essa ligação, então? É amizade ou amor? É empatia? Tal conceito explica pouco o cuidado e proteção que um animal pode ter com outro animal com uma lesão ou com deficiência ao qual eles não tiveram nenhum tempo para se ajustar, como quando um membro de um bando de repente sofre uma lesão.

Uma análise crítica da deficiência, no entanto, expõe algo problemático sobre a distinção entre adaptação apreendida e empatia cognitiva. No cenário que De Waal oferece, ele descreve a empatia cognitiva como apreender o que um corpo sem braços não será capaz de fazer; nós, seres humanos, somos imediatamente capazes de imaginar o que falta para uma pessoa sem braços. Mas o que imaginamos pode não ser preciso e, mais importante, só é possível com deficiências e lesões com as quais nós mesmos estamos familiarizados – aquelas que são diagnosticáveis e reconhecíveis dentro da nossa cultura. Se encontramos alguém com uma deficiência ou doença que nunca ouvimos falar e não sabemos nada sobre, nossa interação com essa pessoa seria sem dúvidas uma interação de adaptação apreendida. Portanto, a descrição de empatia cognitiva de De Waal naturaliza a deficiência como um fato previsível e diagnosticável, em oposição a algo que é inextricavelmente situado em nossas culturas e histórias. Em contraste, ele constrói a adaptação apreendida como um processo de aprendizado

de como outro ser se movimenta e age sem suposições prévias ou estereótipos. Os limites dessas definições e distinções são evidentes na suposição que De Waal faz de que alguém sem braços não será capaz de brincar de pegar o galho com sua cachorra. A cachorra pode aprender que ainda dá para brincar de pegar o galho, enquanto sua companhia humana usa sua boca ou pé para jogar o galho. Qual ser – a cachorra ou o presunçoso observador humano – compreende deficiência de forma mais precisa?

7.1 - O que é essa ligação, então? É amizade ou amor? É empatia?

Era 16 de março de 2022, foi divulgado nas redes sociais e em mídias digitais o caso da cão-guia Hillary. Hillary é uma labradora preta, que hoje tem dez anos e se aproxima do fim da sua carreira. Acompanhando Melina, sua humana desde 2014, as duas contam suas histórias pelo mundo no blog 4 PATAS PELO MUNDO³⁶. No dia 16 de março de 2022, Hilary³⁷ impediu que Melina caísse em um fosso de um elevador, numa estação de metrô da cidade onde moram. Ao pedir à Hillary que encontrasse o elevador, Melina abriu a porta, e Hillary se recusou a entrar desobedecendo sua humana. Muitos de vocês podem não saber, mas faz parte do treinamento dos cães-guias, o aprendizado da desobediência quando o comando feito puder colocar a dupla em risco, como era o caso. Hillary chegou a deitar na porta do elevador, sendo contundente na sua recusa e na sua forma

³⁶ Segue o link para acessar e conhecer o Blog: <https://www.4pataspelomundo.com/sobre/hilary/>

³⁷ Segue o link para acesso do instagram de Melina e Hilary, onde Melina narra o acontecido citado neste texto: <https://www.instagram.com/4pataspelomundooficial/>

de expressá-la, impedindo, inclusive, um acidente.

(Camila Alves)

Seguindo as contribuições de Sunaura e De Waal que nos ajudam a pensar na conexão estabelecida entre humanos cegos e seus cães-guias, estaria Hillary apenas obedecendo um protocolo de treinamento? Como saber em que momento desobedecer e levando o quê em conta? Certamente há, no encontro desses cães com seus humanos, a construção da habilidade de perceber como seus humanos se movimentam, quais são suas maiores dificuldades e também as suas necessidades, bem como no caso do cão capaz de se dar conta do que seria preciso fazer para brincar de jogar o galho com seu humano sem braços.

A construção que Despret (2021) faz nos alerta sobre o quão fácil é presumir que o comportamento de um animal é menos complexo do que o comportamento de um humano. Ele também expõe como as presunções humanas sobre deficiência invariavelmente formatam o modo com que comportamentalistas animais a interpretam. Sunaura Taylor ainda ressalta:

O que mais se destaca para mim, no entanto, na conversa sobre animais com deficiência, é o quão pouco é discutida por aqueles que estudam comportamento animal. Talvez isso não devesse surpreender, visto que a deficiência é geralmente negligenciada como um campo de estudos legítimo (TAYLOR, 2017, s/p).

Hillary e tantos outros animais citados aqui se mostram capazes de uma adaptação apreendida, bem como de uma empatia cognitiva. O nome que damos a isso ainda é totalmente nebuloso, mas este capítulo pretende exatamente trazer os atravessamentos do capacitismo na vida dos animais e também como eles são capazes de estabelecer e produzir, no caso dos cães-guias, o que Mia Mingus (2011) chama de “intimidade de acesso”.

Intimidade de acesso é um sentimento esquivo, difícil de descrever e que sentimos quando alguém “saca” suas necessidades de acesso. É um tipo de conforto que, segundo Mingus, o nosso Eu deficiente sente com quem esse nível de acessibilidade é estabelecido. A autora, que é também uma mulher deficiente, ativista pelos direitos das pessoas com deficiência, ressalta que esse tipo de acesso pode ser estabelecido com pessoas estranhas ou construído em muitos anos de relação, e eu tomo liberdade para dizer que certamente esse é um tipo de acesso possível de ser construído também com outras espécies e, no meu caso,

vivo a acessibilidade íntima também com meus cães-guias, e nesse momento mais precisamente com Astor.

A acessibilidade íntima pode ser também o modo como seu corpo relaxa e se abre com alguém quando todas suas necessidades de acesso foram atendidas. E isso não depende de que alguém tenha uma compreensão política da deficiência, capacitismo ou acessibilidade. Algumas das pessoas que eu tenho experimentado as mais profundas intimidades acessibilitadoras (especialmente com pessoas corpo-normativas/ não-deficientes) não tinham tido exposição ou formação a respeito da compreensão política da deficiência (MINGUS, 2011, s/p).

Tem algo da acessibilidade íntima como propõe Mingus, e que experimento com Astor, que é o fato de que juntos estabelecemos um nível de conexão muito basal e sem nenhuma necessidade de esclarecimento. Apreendemos juntos o peso, as logísticas, os traumas, a dor do isolamento, a dor e a ansiedade que vem das necessidades de acessibilidade em um mundo capacitista que nos oprime de formas muito semelhantes, como já nos apontou Sunaura. Com Astor, não preciso me justificar pelas necessidades que a cegueira me trouxe. Não me sinto incomodada nem constrangida por depender dele. Astor não se mostra indisponível a essas necessidades, e muitas vezes antecipa suas resoluções antes mesmo que eu precisasse pedir, como houve também com Hillary, no relato acima. Astor não me julga nem me diminui por eu precisar dele. Ele simplesmente compõe o mundo comigo. Isso, claro, não significa que ele saiba de todas as minhas necessidades, e que eu saiba de todas as necessidades dele, mas nesse lugar que existe entre nós, existe uma familiaridade imensa e uma capacidade minha de pedir apoio ou ajuda instantaneamente, bem como por vezes ele me oferece do mesmo modo.

A acessibilidade íntima se dá de forma não dita, através de um modo inteiramente único de se conectar e se comunicar. Não é sobre ajudar ou ser ajudada por alguém, não é caridade, intimidação nem uma troca humilhante por sobrevivência. Mingus aponta que há um sentimento bom durante e após o experimentar da intimidade acessibilitadora. É uma sensação libertadora, leve, amável. Ela aproxima os atores que participam dela; ela constrói e aprofunda conexões. Às vezes a intimidade acessibilitadora não significa que tudo é 100% acessível. Às vezes parece que ambos estão tentando criar acessibilidade com todas as suas forças sem nenhum aval em um mundo capacitista. Às vezes é alguém que apenas senta e segura sua mão enquanto ambos encaram pasmos um mundo inacessível.

Eu caminho de mãos dadas com algumas pessoas que se tornaram presenças de

acesso, e caminho de mãos dadas com um animal que se tornou uma presença íntima de acesso em minha vida. Um Astor que faz corpo comigo e que cria, com o vínculo que estabelecemos, uma sensação profundamente libertadora, leve e amável, que está comigo num mundo completamente inacessível e capacitista tanto para mim quanto para ele. Amor, empatia, amizade e uma dimensão muito profunda de intimidade.

Falar sobre animais com deficiência, animais e pessoas com deficiência é, sem dúvida, como propõe Taylor, um convite para pensarmos como nosso corpo se move, pensa e sente, e o que faz de um corpo um corpo explorável, útil ou descartável. Significa questionar nossas suposições sobre o que uma vaca ou um frango ou um cão são capazes de experimentar. Significa parar para considerar que a raposa mancando, que você enxerga através do cano da sua espingarda, pode na verdade estar curtindo sua vida de animal aleijado. Os animais e a deficiência nos desafiam a considerar o que há de valioso em viver e o que há de valioso na variedade da vida.

Retomando aqui a pergunta que abre este tópico: os cães-guias agiriam por empatia, amor ou amizade? O que os move e o que nos move, nessa relação, nesse fazer corpo COM que habitamos? Despret (2008) apresenta a empatia como um acontecimento que, certamente, transforma o sujeito que sente a empatia, mas argumenta que essa mudança é muito localizada, à medida que não dá realmente a seu objeto a possibilidade de ser ativado como sujeito – o sujeito sentindo empatia permanecendo o único sujeito de toda a coisa. Segundo Despret:

Ao pretender ser habitado (ou localmente transformado) pelo outro, o empático na verdade “assenta-se” no outro. A empatia nos permite falar sobre o que é ser (como) o outro, mas não levanta a questão do “que é ser ‘com’ o outro”. Empatia é mais um “preencher-se (de si)” do que levar em consideração a sintonia (DESPRET, 2008, s/p).

Considerando a empatia desse modo, digo com certeza que o trabalho de um cão-guia não é algo feito por empatia. Se recusar a entrar em um elevador que não estava ali, passar a guiar o cão-guia cego aposentado, responder às provocações da arte traduzindo assim um universo estético é algo que se dá no encontro COM o outro e não em nome do outro ou para o outro. A relação criada aqui é uma relação de confiança. "Confiança é um dos muitos nomes para o amor" (DESPRET, 2004, p. 122), uma citação de Isabelle Stengers trazida por Despret.

Despret segue dizendo que você nunca pode ser indiferente à confiança que você inspira. Cães-guias inspiram confiança a seus humanos assim como nós, humanos, inspiramos

confiança a eles. Essa é a confiança que nos conecta, que produz as oportunidades e os relacionamentos, essa é a confiança que nos permite redefinir um cão-guia não mais em termos de "o que ele é", mas sim de "quem são" e "o que fazem". Quando essa mudança pode ser feita podemos nos encontrar também com universos mais múltiplos e mais complexos, universos cheios de entidades ativas que se articulam diferentemente.

O amor é uma experiência compartilhada, porém isso não significa que seja uma experiência simétrica. Essa é uma nova articulação que envolve o “com” enquanto proposição genérica, uma articulação indeterminada de “ser com” de "fazer corpoCOM", de articular novas maneiras de ser uma humana com um não-humano, mulher cega com cão-guia, cão que guia uma mulher cega. Nessa articulação que se dá pelo amor, é também importante ressaltar que precisa ser feita COM direitos, é COM amor e com a garantia de direitos que esse encontro é feito, que ele pode acontecer. Essa é uma articulação que se dá pelo amor, pela confiança e pelas garantias de direito, uma articulação amorosa e cuidadosa que é também uma política de partilha de um cuidado ou, como nos traz Mia Mingus (2018), a articulação para uma intimidade de acesso.

7.2 - Mais dicas

Figura 11. Pucca com fones de ouvido.



Descrição da imagem: Na foto, uma Golden Retriever de perfil. Ela é dourada, mas já estava com o focinho bem branquinho. Ela usa fones de ouvido azul!

Hoje me lembrei demais do percurso de trabalho e de vida de Pucca. Me fez pensar o quanto a maior parte das pessoas estão distantes da realidade do trabalho de um cão-guia e

imaginam tantas coisas, às vezes estereotipadas, às vezes perversas e às vezes muito reduzidas sobre o que eles fazem e a relação que constituímos! Pucca se aposentou aos dez anos, cheia de vida apesar da idade. Viajou bastante, passeou bastante, brincou bastante e ouviu muita música depois que encerrou seu trabalho, mas brincadeiras à parte, quero dizer para vocês que:

1 - Os cães-guias se aposentam com 10 anos de idade. Como são treinados por 1 ano e meio, no máximo 2, quando são entregues, vivem oito anos em trabalho com os seus humanos.

2 - Os cães não trabalham até adoecerem, terem problemas de saúde, como se fossem explorados até o último pelo do corpo. Caso eles tenham problemas de saúde que os impeçam de trabalhar antes dos 10 anos, eles são afastados. Caso contrário, aposentam-se com 10 anos para ainda curtirem a vida.

3 - Os cães-guias, quando se aposentam não são abandonados. Eles são preferencialmente “adotados como pet” por nós, que foi o caso de Pucca. Quando isso não é possível, o humano do cão acompanha todo o processo de encaminhamento para familiares e amigos, com quem convivem e continuam tendo relações com seus cães!

4 - O trabalho dos cães são regulamentados pela instituição que os treinam e seus instrutores se comunicam diretamente com os humanos responsáveis pela dupla, fazendo visitas sempre que necessário ou combinado.

5 - Quando uma pessoa já tem um cão e o mesmo se aposenta, essa pessoa tem prioridade na fila para receber o próximo cão. Essa transição é organizada também pelo instituto de origem em alguns casos... nem sempre é assim, mas essa é a minha experiência.

6 - Por fim, mas não menos importante, cães-guias são muito mais do que os olhos de quem não vê. Então, vamos lidar com o real tamanho deles em nossas vidas e ao mesmo tempo lidar com o fato de que pessoas cegas não precisam dos olhos para existir?

8 - Fêmea trabalha melhor do que macho?

Figura 12. Astor e Pucca deitados no tapete da sala.



Descrição da imagem: Na foto, estão Pucca e Astor deitados no tapete da sala. Ele em primeiro plano, ela em segundo. Os dois olhando pra foto... Pucca está com as orelhas viradas e os pelos descabelados... o olho meio brisado! Astor está com uma carinha de sapeca... no auge do seu fogo!

São tantas as aventuras, encontros, desencontros e histórias que ser uma mulher-cega-com-cão-guia produzem. Desde o momento que passei a ser constituída por dois cães e não apenas uma, as histórias também se multiplicaram. Os cães-guias constituem em nossas vidas uma potente ferramenta relacional, para o bem e para o mal. Muitas pessoas nos abordam pelas ruas perguntando sobre seus trabalhos, raças e outras curiosidades. A pergunta “fêmeas trabalham melhor do que os machos?” é bem comum, mas também profundamente reveladora de um sistema sexista e machista que vai atravessar também a relação com os animais.

A ideia de que as fêmeas guiam melhor do que os machos, ou seja, são mais concentradas, mais atentas em seus humanos, mais capazes de obedecer às regras do trabalho e mais capazes de cuidar deixa evidente a forma como o feminino está posto de modo hegemônico na sociedade que constituímos e como essa força estrutural atravessa também a

existência de outras vidas, a forma como nos relacionamos com outras vidas.

Esse é o pensamento que mantém mulheres como cuidadoras em casa ou em seus trabalhos na maior parte do tempo de suas vidas, como se fosse dado biologicamente ou essencialmente essa habilidade a elas, como se o cuidar não fosse um gesto aprendido no encontro interespecífico. Nesse sentido, esperamos também menos dos machos que, sendo considerados essencialmente menos capazes de cuidar, ficam mais livres para não se comprometerem com outras vidas, inclusive com as deles mesmos. Ora, machos são tão capazes de guiar como as fêmeas, aprendem sobre cuidar à medida que são ensinados.

Há outras performances de gênero que colam quase que imediatamente também à forma de olhar para os meus cães-guias e certamente para tantos outros animais. Pucca, fêmea, sempre foi lida por mim e por outros como mais delicada, mais comportada e, por isso, como mais feminina. Vejam, a mim que também sou feita por este mundo, subjetivada com as contradições e paradoxos dessa nossa vida, também sou pega nos machismos em mim internalizados, repensando-os e me refazendo a todo o tempo.

Ao contrário de Pucca, Astor que deita sempre de pernas abertas, molha bastante o chão ao beber água, seu andar tem menos elegância e, portanto, é visto performando uma masculinidade. Uma masculinidade que também é hegemônica e desconsidera machos mais delicados e elegantes, uma masculinidade que é também homofóbica e lesbofóbica, porque vai também desconsiderar mulheres e fêmeas que performam formas menos delicadas e menos esperadas por um mundo que não cansa de controlar os corpos das mulheres, dizendo-lhes como devem ser e fazer tudo a todo tempo.

E no emaranhado de opressões, atravessamentos de classe também se fazem presente. Já ouvi que Pucca era uma cachorra mais rica do que Astor, ou que na sua elegância, frente à forma descolada e "farofeira" de Astor, ela pareceria de uma classe social superior. Vejam só, a delicadeza é um adjetivo muito usado para caracterizar um certo feminino hegemônico, heterossexual, mas também uma classe superior e certamente branca. Pucca tinha os pelos mais loiros, Astor tem os pelos chocolate, o que também os marcam respectivamente com os atravessamentos racistas.

A Pucca era uma cachorra bem maior e mais séria do que o Astor. Astor é um labrador inglês mais miúdo, apesar de ainda assim ser de grande porte. Anda sorrindo, mexendo com as pessoas na rua e o rabo não para de abanar um minuto sequer. A agressividade de Pucca, ou melhor, o seu grau de periculosidade animal, jamais foi questionado pelas ruas. Astor, por sua vez, apesar de toda a alegria que transborda, gera medo em muitos por onde passa. Ele é bravo, né? Muitos perguntam... Pitbull ou Rottweiler? Se chegar perto ele morde, né?

São muitos anos ouvindo e assistindo de distintas formas como meus cães, além de mim e às vezes também por mim, são atravessados pelas forças opressoras e violentas que usamos para diminuir ou menosprezar e por vezes matar determinados grupos em detrimentos de outros. Mas por que isso é assim também com meus cães-guias?

Santos (2017), no cap. 2 do livro *Relações Multiespécies em Rede: Feminismos, Animalismos e Veganismos*, pergunta-nos: Mas como toda opressão está conectada? E nos ajuda a responder a pergunta anterior feita por mim: Por que isso aparece também com meus cães-guias? A resposta que Santos dá a essas perguntas é que, por serem iguais aos sujeitos políticos que enunciam, e aí tem grande importância em enunciar pessoas não humanas enquanto sujeitas de direito, os sistemas de opressão que os atingem são igual ao especismo, que seria igual ao racismo e ao sexismo, e eu completo dizendo que são iguais ao capacitismo.

Santos, que se sintoniza com perspectivas trazidas neste trabalho também por Taylor, mostra como os animais têm sido usados, historicamente, para significar corpos de mulheres, conversado sobre as metáforas de corpos como pedaços de carne (pedaços, por sua vez, de corpos mortos de animais não humanos), sentido a animalização de corpos negros, potrancas, cachorrinhas, mulas, porcas em contexto sexual, para usufruto de quem diz por repulsa. Se pudermos lembrar, também discutimos anteriormente, com Taylor, como metáforas animais são utilizadas para deficientizar corpos, incluindo corpos negros, ou ainda para animalizar corpos deficientes, o que nos mostra mais uma vez a conexão de todas essas opressões.

Ainda sobre a forma com essa conexão acontece, Santos diz:

Quanto à inteligibilidade, pego outra tradução daquela imagem-base, os escravizados eram tratados como animais. A ininteligibilidade autônoma de um sujeito político se desmonta quando só pela metáfora – a comparação – os termos da opressão que o atingem podem ser entendidos; como se racismo fizesse mais sentido, fosse mais ultrajante, porque torna pessoas em animais – uma violação da humanidade. E há fartos registros históricos do escravagismo colonial que mostram que instituições como estado e a igreja efetivamente equipararam pessoas negras a animais, para desumanizá-las e justificar os sistemas de sequestro, exploração, violências, assassinatos e estupros. Mas movimentos abolicionistas por direitos de pessoas não humanas, a partir dessa equiparação, afirmam que pessoas não humanas não devem ser tratadas de forma exploratória, violenta e assassina e que não devem ser humanizadas para terem direito a vidas livres e dignas. Só que o crivo da humanidade, o especista, é justamente essa separação hierárquica entre humano e não humano (SANTOS, 2017, p. 586).

Santos ainda diz: "As/os animais do mundo existem por suas próprias razões. Elas/es não foram feitas para humanos da mesma forma que pessoas negras não foram feitas para brancas/os nem mulheres para homens". (SANTOS, 2017, p. 597). Santos continua: "Aqui, a conexão entre sistemas de opressão, que efetivamente se utilizam de diversas estratégias comuns para dominação, exploração, violências, assassinatos é uma conexão fundamentada na forma de trans-formar, traduzir transformando a fundamentação planificadora daquela imagem-base" (SANTOS, 2017, p. 609).

Não precisamos ser iguais para nossas lutas fazerem sentido e se conectarem, não precisamos nos diferenciar a todo custo para nos tornarmos mais humanos. Por que isso importa tanto, afinal? Como aprender a falar de nós sem silenciar as/os outros/as?

E o que acontece com um cão-guia quando ele se aposenta? São muitas histórias e muitas possibilidades! A Pucca ficou relaxada, descabelada e em casa com a gente, graças a uma amiga que dividiu a guarda dela com a gente por um tempo. Em seguida, na pandemia que nos colocou para dentro de casa, Pucca seguiu comigo até o momento de sua partida. Ganhou Astor de parceiro de vida, numa irmandade que construíram lindamente! Vale lembrar que uma pessoa que já tem um cão-guia, quando vai aposentar seu cão, tem prioridade na fila para conseguir seu próximo companheiro. Nem sempre é possível que seja assim, tem gente que quando pode escolhe fazer de outro jeito, mas foi assim com a gente!

9 - A inacreditável despedida

Aqui pode cachorro: Narrativas crip de uma mulher cega-com-cão-guia chega ao fim. Este é um trabalho escrito nos quatro anos de (indi)gestão do (des)governo Bolsonaro, em meio a perdas de direitos que respaldam muitas vidas, inclusive as vidas com deficiência e as vidas de outras espécies. Chega ao fim também os quatro assombrosos anos em que perdemos tantos, por conta da pandemia.

Este trabalho também foi escrito durante os últimos dois anos de vida de meu pai, um entusiasta deste título com o qual já me nomeava desde a infância, Dra. Camila. Certamente uma enorme pressão, mas também uma alegria compartilhada ele ter podido me ver começar este trabalho. Devo a ele e a sua doença a coragem mais recente que conquistei de encarar a morte de perto, o que me permitiu, inclusive, que Pucca morresse no meu colo.

Os textos, histórias e palavras que vocês leram também foram duramente atravessados pelos anos de pandemia que ainda vivemos e por muito medo, por muitas perdas, por muita

dor. Me preparando para escrever esta despedida, muitas vezes me perguntei: Como consegui terminar esta tese com tudo isso acontecendo? Em que momento eu senti e escrevi? Com que corpo? Até um mês atrás, eu nem tinha concretizado que o trabalho já estava terminado, até que Marcia Moraes, orientadora desta pesquisa, de muitos momentos da minha vida e também deste trabalho, comunicou-me que o fim havia chegado. Como?

Eu não sofri com esta escrita, não deixei de dormir, deixei de sair poucas vezes para escrever. Como acabei sem sofrer? Essa pergunta, claro, veio muito carregada da minha experiência no Mestrado e uma enorme parte desse não-sofrimento veio do aprendizado com a dissertação, mas também tem algo importante que preciso dizer: esta escrita foi, para mim, ocasião de cura, de cuidado, um refúgio para anos tão difíceis, individual e coletivamente. É claro que, quando digo que não sofri, não é romantizando um processo que foi sim exaustivo, cheio de ansiedade e em alguns períodos nenhuma inspiração para escrever, uma tensão constante por quatro anos em que a tese estava comigo em absolutamente todos os lugares, ainda que eu escrevesse apenas na menor parte do tempo. Não é que eu não tenha sofrido nos últimos quatro anos, pelo contrário, a dor de tantas coisas seguem aqui, mas era sentada, escrevendo sobre minhas espécies companheiras e o mundo que juntas compomos que um lugar de descanso, esperança e elaboração se fez em mim.

O processo de escrita deste trabalho foi também um processo de reconstrução da minha própria experiência de deficiência. Na carta que apresentei a vocês no início deste texto, em que conto parte da minha experiência com a cegueira, vocês puderam acompanhar uma menina que, ao se encontrar com a experiência da deficiência, inicialmente se subjetivou nos referenciais biomédicos da mesma, compreendendo-a como peso, como incapacidade, como uma experiência isolada com a qual eu deveria, a partir do meu próprio esforço, lidar.

O encontro com muitas pessoas com deficiência, teóricas ou não, e também o encontro com pessoas sem deficiência aliadas a essa luta neste processo de doutoramento foi determinante para a minha construção de um corpo político, para a construção da deficiência não só de modo descritivo, como me apresentou Mingus (2018), mas também para a construção de uma mulher politicamente com deficiência.

Quando digo “descritivamente com deficiência”, refiro-me a alguém que tem a experiência vivida de ser pessoa com deficiência. Elas podem não falar sobre capacitismo, discriminação ou até mesmo se chamar de “com deficiência”, mas elas sabem o que é usar uma cadeira de rodas, sentir dor crônica, ter pessoas olhando para você, ser institucionalizada, andar com uma cinta, estar isolada, etc. Existem muitas pessoas que são descritivamente com deficiência que nunca se tornaram ou

se identificaram como “politicamente com deficiência”. Quando digo “politicamente com deficiência”, quero dizer alguém que é descritivamente com deficiência e tem um entendimento político sobre a experiência vivida. Quero dizer de alguém que tem uma análise sobre capacitismo, poder, privilégio, que se sente conectada e é solidária com outras pessoas com deficiência (independentemente da linguagem que você usa). Refiro-me a alguém que pensa a deficiência como uma identidade / experiência política, alicerçada na sua vivência descritiva. (O mesmo é verdade para descritivamente queer, descritivamente mulher não branca, descritivamente adotada e assim por diante) (MINGUS, 2018, s/p).

O encontro com a construção da tese foi também ocasião de construção de uma mulher politicamente com deficiência, que, como bem diz Mingus, construí aqui e na vida novas compreensões de corpo, de relação, de acesso, de cães-guias, de trabalho, compreensões essas mais possíveis de refletir nossa história e nossa resiliência, ao invés de refletir nosso opressor, nossa vergonha de nós mesmos ou uma aversão a quem somos.

A autora nos faz um convite para apostar em corpos e movimentos que derrubem e possam criar um caminho diferente para todas nós, não apenas para algumas de nós. Apostar numa feiura e magnificência ao invés de uma política de desejabilidade e beleza. Apostar na magnificência de um corpo que treme, que se espalha, que ocupa espaço, que precisa de ajuda, que se mexe, que esgueira-se, que manca, que baba, que é um corpo-com-cão-guia. Apostar no poder e na magia do feio, do magnífico, conhecendo as maneiras pelas quais mais temos sido temidos, vendo que nossa estranha feiura, nossas estranhas composições, são algumas de nossas maiores forças.

Neste processo de (re)subjetivação de minha deficiência política, chego a sentir um certo orgulho da figura estranha crip mulher-cega-com-cão-guia, sinto genuinamente, em muitos momentos, uma força e um orgulho pelos caminhos que a deficiência me fez percorrer, pelas profundezas nas quais mergulhei, pelos encontros que passei a ter, pela mulher-com-cão-guia que na qual a deficiência e os caminhos percorridos até aqui me tornaram. Esta tese é também sobre o feio, sobre o que há de magnífico nisso, sobre o estranho. É sobre inverter as ordens estabelecidas. É sobre abrir, aleijar, quebrar.

Esta tese é também sobre depender, sobre interdepende. Na companhia do trabalho Gesser (2021), de quem tenho me aproximado nos últimos tempos, e Fietz (2021), que conheci mais recentemente pelo trabalho que juntas publicaram, também ousar afirmar que esta é uma tese que aposta nos cães-guias como cuidadores, como aliados de uma ética do cuidado. No texto *Ética do cuidado e a experiência da deficiência: uma entrevista com Eva*

Feder Kittay, as autoras citadas acima conversam com uma importante teórica feminista para o movimento da deficiência. Na entrevista, Kittay, ao ser perguntada sobre a ética do cuidado, afirma que a mesma deve ser sempre uma política e uma ética. As relações de poder entre quem cuida e quem é cuidado estão todas imbricadas numa dinâmica de poder.

O que há de interessante em pensarmos desse modo a respeito do cuidado exercido pelos cães-guias é que, além de serem eles os cuidadores, pelo menos de modo compartilhado, o que inverte a lógica submissa aos quais os animais estão hegemonicamente submetidos e que foi discutida durante todo este trabalho, revela-se nessa relação a dependência e também a relação de interdependência com um animal, mais precisamente com dois cães. O que o trabalho deles coloca como questão aqui é o quanto eles, na dinâmica cuidado/cuidador, ocupam enquanto guiam um lugar de poder na nossa relação.

Esta é uma tese sobre a Psicologia como ciência, inclusive como uma ciência do cuidado. Junto com Galindo, Milioli e Melo (2016), digo que esta também é uma tese sobre uma *Psicologia Responsiva Para Com Animais*, como os autores intitulam o artigo companheiro desta pesquisa.

Nessa partição entre Psicologias Sociais e Etologias, os animais não humanos ficaram confinados, aparentemente, às perguntas que lhes foram dirigidas por psicólogos experimentais, sobretudo evolucionistas ou comportamentais, e se distanciaram dos psicólogos sociais, os quais se interessam pelo estudo da agência não restrita ao humano. Subtrair os animais das pesquisas em psicologia vem limitando suas possibilidades de ampliação e atuação, na contemporaneidade (GALINDO, MILIOLI e MELO, 2016, s/p).

É em sintonia com essa escrita que afirmo que esta tese é também de importante valor não só para o campo da deficiência, mas para uma Psicologia Social capaz de se abrir, de aumentar suas possibilidades de atuação e diálogo com as questões mais atuais. Há aqui uma indicação de virada ontológica apontada pelos autores que, se por um lado revela a supremacia humana sobre os demais seres, por outro revela uma dificuldade de sustentar as visões antropocêntricas do mundo diante do que eles chamam de "intrusão" de Gaia, que provoca deslocamentos em nossas vidas e consequentemente em nossos trabalhos. O trabalho que foi apresentado aqui também faz hesitar, balançar, balançar o que chamamos de humanos e animais.

Por fim, leitores, afirmo que este é um trabalho sobre a vida, sobre os encontros que libertam, sobre as dependências que produzem autonomia. É uma tese sobre o que é possível,

sobre a beleza de poder contar histórias e dividi-las com quem nos pode ler. Sinto que este trabalho foi escrito por muita gente. Com ele, não me senti sozinha em nenhum momento. Este trabalho foi escrito também por Pucca e por Astor. Só foi escrito porque foi com eles. Sem eles, esse trabalho não existiria.

10 - Referências bibliográficas

- ABREU, G. **Conversas entre deficiência e educação: Por uma política da interdependência nos cotidianos escolares.** Dissertação de Mestrado em Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, 2019.
- ALVES, C. A. e MORAES, M. **Entre histórias e mediações: Um caminho para acessibilidade estética em espaços culturais.** Psicologia: Ciência e Profissão, 38(3), 584-594, 2018.
- ALVES, C. A. e MORAES, M. **Proposições não técnicas para para uma acessibilidade estética em museus: Uma prática de acolhimento e cuidado.** Estudos e Pesquisa em Psicologia, v. 19, n. 2, 2019.
- ALVES, C. A. **E se experimentássemos mais? Um manual não técnico de acessibilidade em espaços culturais.** Dissertação de Mestrado não publicada. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, 2016.
- ALVES, Camila. **A cabocla da terra dos que veem com o corpo.** In: MONTEIRO, Ana Cláudia. **Processos Psicológicos: Perspectivas situadas.** EDUFF, 2021.
- ANDRADE, C.O. **Como começa um museu? Um estudo sobre os reflexos da interação entre museu e público.** Dissertação de Mestrado não publicada. Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense, 2020.
- BELARMINO, Joana. **O que percebemos quando não vemos?.** Fractal: Revista de Psicologia, v. 21, n. 1, p. 179-184, 2009.
- CARIJÓ, Filipe; MAGALHÃES, Juliana; ALMEIDA, Maria Clara. **Acesso tátil: uma introdução à questão da acessibilidade estética para o público deficiente visual nos museus.** Sobre a deficiência visual, 2012. Disponível em: http://www.deficienciavisual.pt/txt-Acesso_tactil_DV_museus.htm.
- DESPRET, Vinciane. **Que diriam os animais?: Fábulas científicas.** Ubu Editora, 2021.

DESPRET, Vinciane. **The becoming of subjectivity in animal worlds**. Subjectivity 23, 123-139, 2008.

DESPRET, Vinciane. **The body we care for: figures of Anthro-po-zoo-genesis**. In: Body & Society, Vol. 10 (2-3): 111-134, 2004.

FAUSTO, J. **A cosmopolítica dos animais**. Tese de Doutorado em Filosofia. Departamento de Filosofia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio, 2017.

GALINDO, Dolores; MILIOLI, Danielle; MÉLLO, Ricardo. **PSICOLOGIAS SOCIAIS RESPONSIVAS PARA COM ANIMAIS**. Athenea Digital, 16(2): 373-388 (julio 2016) - CARPETA-, 2016.

GAVÉRIO, Marco Antônio. **Medo de um planeta aleijado? – Notas para possíveis aleijamentos da sexualidade**. Áskesis, 2015.

HARAWAY, Donna. **A game of cat's cradle: science studies, feminist theory, cultural studies**. The Johns Hopkins University Press and the Society for Literature and Science. Configurations, p. 59-71, 1994.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Autêntica Editora, 2009.

HONORATO, Cayo. **Usos, Sentidos e Incidências da Mediação/Questões de Vocabulário**. In: CONGRESSO NACIONAL DA ANPAD, 2012. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio5/cayo_honorato.pdf. Acesso em: 20 de maio de 2015.

KAUFMAN, N. e TABAK, S. **Inclusão e mediação escolar: Norteadores para uma prática ética**. Educação Online, n. 22, p. 27-42, 2016. Acesso em: <http://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/263>.

KAUFMAN, N. **Mediação Escolar: Tecendo Pistas Entre Muitos**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, 2016.

KITTAY, Eva. **The ethics of care, dependence and disability**. Ratio Juris Vol. 24 No. 1, 2011.

MARTINS, Miriam Celeste. **Mediações culturais e contaminações estéticas**. Revista Gearte, v. 1, n. 2, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/52575>. Acesso em: 20 de agosto de 2016.

MINGUS, Mia. **Changing the Framework: Disability Justice**. Leaving Evidence, 2011. Documento eletrônico. Disponível em:

<https://leavingevidence.wordpress.com/2011/02/12/changing-the-framework-disability-justice/>. Acesso em: maio de 2020.

MINGUS, Mia. **Disability Justice is Simply Another Term for Love**. Leaving Evidence, 2018. Documento eletrônico. Disponível em: <https://leavingevidence.wordpress.com/2018/11/03/disability-justice-is-simply-another-term-for-love/>. Acesso em: maio de 2020.

NOGUERA, Renato. **Afro-anarquismo, malandragem e preguiça: Pandemia Crítica**. n-1 edições, 2020.

SANTOS, Tatiana. **Mas como toda opressão está conectada?**. In: LESSA, P. e GALINDO, D. **Relações multiespécies em rede feminismos, animalismos e veganismo**. EDUEM, 2017.

SUNAURA, Taylor. **Beasts of Burden: Animal and Disability Liberation**. The New Press, 2017.